

ANT-XIX-1240/3

244

CARTAS DA ANDALUZIA

Cu

Por

Ant. dos Santos Rocha

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA

SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO DE COIMBRA
E ADVOGADO

Ant. dos Santos Rocha
Coim. 1886

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1886



15000

23 cm
Composto de 2 vols. 1876

R-92891

BIBLIOTECA VOTIVAS
Gratias
BIBLIOTHECA VOTIVAS
Gratias
BIBLIOTHECA VOTIVAS
Gratias

CARTAS DA ANDALUZIA

POR

ANTONIO DOS SANTOS ROCHA

SOCIO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO DE COIMBRA
E ADVOGADO



COIMBRA
IMPrensa DA UNIVERSIDADE
1886

LETTERS BY J. D. B. M. A.

JOSE J. B. M. A.

JOSE J. B. M. A.

JOSE J. B. M. A.

JOSE J. B. M. A.

Março — 1882

A

MEU CUNHADO E AMIGO

JOSÉ JARDIM

Offereço.

Antonio dos Santos Rocha.

CARTA-PREFACIO

Lance a vista sobre o mappa da Hespanha, e examine com attenção todas as secções geographicas d'este paiz desde os Pyreneus e costas da Biscaia até Gibraltar: talvez nada o impressione tanto como essa região meridional que se acha limitada ao norte pela Serra Morena, ao sul pelo Mediterraneo e Atlantico, a leste pelas serras de Segura e Sagra, e ao oeste pelo Guadiana e fronteira de Portugal.

A circumstancia de estar cingida ao longo do littoral do Mediterraneo por uma elevada cadeia de montanhas, que parecem formar com aquellas serras um grande valle aberto para o lado do sudoeste; o numero consideravel de correntes d'agua que, derivando das vertentes interiores, se espalham em todas as direcções, e vão na maior parte junctar-se ao Guadalquivir; as extensas planicies que estas correntes atravessam; a sua pequena altura acima do nivel do mar; a visinhança da velha Lybia, que apenas dista de Gibraltar alguns minutos; a contiguidade do Mediterraneo, «a grande via, como diz Renan, onde se cruzaram todas as civilisações e todas as ideas»; e finalmente as dimensões e configuração das suas costas, que se prestam a faceis com-

municações com o resto do mundo: tudo isto parece indicar-lhe que está alli um dos mais bellos e ferteis paizes da Europa, e quiçá um dos mais interessantes sob o ponto de vista da historia e das tradições.

Consulte em seguida os historiadores, geographos e viajantes, e confronte o que elles dizem ácerca d'esta nesga do globo: reconhecerá facilmente que a supposição nada tem de exaggerada. Não só foi conhecida desde remotissimas eras, mas teve sempre uma reputação de belleza e de fertilidade que lhe mereceu os elogios dos poetas e dos prosadores, e a tornou muito disputada entre os povos do antigo mundo.

Os antigos chamavam a maior parte d'esta região *Betica*, do nome *Betis* por que era conhecido o Guadalquivir; e tambem *Turdetania*, por serem os turdetanos os seus mais numerosos habitantes.

Alguns pretendem que tanto o nome do rio como o do paiz derivam de *Beto*, um dos reis que governaram a Hespanha depois de Tubal; mas estes monarchas são inteiramente fabulosos, e por isso não pôde acceitar-se semelhante derivação.

A parte comprehendida entre o estreito de Gibraltar (o *Fretus Herculeus* ou *Gaditanus* dos antigos) e o Guadalquivir, ou entre aquelle e o Guadiana, antigo *Ana*, tinha entre os gregos o nome especial de *Tartesso*, que tambem applicavam ao primeiro d'estes rios, sendo por esse facto os habitantes denominados *tartessianos*, nome pelo qual os mesmos gregos depois designaram todos os povos da *Betica*. Verdade é que Plinio diz que o *Tartesso* era para os gregos *Carteia* e para os romanos a ilha de *Gades*; mas Strabão refere que Erathostenes dava aquelle nome ao territorio adjacente ao *Calpe* (Gibraltar), e que existia a tradição de ter havido tambem numa ilha do Guadalquivir uma cidade com o mesmo nome; o que mostra que a palavra *Tartesso* tanto se applicava á porção do littoral a que nos referimos como a cidades e rios nella existentes.

Diz-se que mais tarde a occupação dos vandalos foi a causa

de ser dado a toda a região o nome de Vandalia, de que se fez *Vandaluzia*, e por ultimo *Andaluzia*. Esta é, pelo menos, a opinião geralmente seguida; mas não falta quem diga que os arabes e berberes chamavam ao principio *al Andalos* só á península de Tarifa, por ser nesta que os vandalos embarcaram para a Africa; e que quando Tarik invadiu o paiz é que o nome foi applicado a toda a Betica e até a toda a Hespanha.

O Tartesso e a ilha afortunada de Erythia, onde pastavam os famosos bois de Gerião, figuram já nos cantos dos mais celebres e antigos poetas da Grecia. Homero falla do primeiro, collocando-o do lado aonde

*«Incidit Oceano lampas clarissima solis,
«Frugiferae noctem tellurique ingerit atram¹.*

Stésichoro, alludindo ás manadas de Gerião, diz:

*«Nata ex adverso fere inclytae Erytheiae
«Tartessi amnis ad fontes immensos argenteis radicibus
«In cavernae saxis.*

Anacreonte canta a longevidade dos felizes tartessianos nestes versos:

*«Non cornu Amaltheae mi,
«Non posco quinquaginta
«Centumque regnare annos
«Tartessis beatis.*

Strabão, no livro terceiro da sua *Geographia*, não se cansa de elogiar todo o paiz. Tratando, por exemplo, da região habitada

¹ Estes e os seguintes versos são extrahidos da versão latina da *Geographia* de Strabão.

pelos turdetanos, conta-nos que era admiravelmente rica, e abundante em todo o genero de productos, reunindo a estas vantagens a de os exportar facilmente, por causa do grande numero de navegantes que alli concorriam. Por elle sabemos tambem que esses productos eram metaes preciosos, trigo, vinho, azeite, cera, mel, pez, vermelhão, sal, lãs, gados, peixe salgado e caça.

Plinio o *naturalista*, que residiu na Peninsula desde o anno 69 até 73 da era christã, dá-nos a mesma noticia, dizendo que a Betica excedia todas as outras provincias pela riqueza da sua cultura e por um certo esplendor de fertilidade que lhe era peculiar, tornando-se muito especialmente afamada entre os romanos pelo ouro, vermelhão, chumbo e cobre Mariano, e pelos cardos que a cidade de Cordova fornecia para os banquetes de Roma.

Seis seculos depois de Plinio os arabes fallavam d'ella ainda com maior louvor. «E muito superior, diziam, a todas as regiões conhecidas; é a Syria emquanto á doçura do clima e á frescura do ar; é o Yemen pela fecundidade do solo; é a India pelas flores e aromas; é o Hedjaz pelas producções da terra; é o Cathay emquanto a metaes preciosos; é Aden pelos portos e costas».

E decorridos mais nove seculos um obscuro franciscano de Manteigas escrevia em Portugal estas notaveis palavras: «É julgada a Andaluzia ser a melhor provincia de Hespanha, assim pela razão dos portos de mar, como pelo clima e excellencia da terra, que produz todo o genero de fructos com grande abundancia. Os ares são temperados e a região salutar e fresca; pelo que os antigos lhe chamavam *Campos Elysios*, fingindo que alli iam viver as almas depois que passavam d'esta vida».

A maioria dos escriptores d'este seculo ainda se não desvia muito dos antigos, nem do escriptor portuguez do seculo xvii. Romey, por exemplo, na sua *Historia de Hespanha* traça com mão de mestre um extenso quadro em que apparece com novos e mais curiosos pormenores a Turdetania ou Betica de Strabão e de Plinio e o Andaluz dos arabes. Da região das *Alpujarras*, sobretudo, a

pintura que elle faz é seductora. No cimo das montanhas as neves eternas; na base o clima africano; a pequena distancia as paizagens do norte e as do meiodia: os picos e as quebradas dos Alpes, os musgos da Islandia, as plantas da Scandinavia e da Jutlandia, e os valles onde crescem as da Syria e da Arabia.

Alguns d'estes escriptores levam o elogio até muito alem dos limites do razoavel: chamam-lhe, como Mornand e Vilbort, *paiz maravilhoso*, onde reina uma primavera *eterna*, e onde os habitantes celebram uma festa *perpetua*. A darmo-lhes credito, dir-se-hia que o paraíso pagão, de que falla o historiador de Manteigas, ainda hoje alli existe.

Esta celebridade, porém, de que sempre tem gosado a região andaluza nada é em comparação da que ella adquiriu na historia dos acontecimentos que assignalaram a Peninsula. Ahi occupa um logar tão distincto, reúne tanta variedade de caracteres interessantes, que até aos fins do seculo xv poucos paizes da Europa poderão disputar-lhe a importancia.

Comecemos por essas edades remotas em que não rompem ainda os alvares da verdadeira historia. Posto que nada ahi posamos colher que deva entrar no dominio da certeza nem mesmo da probabilidade, é certo que muitos historiadores fazem surgir taes occorrencias da obscuridade d'esses tempos, que a nossa tentativa servirá ao menos para mostrar que a Andaluzia foi elegida para ser o theatro não só de honrosos feitos, mas ainda de honrosissimas fabulas.

Alguns, fundando-se numa passagem demasiadamente vaga do Genesis e noutra de Polybio, pensam que a povoação da Peninsula começou neste territorio. Tharsis, bisneto de Noé, veio habitar uma ilha do Guadalquivir, a que deu o nome de Tharseia, e que hoje corresponde ás ilhas *Maior* e *Menor*; e d'alli foi povoando as terras visinhas.

Esta mesma ilha, ou o territorio fronteiro, foi tambem considerada como a propria Tharsis aonde Salomão mandava a sua frota

carregar ouro e prata: o que Bruce, Cantu e recentemente Haeckel contrariam, dizendo o primeiro que a Tharsis de Salomão era Melinde na costa oriental da Africa, o segundo que estava situada na Arabia Feliz, e o terceiro que era Galla em Ceylão.

Sobre isto o que ha de notavel é existir com o nome de Tharsis uma elevada montanha na provincia de Huelva, entre os cursos superiores do Odiel e do Malagon; o que poderia considerar-se como vestigio do antigo nome do paiz.

Entretanto os que assim pensam esquecem inteiramente que a Tharsis de Salomão não só fornecia ouro e prata, mas tambem marfim, pavões e bugios, como declara o *Primeiro Livro dos Reis* no capitulo x, versiculo 22; e que seria muito difficil provar que as margens do Betis ou outro qualquer ponto da Peninsula tivessem podido fornecer semelhantes cousas.

Antigos escriptores portuguezes apresentam ainda outras versões sobre este assumpto. Gaspar Estaço, por exemplo, afasta a Tharsis ou Ophir para a ilha a que chama *Chryse*, na foz do Indo; e Manoel Severim de Faria affirma com um grande apparato de erudição que a Andaluzia foi povoada por habitantes de Lisboa, denominados turdulos, e depois turdetanos, que eram descendentes de Elysa, neto de Noé.

Uma outra tradição muito mais antiga, a dos gregos, mas que se refere a um periodo posterior ao facto da povoação do paiz, narra acontecimentos ainda mais extraordinarios. Hercules, querendo guerrear o filho do rei Chrysaorus, especie de Cresos da Iberia, veio ao occidente da Africa e separou os montes Calpe e Abyla, hoje Gibraltar e Ceuta, pondo em communicação o Mediterraneo e o Atlantico; obra que os sabios attribuem a um phenomeno puramente geologico. Depois passou á ilha de Erythia, nas proximidades de Cadiz; venceu alli o rei pastor Gerião, roubando-lhe os famosos bois que nasciam nos antros dos rochedos; e, subjugando em seguida toda a Hespanha, foi pelas Gallias, Italia e ilhas do Mediterraneo até á Scythia, onde fundou um reino. Herodoto, que conta alguns d'estes factos, diz tel-os ouvido aos

gregos que habitavam as costas do Ponto Euxino, hoje Mar Negro.

Semelhantes fabulas, que podem ser uma mystificação de acontecimentos verdadeiros em que interviessem os phenicios, não marcam o extremo limite da credulidade dos antigos. Elles acreditaram tambem que junto ao estreito teve logar um combate de gigantes que pretenderam escalar o ceu, e outros desvarios não menos extravagantes.

Mas se á Andaluzia não cabem na realidade as honras de ter sido o berço do povo hespanhol, a fonte das riquezas de Salomão, ou o theatro das façanhas do amante de Pyrene, póde talvez dizer-se que ella foi o berço da civilisação hespanhola, ou pelo menos uma das regiões da Peninsula onde esta primeiro se fez sentir.

Conta-se que por occasião do apparecimento dos phenicios o povo menos barbaro d'este paiz era o que sob o nome de turdo ou turdetano occupava o sudoeste da Andaluzia. Attribue-se isto á benefica influencia do clima, belleza e fertilidade do solo, circumstancias que se têm considerado como factores importantes na constituição da indole, costumes e grau de cultura dos diversos povos.

Alguns escriptores até affirmam, fundados numa passagem de Strabão, que esses turdos ou turdetanos tinham uma civilisação muito avançada, e tão antiga que datava de alguns milhares de annos antes de Christo; e não duvidam accrescentar que entre elles havia academias onde as sciencias eram cultivadas.

Semelhante opinião ainda hoje é acariciada pelo sr. Joaquim Guichot, auctor da *Historia Geral da Andaluzia*. Este escriptor não só acceita a hypothese d'aquella pretendida civilisação *muito adeantada* tanto sob o ponto de vista moral como material, mas faz remontar a sua existencia a 848 annos depois do diluvio ou 1500 antes de Christo, segundo o computo ecclesiastico, e por consequente a epocha muito anterior a Lycurgo, Solon e Numa Pompilio, tornando-a contemporanea do Pentateuco, do Livro de

Job, dos Vedas, e do apparecimento dos phenicios no littoral andaluz. Não repara o erudito historiador que Strabão falla dos turdetanos mais de dous seculos depois da conquista romana, e mais de quinze depois da colonisação phenicia; e que da antiguidade das leis d'aquelle povo apenas conta o que ouviu dizer. Eis como elle se exprime: «Estes (turdetanos) são tidos como os mais doutos de todos os hespanhoes: usam de grammatica, têm monumentos escriptos da antiguidade, poemas e leis escriptas em verso que datam (segundo dizem) de seis mil annos».

Assim, embora o sr. Guichot reduza estes seis mil annos a mil e quinhentos, para não ir, como bom catholico, alem do tempo que a Igreja marca á creação do mundo, apenas lhe fica, para prova da sua hypothese, uma vaga referencia do geographo grego ao dicto de outras pessoas; dicto que nem mesmo sabemos se teria os caracteres de uma tradição oral.

Por outro lado o mesmo historiador esquece que os turdetanos eram celtas, distinguindo-se ainda como taes no tempo de Strabão; e que nos monumentos celticos da região andaluza apenas têm apparecido objectos de uma arte muito rudimentar, verdadeiramente selvagem, e sem o menor vestigio de escripta, como se demonstra nas *Antiquidades prehistoricas da Andaluza* do illustre Gongora.

Se juntarmos a isto que os poucos dados historicos que possuímos ácerca de tão remotas eras são conformes em fazerem considerar os phenicios como o primeiro povo civilisado que veio estabelecer-se na Peninsula; e que uma civilisação, tal como a descreve o geographo grego, não se alcança senão depois de seculos de aprendizagem: não será desarrazoado concluir, contra o sr. Guichot, que os celtas da Turdetania começaram a sahir da barbaria sob a influencia dos phenicios, e que chegaram ao grau de cultura mencionado por Strabão passados muitos seculos, e talvez até só depois da conquista romana.

Fóra d'esta solução o que apenas póde acreditar-se é que os antigos turdetanos, por virtude das circumstancias climatericas

já indicadas, ou pela sua fusão com outro povo de indole mais pacifica, que por alli se achasse estabelecido desde tempos que escapam a toda a indagação historica, tivessem costumes menos ferozes do que os outros celtas da Peninsula, e porisso fossem mais doces á civilisação. O erudito Gongora, estudando os despojos encontrados na caverna de *Albuñol*, provincia de Granada, despojos que elle attribue aos mais antigos habitantes do paiz, isto é, aos antecessores dos proprios celtas e dos iberos, nota que não se encontraram alli nem nos logares circumvisinhos vestigios de culto sanguinario, e que aquelles troglodytas offereciam aos mortos flores, plantas, conchas, fragmentos de pedras vistosas, madeixas de cabello e outros objectos semelhantes; o que sem duvida faz presumir costumes muito simples e sentimentos ternos.

O proprio Strabão, que escrevia no tempo de Augusto segundo alguns, ou no de Tiberio segundo outros, gaba a indole especial dos turdetanos por estas palavras: «Accrescem á bondade do clima que desfructam os turdetanos a brandura e a civilisação, o que, segundo Polybio, é tambem commum aos celticos pela visinhança e parentesco, postoque em grau menor por habitarem d'ordinario em logarejos».

Seja, porém, como for, no que parece não haver duvida é que foi com os turdetanos e com os seus visinhos os Bastulos que os phenicios, primeiros civilisadores da Peninsula, travaram relações, talvez no xv seculo antes de Jesus Christo. Commerciando pelo littoral com os productos das industrias do seu paiz, e ganhando pouco a pouco os animos dos habitantes, foram estabelecendo feitorias em diversos pontos e introduzindo entre os naturaes as suas artes, industrias, religião, costumes e o uso do alphabeto; até que esta parte da Hespanha, pelas relações com a metropole phenicia e com as colonias da Africa, ficou definitivamente collocada sob a acção civilisadora dos povos orientaes.

Em um periodo, que a historia não limita, levantaram-se nas costas e nas margens dos rios diversas cidades que se tornaram

florescentes; o Guadalquivir foi navegado até Cordova; outras vias se abriram através das montanhas e das florestas; o commercio derramou-se pelo interior do paiz; os mineraes foram explorados com grande actividade; e os turdetanos tornaram-se tão ricos em metaes preciosos, que Amilcar Barca os encontrou a servirem-se de taças e toneis de prata.

Por isso se diz geralmente que a Hespanha foi para os phenicios o que mais tarde foram para os hespanhoes o Peru e o Mexico. E na verdade, se ha differença, é só nos meios que os hespanhoes empregaram para obter as riquezas d'estes dous paizes.

Passados muitos seculos, um deploravel acontecimento fez perder aos phenicios o predominio nesta região. Seus irmãos, os carthaginezes, egualmente ambiciosos e de indole menos pacifica, sendo chamados em soccorro da cidade de Gades contra os turdetanos, começaram a assenhorear-se das terras e povoações do littoral, talvez no 6.º seculo antes da era christã; acontecimento que alguns escriptores fazem coincidir com a segunda invasão dos celtas na Peninsula.

Sob o jugo d'estes novos senhores parece que a Andaluzia soffreu algumas vexações. Carthago extorquiui-lhe recursos em dinheiro e soldados para alimentar as guerras em que se envolveu, principalmente com os romanos. Mas, apesar d'isto, continuou ainda a florescer pelo commercio, agricultura e industrias, porque os carthaginezes eram commerciantes e dados aos trabalhos agricolas e industriaes como os seus antecessores, os phenicios.

A fortuna, porém, não os favoreceu muito tempo. Durante a segunda guerra punica os romanos, commandados por Cornelio Scipião, expulsaram-nos d'este bello e rico paiz, e nelle fixaram definitivamente o seu dominio pelos fins do iii seculo antes de Christo.

Desde esta epocha a Andaluzia entrou em um novo periodo de transformação. Os romanos fundaram nella muitas colonias, das quaes a primeira foi Carteia nas proximidades do Estreito. Cordova, Sevilha e outras cidades foram embellezadas, e rece-

beram os opulentos patricios; ao passo que as tropas se misturavam por toda a parte com os naturaes, e lhes inoculavam o gosto pela vida romana.

Entretanto as luctas sanguinolentas, a que o espirito de independencia arrastou os povos da Peninsula contra estes novos tyrannos, fizeram-se alli sentir profundamente. No anno 195 antes de Christo os turdetanos levantaram o grito de revolta e deram batalha ao pretor Appio Claudio Nero juncto a Sevilha; em 194 os lusitanos accommetteram alguns estabelecimentos romanos da Turdetania, e causaram-lhes muitas perdas; no anno 155 fizeram outro tanto commandados por Punico; e desde 153 foi a mesma provincia assignalada pelas heroicas proezas de Viriato, e depois pelas de Sertorio, esse vulto sympathico que primeiro poz em pratica o plano de civilisar a Peninsula, applicando-lhe as instituições de Roma.

Posteriormente achou-se envolvida na guerra civil. Cezar e Pompeu escolheram-na para theatro dos seus combates, e fizeram dos desgraçados habitantes as principaes victimas das suas ambições.

Só no tempo de Augusto é que começou a gosar de tranquillidade, e a confundir-se nessa grande assimilação que fez da Hespanha uma segunda Italia.

Durante o imperio a historia civil e politica d'este paiz regista os seguintes factos: — que desde Augusto a Betica formou uma provincia distincta, e foi considerada *senatorial*, por ficar sob o governo immediato do senado, que a administrava por um *Propraetor* com o titulo de *Proconsul*; — que progrediu rapidamente, chegando a ter no tempo de Plinio numerosas cidades, nove colonias, oito municipios, quatro *conventos* judiciarios — os de Cordova, Sevilha, Ecija e Cadiz; — que havia nella — «29 *civitates juris Latii*, 6 *civitates liberae*, 3 *foederatae* e 120 *stipendiariae*;» — que posteriormente Vespasiano concedeu o *jus Latii* a todas ellas; — e que, finalmente, muitos dos seus naturaes foram grandes ornamentos do imperio.

Tão rápida foi a assimilação que o geographo grego já mencionado, referindo-se ao povo mais numeroso da Betica, diz: — «Os turdetanos, porém, principalmente os das margens do Betis, tomaram de todo os costumes romanos, esquecendo até a propria lingua».

A historia ecclesiastica tambem refere que foi na Betica que appareceram os primeiros christãos da Hespanha, e que teve logar em tempo de Constantino o celebre concilio de Illiberis, formado pela maior parte de bispos da mesma provincia.

Todavia parece que em toda esta epocha a antiga prosperidade commercial da Andaluzia foi desaparecendo, graças á avareza e ás vexações dos romanos. Pomponio Mela, que vejo citado a proposito da questão da origem de Lisboa, referindo-se ás cidades do littoral andaluz, aliás tão ricas e florescentes no tempo dos phenicios e carthaginezes, escreve: «*In illis oris ignobilia sunt oppida, et quorum mentio tantum ad ordinem pertinet*». Este escriptor era hespanhol, natural de Mellaria, cidade situada na parte da costa andaluza entre Cadiz e o Estreito, e viveu no tempo do imperador Claudio. Se elle pôde ser accusado por Cantu e outros de ser um copista servil e não ter visto o que descreve, nem por isso é licito suppor-lhe tanta ignorancia que desconhecesse as cidades proximas do logar onde nasceu.

Verdade é que Strabão, como vimos, falla da exportação dos productos da Turdetania, e do grande concurso de navegantes que iam procural-os; mas note-se que, tratando das cidades do littoral andaluz, só Cadiz é elogiada *por causa das navegações*. Carteia era notavel pelo seu passado; Mellaria, Malaga, a cidade dos Exitanos (Sexi?) e outras pela abundancia do peixe salgado.

Não admira comtudo que a Turdetania fizesse no tempo d'aquelle geographo um commercio importante. O reinado d'Augusto pozera termo ás rapacidades dos governadores e nobres romanos e ás guerras que durante seculos tinham continuamente agitado a Peninsula; e estas circumstancias foram sem duvida muito favo-

raveis ao desenvolvimento de todas as industrias. Mas semelhante prosperidade foi de longa duração? Mantinha-se ainda nas cidades maritimas quando Mela escreveu? As vexações de todo o genero que soffreram os hespanhoes nos reinados de Tiberio, Caligula, Nero e Galba levam-nos a optar pela negativa.

De resto Bouillet, fundado em antigos escriptores, explicando o seu *Atlas de Historia e de Geographia*, depois de fallar da antiga prosperidade d'aquellas cidades, observa que a conquista romana foi causa da decadencia do commercio na Hespanha, e que só no tempo dos imperadores este tornou a adquirir um fraco alento.

Porisso não deve talvez ler-se sem reserva o que Adam escreve sobre os progressos materiaes da Hespanha, durante o periodo de 270 annos, decorridos desde a divisão da Peninsula por Augusto até Galliano.

Comtudo diz-se que, ainda depois das devastações dos francos no seculo III, Cordova e Sevilha rivalisavam pelas suas riquezas com as melhores cidades do imperio romano, e que Cadiz era muito frequentada por embarcações mercantes.

A este periodo de engrandecimento, porém, succedeu outro de destruição e de ruina. Nos principios do seculo V os alanos, vandalos e suevos invadiram a Peninsula; e depois de saquearem as melhores cidades andaluzas, como já haviam feito ás das outras provincias da Hespanha, dividiram entre si o territorio (anno 411), cabendo a Andaluzia á tribu vandala dos silingos.

O que soffreu toda a Peninsula com esta gente é geralmente sabido. Idacio resume todos os males nestas palavras:— «Os barbaros destruíram tudo com a maior ferocidade; a peste veio ajuntar os seus horrores a esta calamidade; a fome foi tão geral que os vivos foram obrigados a nutrirem-se de cadaveres».

Os wisigodos, commandados por Wallia, expulsaram depois estes barbaros e restituíram o paiz aos romanos; mas no tempo de Eurico foi definitivamente annexado ao imperio wisigothico.

Entretanto os romanos conservaram por muitos annos algumas cidades sob o seu dominio, principalmente no littoral andaluz. No tempo de Leovegildo foram-lhes tomadas as de Cordova, Medina Sidonia e outras; Sisebuto derrotou-os por duas vezes, e fez-lhes recuar os limites para o Algarve; e d'ahi foram afinal desalojados por Suintilla.

Durante o dominio dos godos a Andaluzia, convertida em condado, cuja capital era Sevilla, permaneceu na maior decadencia. A agricultura, o commercio e as industrias manufactureras foram desprezadas pelos barbaros, e os campos, as cidades e os portos de mar tornaram-se quasi desertos.

Neste estado, quando começava a segunda decada do seculo viii, os arabes, já senhores do norte da Africa até ao Atlantico, entrando por Gibraltar, invadiram-na sob o commando de Tarik; e, tendo vencido os godos em batalha campal, espalharam-se rapidamente por esta cubiçada provincia, e em seguida por quasi toda a Peninsula, que sujeitaram ao seu dominio.

As terras andaluzas foram distribuidas pelos diversos povos que compunham o exercito invasor. Algeziras e Medina Sidonia couberam ás tropas da Palestina; os persas tiveram Jerez de la Frontera; Sevilla recebeu os guerreiros de Hems, Cordova os de Damasco, Granada os do Irak, e Jaen os de Kinnesvia.

Um amirado foi instituido na Peninsula, e a séde do governo foi tambem fixada na Andaluzia. Abdu-l-aziz, filho de Musa, primeiro amir, teve por capital Sevilla; Ayub Al-lakhmi e seus successores deram a preferencia a Cordova.

Os effeitos d'esta nova dominação foram bem diversos dos que haviam produzido as anteriores. Os arabes eram um povo intelligente, laborioso e apto para todos os misteres da vida; e a Hespanha, sobretudo na grande provincia andaluza, offerecia um vasto campo á sua prodigiosa actividade. «Em menos d'um seculo, diz o insigne Le Bon, elles tinham arroteado os campos incultos, povoado as cidades desertas, levantado monumentos magnificos, estabelecido relações commerciaes com todos os outros povos.

Em seguida tinham-se dedicado á cultura das sciencias e das letras, traduziam os auctores gregos e latinos, e fundavam universidades que foram durante muito tempo os unicos fôcos intellectuaes da Europa».

Foi principalmente desde que o amirado da Peninsula se tornou independente com a elevação ao poder de Abdu-r-rahman, da illustre familia dos Benni-Umeyyas, que esta prosperidade começou a manifestar-se com extraordinario brilho. A riqueza publica desenvolveu-se rapidamente, graças aos longos intervallos de paz e á sabia e energica administração d'aquelle amir; e as principaes cidades andaluzas embellezaram-se, levantando palacios, mesquitas e outros edificios notaveis, e plantando formosos jardins. Sevilha foi do numero d'estas cidades, e tambem uma das que primeiro se converteram em centros de cultura intellectual.

Mas á cidade de Cordova foi que couberam nessa epocha os mais importantes melhoramentos. Abdu-r-rahman fez alli construir bairros inteiros, sumptuosos palacios, casas de moeda, banhos, e a celebre mesquita, *a grande Kaaba do occidente*, que ainda hoje é uma das maravilhas da architectura.

Hixam i e Abdu-r-rahman ii seguiram o seu exemplo. A agricultura, as artes, as industrias manufactureras, a litteratura, as sciencias, o ensino publico e o commercio foram objecto da particular solicitude d'estes monarchas, cujo governo parece não ter procurado outros fins que não fossem o engrandecimento e a felicidade dos seus subditos tanto musulmanos como mozarabes.

Muitas obras de utilidade e de aformoseamento continuaram a levantar-se por toda a parte, e principalmente na Andaluzia, séde do governo. Prescott, um dos escriptores que mais judiciosamente têm apreciado a civilisação dos arabes na Hespanha, apresenta quadros magnificos d'estes trabalhos. Edificios publicos de toda a especie, palacios, fontes, pontes, aqueductos, câes, hospicios, mesquitas e banhos, foram mandados construir pelos illustrados

amires, que rivalisaram em muitas d'estas obras com a grandeza dos romanos.

O paiz arborisou-se. Para os arabes, oriundos de climas ardentes, o arvoredo representava uma das mais preciosas commodidades da vida; e o solo da Andaluzia era excellentemente apropriado á sua cultura. Bosques e jardins foram por elles plantados nos campos, nos montes e no interior das cidades, e as aguas das serras e dos rios distribuidas em milhares de canaes, para alimentarem esta immensa vegetação.

A historia descreve-nos a residencia do arabe d'esse tempo nos termos mais seductores: a casa era cercada de bosques; tinha pateo interior rodeado de porticos e guarnecido de fontes, tudo isto aberto ao esplendido sol da Andaluzia.

Abdu-r-rahman III, primeiro amir que teve o titulo de kalifa, foi quem construiu o celebre palacio de Zahra ou Azzahrat, a cinco milhas de Cordova, no meio de jardins deliciosos. As maravilhas d'este monumento eram taes que difficilmente hoje se acreditam. As suas abobadas apoiavam-se sobre 4:300 columnas de marmores de Hespanha, Africa, Italia e Grecia; as paredes e os pavimentos eram revestidos com o mesmo material, exceptuadas as paredes da sala da audiencia que eram guarnecidas de ouro e de perolas; de ouro e de lapislazuli eram tambem os tectos, e os tanques de jaspe, fluctuando em um d'estes um cysne d'ouro com uma grande perola na cabeça.

No seu reinado doze mil aldeias occupavam as margens do Guadalquivir, explorando todos os recursos agricolas d'esta região; as industrias, principalmente a dos coiros em Cordova e a da seda em Sevilha, Granada, Jaen e outras cidades andaluzas, tinham adquirido um desenvolvimento prodigioso; e o commercio amontoava por toda a parte enormes riquezas.

Para fazer idea de tão extraordinario progresso basta notar estes factos: — que só os rendimentos que entravam no thesouro eram de muitos milhões de peças d'ouro, provindo principalmente dos direitos da entrada e saida das mercadorias, das vendas dos

immoveis e dos fructos da terra ; que os doze mil cavalleiros da guarda do kalifa tinham cintos e espadas guarnecidos d'ouro ; que no palacio de Zahra se dispenderam setenta e dous milhões de libras ; e que em um só presente feito pelo kalifa a um poeta este recebeu cem mil peças d'ouro.

Cantu, um dos maiores adversarios da civilisação dos arabes, vê-se forçado a reconhecer quanto elles engrandeceram este paiz. «Minas riquissimas, diz elle, eram exploradas em Jaen e nas nascentes do Tejo. Malaga e Beja forneciam rubis ; pescava-se o coral nas costas da Andaluzia e perolas nas de Tarragona. As aguas tinham sido distribuidas no interesse da agricultura por meio de trabalhos gigantes, que ainda existem. O arroz, o algodão e a amoreira faziam a riqueza do paiz ; a canna d'assucar, a palmeira, o pistacheiro, o açafão e a bananeira dos paizes remotos prosperavam ao lado da oliveira, da laranjeira e da vinha... Os productos das fabricas da Andaluzia saiam do porto de Almeria, onde entravam as mercadorias do Levante, principalmente pelo concurso dos judeus, que achavam nesta cidade uma protecção que se lhes recusava noutras partes : iam carregar aos portos de Cadiz e de Barcelona os generos mais preciosos.

«Assim os arabes, applicando-se ao mesmo tempo á agricultura, ao commercio e á industria, faziam prosperar as cidades e os campos».

O nosso sabio Alexandre Herculano, referindo-se a este periodo notavel da historia peninsular, apresenta-nos ainda sob outro aspecto o brilho do kalifado. «A corte esplendida de Cordova, escreve elle, era frequentada pelos homens mais celebres nas sciencias e nas lettras que possuia o islamismo, e a fama das grandezas e poder do kalifa obrigava os mais poderosos principes da Europa a enviarem-lhe embaixadas e a proporem-lhe alianças».

O reinado de Al-Hakem não foi menos prospero do que o dos seus antecessores. Este kalifa protegeu efficazmente as artes e

as industrias, e reuniu em Cordova uma bibliotheca de quatrocentos ou seiscentos mil volumes. Alguns comparam-no ao melhor dos Medicis: e na verdade a historia diz que elle se rodeou dos maiores sabios da epocha, e illustrou o seu governo com o grande impulso dado ás lettras e ás sciencias. Cordova chegou a ter oitenta escholas gratuitas, e a fama dos seus professores era tão grande, que não só de toda a Peninsula, mas dos paizes do norte e da Italia vinham innumeradas pessoas instruir-se com as suas lições.

Hixam II teve por ministro o illustre Mohamed Almansor, um dos maiores vultos do Islamismo na Peninsula, aquelle de quem um historiador hespanhol diz que entrou em cincoenta campanhas sem perder uma só batalha. O seu governo manteve Cordova na altura a que a tinham elevado os kalifas anteriores, sobretudo quanto á cultura das sciencias e das lettras. Mas, por morte d'este heroe, o imperio, dilacerado por continuas luctas entre os arabes e os indomaveis berberes, luctas que já tinham lançado a Hespanha musulmana na anarchia antes da independencia do amirado, caminhou a largos passos para a sua completa ruina. Os governadores das provincias foram-se tornando independentes do amir de Cordova; e quando o kalifado Benni-Umeyya acabou com a queda do pacifico Hixam III, em 1031, a Peninsula estava toda retalhada em pequenos estados, tendo os da Andaluzia por capitães Cordova, Sevilha, Malaga e Granada.

Entretanto estas divisões e estas luctas não diminuíram o ardor dos musulmanos pelo estudo: as capitães dos novos estados andaluzes tornaram-se outros tantos centros de actividade intellectual, que rivalisaram em adquirir o brilho da antiga Cordova.

O que principalmente soffreu foi o poder politico e militar dos arabes. Fraccionado o imperio, não poderam mais defender-se dos repetidos ataques dos christãos, apesar de chamarem em seu auxilio as tribus africanas. Fernando III de Castella começou a apoderar-se das mais ricas cidades da Andaluzia, e os seus

successores seguiram-lhe o exemplo. Para o meiado do seculo xiii já os musulmanos da Hespanha estavam reduzidos ao unico reino de Granada.

Este reino, porém, apesar de limitado num circuito de cento e oitenta leguas, devia exceder em prosperidade todos os anteriores, e resistir aos christãos por mais de dous seculos. O seu territorio abrangia veigas fertilissimas, montanhas onde abundavam metaes preciosos, e portos de mar excellentes. Uma população numerosa estava espalhada por toda a parte, explorando o solo, fecundando as industrias e alimentando um valioso commercio. Granada era o centro d'este grande movimento e o astro mais brilhante da civilização andaluza.

Os esplendores d'esta cidade e o prodigioso desenvolvimento que as artes e as industrias alcançaram no territorio da sua dependencia difficilmente aqui poderiam ser descriptos com minuciosidade. Basta dizer que tudo o que haviam produzido mais de cinco seculos de cultura na Hespanha musulmana alli foi recolhido e aperfeiçoado. A architectura levantou verdadeiras maravilhas, de que ainda hoje existem vestigios eloquentes; o commercio attrahiu ao paiz grande e variada multidão de estrangeiros; a industria da seda produziu tecidos primorosos, que em todos os continentes banhados pelo Mediterraneo tinham uma consideravel procura; e a agricultura foi tratada com tanto esmero, que o paiz se converteu num vasto jardim. A canna d'assucar guardava a veiga de Malaga, e alimentava o trabalho de numerosos engenhos; a vinha, a oliveira, a amoreira e outras arvores uteis cobriam as margens do Genil; os cereaes cultivavam-se por toda a parte.

Neste estado de prosperidade os rendimentos publicos attingiram a somma de 1.200:000 ducados, e as forças militares tornaram-se taes que poderam resistir a toda a Hespanha christã. Só a capital podia fornecer um contingente de 50:000 homens: e as praças e logares fortificados do reino eram em tão grande numero, que segundo um historiador excediam seis

vezes os que havia em toda a Peninsula no segundo quartel d'este seculo.

O movimento intellectual não foi menos notavel. Só na cidade de Granada e suas circumvisinhanças havia sessenta academias, onde ensinavam os musulmanos mais eminentes nas lettras e nas sciencias.

Mas o que caracterisava de um modo mais singular o governo granadino era uma certa tolerancia, tanto religiosa como civil e politica. Os estrangeiros viviam livremente entre os arabes, commerciando, ou simplesmente gosando do seu viver faustoso e sensual; os governos christãos eram tratados com a mais requintada cortezia; e os costumes musulmanos modificaram-se por tal forma, que as mulheres poderam gosar de muitas liberdades que até então lhes eram vedadas.

Quem sabe se, subsistindo este reino por mais alguns seculos, a historia nos daria o exemplo de uma monarchia arabe alterando as instituições do seu codigo fundamental?!

Felizmente os acontecimentos vieram a tempo de destruir em esta expectativa ultrajante para a memoria do Propheta. Mahomet dissera: «Cada nação tem o seu termo. Quando este se aproxima, não é dado aos homens fazel-o avançar nem recuar»; e o termo do reino granadino aproximava-se quando os arabes em 1481 surprehendam Zahara, nas margens do Guadalete. Os christãos tiraram uma vingança terrivel d'esta perda. Em 1482 a magnifica cidade d'Alhama caia em seu poder; e apesar dos reveses soffridos depois deante dos muros de Loja e nas montanhas da Axarquia, conseguiram em 1483 aprisionar nas margens do Genil o proprio monarcha granadino, Abu Abdallah, vulgarmente conhecido por Boabdil, fazendo-o assignar um tractado humilhante.

Em seguida Cartama, Ronda, Illora, Marbella, Moclin, a propria Loja, e outras muitas povoações e logares fortificados, com mais de vinte leguas de territorio, passavam tambem ao dominio dos reis catholicos.

Estes triumphos foram principalmente devidos ás discordias que lavravam entre os musulmanos. A guerra civil rebentara em Granada no reinado de Abul-Hacen; e o reino ficara dividido entre este monarcha e seu filho Abu Abdallah, governando aquelle em Malaga e outras cidades, e este em Granada com a maior parte do paiz. Depois, tornando-se o amir granadino odioso ao povo, por causa do tractado que fizera com os reis catholicos, foi substituido por seu tio El Zagal, que chegou a reunir todo o paiz sob o seu dominio; mas em breve Abdallah ateou de novo a guerra civil, e El Zagal, tendo soffrido em 1487 um revez combatendo os christãos, foi expulso de Granada, e alli reconhecido de novo Abdallah. Comtudo aquelle monarcha ainda conservou na sujeição Almeria, Velez Malaga, Baza, Guadix e outras povoações.

Naquelle mesmo anno de 1487 os christãos apoderaram-se ainda de Velez Malaga e em seguida de Malaga. Zagal tinha um alto empenho em soccorrer esta ultima praça, a mais importante depois de Granada; mas as suas tropas foram derrotadas pelo traidor Abdallah.

Em 1489 as bellas e ricas cidades de Baza, Guadix e Almeria foram tambem entregues por Zagal aos hespanhoes, e estes tornaram-se emfim senhores de todo o paiz sujeito a esse infeliz monarcha.

Em 1490 só restava aos musulmanos Granada, a mais rica joia da Andaluzia. Os reis catholicos fizeram intimar Abdallah para que lh'a entregasse, allegando o tractado que assignara quando prisioneiro; mas, recusando-se o mouro, o exercito christão foi pôr-lhe cerco no anno de 1491.

Afinal em 25 de novembro d'esse anno concluiu-se um tractado, pelo qual a cidade devia ser entregue, ficando os mouros com o direito de conservarem os seus bens, liberdade, religião, lingua, usos e costumes, magistrados proprios, de não pagarem impostos durante tres annos, e, findos estes, só pagarem os que costumavam cobrar os seus reis, e Abdallah com um pequeno reino nas Alpujarras, dependente de Castella,

Em consequencia no dia 2 de Janeiro de 1492 entraram os christãos na esplendida cidade, cantando hymnos, enquanto Boabdil saia chorando para o seu triste reino dos Alpujarras, que abandonava no anno seguinte para ir viver em Fez.

Assim acabou na Peninsula o dominio musulmano, que durara 781 annos. A christandade exultou de jubilo: cantou missas e acções de graças, fez procissões, representou farças, e divertiu-se por todos os modos. Mas a historia, que julga com imparcialidade tanto christãos como musulmanos, diz que com a queda do reino de Granada, as atrozes perseguições e final expulsão dos mouros a Hespanha perdeu toda a sua prosperidade.

Prescott resume esta catastrophe nas seguintes palavras: — «Um torpor, que é a imagem da morte, succedeu á actividade intellectual dos seculos precedentes. As cidades perderam a população que nellas se achava agglomerada durante a dominação musulmana. O bello clima não mudou, mas os campos não ostentam já as ricas e variadas producções d'uma sabia agricultura. Os mais interessantes monumentos que o paiz encerra são obras dos arabes, e o viajante, errando no meio das suas ruínas desoladas, mas magnificas, medita sobre os destinos d'um povo, cuja propria existencia parece hoje quasi tão imaginaria como a dos seres encantados que vivem nos seus contos de fadas».

Mr. Le Bon completa o negro quadro em termos não menos expressivos. «As sciencias, diz elle, as artes, a agricultura, a industria, e tudo o que faz a grandeza d'uma nação, desapareceram rapidamente. As grandes fabricas fecharam-se, a terra cessou de ser cultivada, os campos tornaram-se desertos... Todas as industrias se perderam a ponto de que, quando no começo do seculo XVIII, se quiz fundar em Segovia uma manufactura de lã, foi preciso mandar vir operarios da Hollanda».

Assim os arabes, conquistando a Andaluzia, derramaram nella todos os beneficios de uma das mais brilhantes civilisações que o mundo tem visto. Os descendentes dos godos, readquirindo-a depois de quasi oito seculos de lucta, não fizeram mais do que

arruinal-a: e Roma, a poderosa, a sapientissima, a infallivel, que festejou a grande victoria do catholicismo, e que possuia um vasto deposito de verdades eternas, capazes de tornarem o mundo feliz, não encontrou uma que ensinasse os catholicos hespanhoes a egualarem os inimigos da sua fé e a salvarem da ruina e da miseria um dos mais bellos paizes da Europa!

Cordova.

Imagine um campo immenso; no meio um rio mais largo e mais caudaloso do que o Mondego; na margem direita d'esse rio uma pequena eminencia; e sobre esta eminencia uma cidade. Tal é a situação de Cordova.

Para o lado do norte ergue-se a massa escura e imponente da famosa Serra Morena, que se prolonga de leste a oeste; ao sul fecha o vasto horizonte uma outra serra mais pequena; ao poente a planicie não tem limites.

Tudo parece indicar uma região fertil. Defende-a a colossal montanha dos ventos frios do norte; o Guadalquivir fornece-lhe aguas abundantes; e os terrenos, tão longe quanto a vista pôde alcançar, estão cobertos de verdes searas.

Mas se a terra, que é obra de Deus, sustenta ainda as suas velhas tradições de fecundidade, Cordova, monumento da industria humana, nada tem que possa comparar-se á cidade do passado.

Outrora foi rica e poderosa. Erguendo-se sob o energico impulso do povo mais industrioso e opulento da antiguidade, passou durante o dominio dos romanos a ser a predilecta dos nobres, e teve a honra de ser chamada a *Colonia dos Patricios*, ostentando então todo o fausto da civilisação romana. Foi depois

a capital do grande imperio musulmano do Occidente; durante este imperio o fôco das sciencias, das artes, das industrias e do commercio; e teve «no circuito de oito leguas sessenta palacios, duzentas e doze mil casas, oitenta e cinco mil lojas, novecentos banhos publicos, seiscentas mesquitas, setenta bibliothecas e dezoito estabelecimentos de instrucção»; e isto quando uma «sombria noite», como diz Prescott, envolvia toda a Europa christã.

Hoje está completamente transformada. As ruas são quasi desertas; os edificios têm geralmente um aspecto que indica pobreza, e parecem deshabitados; e o movimento das industrias e do commercio é tal, que passa desaperccebido aos primeiros olhares do visitante. Dir-se-ia um tumulto e não uma cidade.

Cousa notavel! Todas as devastações dos barbaros não impediram que ella se tornasse em poder dos arabes a illustre rival de Damasco; enquanto que, passando ao dominio dos hespanhoes com o exemplo dos esplendores que creara aquelle povo, não experimentou senão decadencia e ruina.

Tamanha transformação, se não nos faz desgostar inteiramente do mundo, como S. Bento á vista de Roma decrepita e arruinada, faz-nos pelo menos pensar que o mundo teria talvez aproveitado mais com a continuação do kalifado em Cordova do que com o governo christão dos hespanhoes na mesma cidade.

Cordova.

Ruas geralmente estreitas e tortuosas; alguns edificios com pateos internos; outros com janellas e portas exteriores em arco de ferradura; e um grande numero com sacadas nas janellas. Tudo faz lembrar os arruamentos e architectura dos arabes.

Algumas ruas têm nomes de personagens celebres na historia da cidade, ou derivados de antigos estabelecimentos arabes que nellas existiam: taes são, por exemplo, as de *S. Fernando*, dos *Banhos* e de *Ambrosio de Morales*, e o *passeio do Grande Capitão*.

Outros logares são celebrados pelas tradições. Aqui o terreno onde o insigne Abdu-r-rahman plantou a primeira palmeira que cresceu no solo da Hespanha; alem o theatro das execuções de alguns martyres christãos durante o dominio musulmano; mais adiante o sitio onde existiu o palacio dos opulentos kalifas. Digo — sitio — porque os christãos não nos deixaram no chamado *Alcaçar Velho* senão alguns restos de muros, duas torres arruinadas, dous tanques onde podiam ter-se banhado as formosas odaliscas, mas que hoje servem de prisão a numerosas familias de barbos, e algumas laranjeiras que os guias nos apresentam como raros exemplares da antiga flora mourisca.

D'essas tradições algumas, como as da palmeira e dos marty-

res, fazem-nos sorrir quando nol-as contam. Plinio affirma que já no seu tempo a palmeira se cultivava nas costas da Hespanha — «*Ferunt in maritimis Hispaniae fructum, verum immitem*»; e as melhores auctoridades historicas dizem que os suppostos martyres, justicados em Cordova, foram uns pobres fanaticos que se haviam tornado reus de graves offensas á religião e usos dos arabes.

Diversos monumentos assignalam tambem as epochas mais notaveis da historia peninsular. São a famosa mesquita, obra que só por si explica toda a civilização agarena nos primeiros tempos da conquista; a ponte de pedra sobre o Guadalquivir, que uns attribuem aos romanos e outros aos arabes, e as muralhas e torres, obra de romanos, arabes e christãos.

No Museu alguns objectos das mesmas epochas. Notam-se sobretudo os de origem arabe, como vasos de barro cosido, semelhantes aos desenhos que tenho visto dos que ainda hoje se usam no Egypto, um bocal de cisterna, fragmentos de frisos, ornatos e arabescos, dardos de ferro, eguaes ás zagaias que posuo de certos povos da Africa oriental, e muitos outros de não menor importancia.

Outros monumentos apenas alcançam os tempos posteriores á reconquista. Pertencem a esta classe as obras de estylo gothico, mudejar e da Renascença, que se encontram em diversos edificios, e de que ha numerosos exemplares na Peninsula.

Emfim até na nomenclatura geographica se notam vestigios do passado. Sirva de exemplo o nome do rio que banha a cidade, derivado das palavras arabes *Wadi-al-Kibir*, que, segundo os entendidos, querem dizer *grande rio*.

O proprio nome de Cordova, a crer certas auctoridades, parece indicar a fundação da cidade pelos primeiros civilisadores da Hespanha. Diz-se que é corrupção de *corteba*, palavra phenicia; e esta ethymologia pôde acceitar-se, attendendo a que o chronista Morales affirma ser «*uso muy antiguo de Hespaña corromper siempre todos los nòbres propios con mudarlos y acortal-os algo de su verdadera origen y principio*».

Eis o mais interessante de Cordova. Alguns monumentos, numerosas recordações: vestígios de gerações extinctas, pallidos reflexos d'um passado que occupa as mais brilhantes paginas da historia da Hespanha.

Cordova.

Entra-se no edificio da antiga mesquita por um grande pateo guarnecido de lorangeiras e de fontes.

O recinto faz lembrar os pateos, muitas vezes descriptos, das mesquitas do Cairo e outras cidades do Oriente, onde os crentes repousam á sombra das arvores e se preparam para a oração por meio de abluções.

Lá dentro ergue-se um bosque de palmeiras de troncos brancos, verdes, amarellos e violaceos, e de duas ordens de cupulas sobrepostas, recurvadas em arcos de pleno cimbrío, apresentando aqui e alli côres alternadas.

Uma luz tenue banha o primeiro plano d'esta flora petrificada: ao longe troncos e cupolas são envolvidos na escuridade.

Em certos momentos o silencio é profundo: nem o mais leve movimento, nem o murmurio de uma oração.

Outras vezes uma porta range bruscamente, ou soam alguns passos sobre o pavimento: dir-se-ia que um tronco cede ao peso que o opprime ha tantos seculos, ou que alguns ramos caidos estalam sob os pés do viandante.

Quando o espirito chega a absorver-se inteiramente na contemplação d'este colosso, parece que alli, naquelle dedalo sombrio

e immenso, onde os fustes e as curvas dos arcos se succedem indefinidamente, se reflecte alguma cousa mysteriosa, solemne, grande e imponente.

— É a idea de Jehovah, o Deus do templo de Salomão; Deus unico, immenso e terrivel, que no meio das trevas presidia aos destinos do mundo.

— É a idea d'esse ser mystico, grandioso e omnipotente, perante o qual outr'ora a multidão dos ferventes musulmanos se prostrava cheia de terror no meio das 1093 columnas d'este templo.

Eu não sei como certos criticos podem afirmar desasombradamente que os arabes não tiveram architectura religiosa. Cada religião tem a sua architectura, como a historia e a razão demonstrem. Desde a simplicidade dos *menhirs* e dos altares druidas até ao estylo mais complicado e mais florido dos templos christãos ha uma variedade enorme de formas, que correspondem a ideas religiosas muito diversas: e cada uma d'essas formas constitue indubitavelmente um systema de architectura religiosa.

A meu ver, desde que um povo tem uma combinação de traçados architectonicos com que symbolisa nos templos o principio ou principios fundamentaes da sua religião, pôde dizer-se que elle possui uma architectura religiosa.

E os arabes estão neste caso.

Pôde a sua architectura não agradar a todos, ou por serem diversas as crenças que ella exprime, ou porque se desvia de certas formas preferidas; mas nem por isso deixa de convir ao povo e á religião a que pertence.

Para um systema religioso, que proclama o monotheismo puro, que considera Deus uma potencia infinita, despotica, caprichosa e terrivel, e que desterra esse ser omnipotente para o *fundo das trevas impenetraveis da sua unidade absoluta*, que templo poderia ser mais adequado do que aquelle que pela sua vastidão, pela successão indefinida e caprichosa das formas interiores, pelo aspecto illimitado das naves e pela ausencia absoluta de imagens, eleva o espirito do crente até aos seus dogmas fundamentaes?

Querer ir mais longe, querer, por exemplo, que o Deus de Mahomet habite as naves do templo musulmano, é exaggerar as pretenções da architectura. Por mais que se imagine e estude, nunca esta arte, finita como o homem que a inventou, pôde realisar semelhante perfeição. O que pôde é favorecer as nossas illusões, dar mais ou menos alimento á imaginação; e sob este ponto de vista a mesquita satisfaz tanto a uma consciencia mahometana, como a cathedral gothica a uma consciencia christã.

A falta de imagens, sobretudo, faz realçar o character symbolico do templo islamita. Mahomet, prégando a unidade absoluta de Deus, declarara guerra cruenta á idolatria; e d'ahi resultara a prohibição das representações materiaes da divindade e até dos objectos da natureza como motivos de ornamentação.

Esta prohibição tem sido classificada de ignorancia, e diz-se que era contraria ao progresso das bellas artes; mas a verdade é que se conforma inteiramente com os principios religiosos do Propheta. Se não havia senão um Deus, e esse era um puro espirito, invisivel e infinitamente grande, como represental-o por imagens? Indubitavelmente estas só serviriam para favorecer a idolatria.

De resto aquella accusação é demasiadamente arrojada. Lembremo-nos d'estas palavras divinas, consignadas no Exodo:— «*Não farás para ti imagem de vulto, nem alguma semelhança do que ha arriba no ceu, nem abaixo na terra, nem nas aguas debaixo da terra*». E lembremo-nos tambem d'aquelle canon do concilio de Illiberis, que declarou prohibida a collocação de paineis e pinturas de imagens nas igrejas de Hespanha, doutrina que provocou mais tarde os raios ecclesiasticos contra Leão, o Izauro, e contra todos os iconoclastas.

Mas não é sómente no seu conjuncto que a mesquita de Cordova attinge uma certa perfeição symbolica: é tambem nos detalhes.

Quando nos aproximamos do *Mihrab*, o *sancto dos sanctos* do templo mahometano, depara-se-nos um extranho quadro. Os arcos

mais adornados e graciosos cruzam-se e estreitam-se para formarem uma especie de vestibulo: as linhas descrevem curvas infinitas. Lá dentro uma profusão de decorações singularmente dispostas: pequenas columnas e arcos trilobados, ornatos bysantinos de formas caprichosas, inscripções em caracteres arabes, magnificos mosaicos.

Tudo isto brilha extraordinariamente, e devia arrastar a imaginação do fiel musulmano para as phantasticas maravilhas do paraíso de Mahomet.

Quanto a nós o aspecto d'este pequeno templo encanta-nos pela originalidade, belleza dos traçados e perfeição do trabalho; o que já não é pouco.

E porisso eu digo que o povo que delineou e executou tal obra não só tinha uma architectura religiosa, mas ia mais longe do que alguns criticos modernos, que consideram a utilidade como o fundamento da esthetica architectural.

Cordova.

Quando resolveram edificar a mesquita de Cordova, os arabes disseram : — «Levantemos a Kaaba do Occidente no proprio logar de um templo christão, que tenhamos de destruir, para que caia a Cruz entre destroços, e se erga o Islam radiante».

E logo uma igreja christã foi inteiramente arrasada, para dar logar ao grande templo islamita.

Mas, depois de convertido este templo em cathedral, os padres de Cordova disseram : — «Levemos a destruição ao centro d'esta maravilha do Islam, para que tenhamos um coro e uma capella-mór dignos da religião do Crucificado».

E as columnas de marmore, os elegantes arcos de ferradura e os tectos de madeiras preciosas caíram em pedaços, para darem logar ao edificio christão.

Assim os arabes do seculo viii, os pseudo-barbaros, foram mais coherentes e mais sensatos do que os padres hespanhoes do seculo xvi. Construíram um templo puramente musulmano no logar de um pobre templo christão; e a sua obra foi tal que deixou a memoria d'este na escuridade. Os padres de Cordova mutilaram inutilmente uma verdadeira maravilha da architectura, e afinal formaram um templo que é metade mahometano e metade christão!

D'aqui o mais estranho contraste que pôde imaginar-se! Sob o mesmo tecto a manifestação symbolica do monotheismo absoluto e simples e a do mystêrio da Trindade; — o sanctuario de um Deus despotico, vingativo e terrivel, e o de um Deus de misericordia; — recordações de uma religião de prazeres e a imagem de uma religião de privações e de soffrimentos; — a expressão de um culto sem apparato e a de um outro cheio de solemnidades; — o vulto do propheta da Arabia ao lado de Jesus Christo!

Singular maneira de comprehender a architectura religiosa! Fatal aberração, que, menosprezando as formas privativas de cada culto, mistura todas as concepções religiosas e todas as crenças!

Entretanto, se abstrahirmos d'esta desharmonia, forçoso é confessar que o monumento christão é magnifico tanto no conjuncto das suas formas geraes como nos detalhes.

Censuram-no alguns, porque reúne uma mistura decadente de estylos architecturaes; mas para os que attendem de preferencia ás suas crenças religiosas, estas minudencias artisticas passam desaperecebidas.

Para elles o templo é verdadeiramente grandioso e expressivo. Logo no seu plano fundamental vêm a forma da cruz latina, symbolo da redempção pelo sacrificio; e na imponente gravidade das suas proporções e escolha dos meios decorativos uma solemne manifestação da grandeza do Ente Supremo e das magnificencias do seu culto.

Para elles a nave arroja-se para o ceu, levando ao Altissimo as supplicas dos fieis; a luz brilha no alto como se fora a imagem da Esperança na clemencia divina; e a obscuridade que reina junto ao pavimento recorda as tribulações d'esta vida.

Para elles o recinto é como um vestibulo do ceu: — imagens sagradas, altares e ornamentos brilham a seus olhos com um sancto fulgor, e exprimem sublimes e divinaes harmonias os sons dos órgãos e os cantos dos sacerdotes.

Eu creio que nada mais é preciso para constituir um templo

christão. Desde as bellas esculturas do coro até ao retabulo da capella mór, desde as louzas sepulcraes até aos arcos das abobadas, tudo nos falla da religião do Crucificado.

E este mundo de impressões, que certos criticos podem não sentir, porque os templos não se fizeram para elles, é o mais solemne testemunho de que a arte, para servir a religião, tem muitas vezes de abandonar o rigorismo classico.

Cordova.

Cordova é triste, muito triste !

Quem percorrer as ruas mais desviadas quasi se esquece que está entre os vivos.

Nos logares mais centraes o movimento da população é tal, que apenas pode comparar-se ao de uma grande aldeia.

Os habitantes passam graves e silenciosos como automatos : as janellas e os balcões conservam-se cerrados, como se ninguem existisse no interior dos edificios.

Durante horas não se ouve um riso, um canto, um signal de alegria : apenas o som de passos, o ranger de uma porta que abre ou fecha, o ruido que sahe de um estabelecimento qualquer.

Nos campos uma solidão e um silencio que nos impressionam dolorosamente : dir-se-hia que estas searas nascem e crescem sem o menor auxilio do braço do homem.

À noite mais alguma animação : muitas mulheres que passam, fallando e gesticulando com vivacidade ; uma charanga que geme lastimosamente ; alguns mendigos que nos intimam para lhes darmos esmola ; o susurro lugubre e monotono que sahe d'um café.

E todavia Cordova conta mais de 40:000 habitantes, e é a capital d'uma provincia andaluza !

Sevilha.

Até aqui nada que se assemelhe aos desertos de areias, cardos e rochas, que alguns dizem ter encontrado na Andaluzia.

Nada que nos auctorise a dizer que os rios não têm agua, que as planicies são aridas, e não têm arvores, nem casas, e nem um canto de cultura, que denuncie a civilisação.

Nada emfim que nos leve a pensar dos hespanhoes o que os arabes diziam dos turcos: — «a herva não brota mais na terra que foi pisada pelo turco».

Tanto quanto póde apreciar-se no rapido trajecto pela via ferrea, o paiz entre Cordova e esta cidade apresenta quasi por toda a parte signaes de industria e de fertilidade. São geralmente grandes e vigorosas searas que se estendem a perder de vista; nalguns logares olivaeas, pomares de lorangeiras e outros arvores, sobretudo em Cordova, Almodovar do Rio e suas proximidades, Palma, e entre esta cidade e Sevilha; e noutros grandes prados naturaes, com destino, diz-se, á criação de gado.

Em toda esta região encontram-se o Guadalquivir e seus confluentes, o Guadiato, o Bembezar, o Genil, o Guadavalcar e outros, que conduzem abundantes aguas; e de longe em longe vêem-se erguer no horizonte os tectos e campanarios d'alguma

povoação, dominados ás vezes pelas ruínas pitorescas de um velho castello.

Tudo isto não será bastante para os poetas, nem para os homens do norte, cujos olhos, segundo Taine, «têm necessidade da universal frescura e da suavidade da vida vegetal», e nem para os antiquarios que porventura desejassem ver a Hespanha coberta de florestas como no tempo de Strabão; mas tambem esta falta de conformidade com todos os gostos não basta, a meu ver, para se tratar o paiz como se fôra a terra da Desolação.

Os factos, tantas vezes notados, de estes campos serem vastas solidões e os povoados muito distantes podem ter uma explicação historica. Os romanos, que dominaram durante muitos seculos a Peninsula, seguiam precisamente este systema. Entre elles não existia a vida social dos campos: tudo se concentrava nas cidades. «As terras, diz Guizot, cultivavam-se, porque isso não podia deixar de ser; porém não estavam povoadas. Os proprietarios d'ellas eram os habitantes das cidades, os quaes sahiam a inspecionar as suas granjas, onde conservavam frequentemente certo numero de escravos».

Bem poderia a Hespanha christã ter-se emancipado d'estas tradições, se porventura houvesse seguido o exemplo dos arabes, que fundaram por toda a parte numerosas povoações, destinadas á exploração agricola do solo; mas infelizmente o genio laborioso e colonizador d'este grande povo não passou para os seus successores.

Prova isto contra a civilização hespanhola? Talvez. Se é verdade, como pondera o insigne Alexandre Herculano, que «as aldeias, as granjas, as habitações insuladas por meio dos campos presuppõem extremo aperfeiçoamento na vida civil», a Hespanha poderá considerar-se um paiz atrasado.

Mas por outro lado não deve esquecer-se uma circumstancia importante: e é que não se demonstrou ainda que o aperfeiçoamento da vida civil dependa absolutamente das aldeias, das

granjas e das habitações espalhadas pelos campos, de modo que a falta d'estas seja um indicador seguro da falta d'aquelle.

Seria entretanto um erro attribuir o estado do paiz unica e exclusivamente á causa que fica mencionada. Devem existir outras; e uma d'ellas será o facto de a propriedade territorial se achar agglomerada em poder de algumas familias e corporações. Se ella estivesse dividida, se os proprietarios fossem muito numerosos, naturalmente a população, no proprio interesse, iria fixar-se nos campos, afim de prestar á terra todos os cuidados que a industria agricola reclama.

Sevilha.

O que primeiro nos impressiona em Sevilha é esta grande rede de ruas estreitas e angulosas que formam uma parte consideravel da cidade.

Nenhum plano, nenhuma regra uniforme parece ter presidido á construcção d'este labyrintho. As grandes e espaçosas arterias faltam: as pequenas cruzam-se irregularmente como as nervuras de uma folha.

As linhas dos edificios são umas vezes quebradas, e outras curvas; e ha algumas tão irregulares que parecem obra de puro acaso.

Pretende-se corrigir este defeito, limitando o leito das calçadas entre linhas mais ou menos regulares de passeios lateraes; mas o systema obriga os que transitam por estes ultimos a frequentes evoluções. Ora é algum cunhal saliente que obsta á passagem, ora é o passeio que vai estreitando a ponto de ficar reduzido a alguns centimetros.

Estas ruas são geralmente humidas. O sol não penetra alli senão durante algumas horas; e neste tempo ha sempre um extranho contraste de luz e de sombras.

Grande numero de casas, talvez a maior parte, têm balcões e *miradores* sobre a rua. No interior ha bellos pateos rodeados de

arcadas e guarnecidos de plantas e de fontes. Muitos d'estes edificios são luxuosos. Os pavimentos, as columnas, as archivoltas e as fontes são de marmore, e as portas dos vestibulos em grade de ferro de um trabalho custoso e elegante.

Os estabelecimentos commerciaes e industriaes contam-se por centenares. Ha ruas inteiramente occupadas por elles, e alguns tão ricos que nos dão uma alta idea da prosperidade de Sevilha.

Eu nunca vi espectaculo mais interessante. Quando se tem percorrido esta parte da cidade, olhando detidamente as sinuosidades das ruas, os balcões, os *miradores*, os pateos, as galerias, as fontes, os innumerados estabelecimentos, o bello azul do ceu que se alonga infinitamente entre as linhas dos edificios, aspirando os aromas que saem dos pateos cobertos de flores, ouvindo os milhares de ruidos que produz o trabalho de uma grande população, e afinal se descobre ao fundo de uma rua algum gracioso grupo de palmeiras, parece que um brilhante refléxo do mundo oriental illumina Sevilha, e que a cidade arabe do seculo xiii subsiste ainda.

Mas este typo tão original não é o unico. Encontram-se por outro lado ruas largas e regulares, praças espaçosas, bellos passeios guarnecidos de frondosos arvoredos, e construcções pertencentes a diversos periodos da civilisação hespanhola.

Nada pôde dar-lhe idea d'esta immensa variedade: é preciso ver. Aqui uma rua de casas antigas, sem pateos, mas com balcões salientes. Alli a Praça Nova, grande rectangulo de casas modernas e symetricas, tendo a um lado o edificio do *Ayuntamiento*, cuja fachada de leste, estylo de Renascença, é tida como uma obra prima de architectura e de arte decorativa. Alem a Giralda, monumento da arte arabe, cuja belleza fez exclamar a um poeta:

*Tu, maravilla octava, maravillas
A las pasadas siete maravillas;*

e que uns dizem ter sido construida por Huever no anno 1000,

afim de servir de observatorio, outros por Yacub Almansor nos fins do seculo xii, para servir de minarete á mesquita que levantara naquelle sitio o seu antecessor, e talvez tambem para perpetuar a memoria da batalha em que derrotou os christãos proximo de Alarcos. Contigua encontra-se a cathedral, majestoso edificio de estylo gothico, construido no seculo xv sobre as ruinas do templo mahometano. Fronteiro á cathedral o edificio da Bolsa ou Consulado, de ordem toscana, pertencente ao fim do seculo xvi; e muito proximo o celebre Alcaçar começado por Abu-Yacub-Yusuf no anno 567 da egira e continuado por Yacub Almansor. Mais adeante, no meio de vastos passeios, ruas e jardins, traçados segundo as exigencias da vida moderna, a Fabrica de Tabacos, edificio enorme, com proporções de fortaleza, sem ornatos e sem a belleza que resulta da força, pertencente ao reinado de Fernando vi, e o Palacio de S. Telmo, coroado de torres, cuja fundação data do seculo xvii.

Para encontrar todas estas cousas não é necessario andar muito: basta fazer um trajecto talvez não superior a 900 metros na parte meridional da cidade. Não lhe parece um grande museu em um pequeno espaço?

De resto tome isto apenas como exemplo. O passado deixou em Sevilha numerosissimas e profundas raizes, e estas conservam muita vida ao lado das que vai criando a civilização moderna: o que me faz crer que a lei de Darwin não tem aqui sobre esta ordem de cousas senão uma influencia muito lenta.

Sevilha.

É sabido que a architectura gothica se distingue principalmente pela grande elevação dos edificios, e pelo seu conjuncto pyramidal, que resulta do emprego da ogiva, do triangulo e das flechas.

Este systema de construcções com todos os seus accessorios não tem o merito de agradar a todos. Os que são aferrados ás formas classicas deprimem-no, condemnando-lhe as frontarias desproporcionadas, cheias de recortes, nichos e estatuas, o aspecto desagradavel dos contrafortes exteriores, as columnas e pilares muito variados, altos e delgados, ás vezes sobrecarregados de ornatos, os capiteis de folha de couve ou de figueira, as nervuras salientes das abobadas, e a superabundancia das decorações.

Outros admiram-no, encontrando a unidade e a harmonia nesta immensa variedade, e vendo nelle symbolisado o pensamento mystico de uma especie de Jerusalem aerea, uma ardente aspiração ao ceu, manifestando-se em todas as formas ponteagudas e arrojadas.

Não podendo entrar nesta questão, que pertence inteiramente aos technicos, sinto comtudo uma certa predilecção pelo gothico, quando applicado aos edificios religiosos. Este estylo nasceu numa epocha excepcional da historia — a idade media —

em que as crenças religiosas na Europa eram tão ardentes, que chegaram a degenerar no mais feroz fanatismo: e nessa epocha todas as artes tinham por fim principal manifestar aos povos ignorantes, por formas sensíveis e apropriadas, os symbolos da fé christã. D'aqui resultou que o templo gothico correspondeu por um lado a uma grande exaltação da fé, e por outro a uma imperiosa necessidade de fallar aos sentidos: e sob estes dous pontos de vista parece que nenhum outro foi tão bem succedido, e por conseguinte não mereceu com mais justiça o nome de templo.

É isto o que eu tenho pensado á vista da cathedral, que os eruditos consideram como uma das maravilhas no genero. Todas as suas formas são grandiosas, cheias de majestade, imponentes. O homem parece um verme no meio das suas naves, um ponto na immensidade do mundo que encerram as suas paredes. Para qualquer lado que elle se volte, senté-se confundido e acabrunhado. A altura dos pilares, a vastidão do recinto, o aspecto das arcadas, tudo enfim se impõe fortemente ao seu espirito, insinuando-lhe a idea de um poder sobrenatural, immenso, infinito.

Eu nunca presenciei espectaculo semelhante. Uma luz tenebrosa banha a parte inferior da basilica onde nos achamos: dir-se-hia a imagem sombria e dolorosa do peccado. Lá em cima parece luzir a redempção nas côres suaves e melancolicas dos vidros e nas imagens de Christo, d'esse bondoso Christo que ama e perdôa. Ao fundo a escuridão; mas uma escuridão tremula, vacillante, que se dissipa á medida que avançamos, para nos deixar ver a veneranda e resplendente imagem de alguma pessoa divina.

E — cousa notavel — não se sente o menor symptoma do peso descommunal que opprime este colosso. Os seus enormes pilares não parecem supportar as abobadas, nem estas cobrir o espaço do recinto: dir-se-hia antes que tudo isto se arroja para o ceu, como a alma fervorosa e apaixonada do crente, e que o ceu se entrevê d'alli nos profundos angulos d'aquella immensa floresta

de pedra, nas claridades indecisas que tremulam no alto das naves, nas mysteriosas harmonias que enchem o espaço.

Nem os muros nos lembram que este mundo de ideas e de sensações tem limites erguidos pela mão do homem: a illusão é completa. Para qualquer lado que se caminhe, encontram-se os grandes arcos das capellas, através dos quaes esse mundo continúa indefinidamente, recebendo um novo realce nas divinas telas de Murillo, Alonso Cano e Zurbaran.

Que importam, pois, os detalhes? Ha fausto mundano, galanteria, incoherencia, nos ricos porticos de marmore vermelho com archivoltas de marmore preto que dão accesso ao coro? Têm elles alguma cousa dos luxuosos porticos dos palacios dos cezares? Ha profusão de ornatos nas capellas lateraes do coro, que só parecem destinados a causar prazer á vista? Faz mau effeito o exercito de estatuas alinhadas na parte externa das paredes da capella mór?

Póde ser; mas nem por isso o conjuncto das formas geraes deixa de ser magnifico, sublime; nem por isso o templo deixa de corresponder á idea grandiosa que os barbaros da idade media souberam fazer da Divindade.

E ha porventura alguma obra humana que seja perfeita?

Sevilha.

Sevilha foi durante os seculos xvi e xvii a Florença de Hespanha; como a cidade italiana, teve uma famosa escola de pintura, em que figuraram eminentes artistas: e são as numerosas obras d'essa escola e d'esses mestres da arte que ainda hoje constituem um dos seus melhores ornamentos.

A cathedral, o museu e a capella da Caridade encerram uma collecção muito estimada. Encontram-se alli quadros de Luiz de Vargas, Juan de las Roelas, Francisco Pacheco, Herrera *o velho*, Zurbaran *o Caravage hespanhol*, Alonso Cano *o Miguel Angelo*, Valdés Leal, Murillo, o príncipe dos pintores hespanhoes, e de alguns outros.

Infelizmente, além de não ter conhecimentos proprios da arte, tantas preciosidades, vistas com rapidez, causam-me uma confusão espantosa, como se tivesse presenciado uma chuva de meteoros de côres e formas diversas.

Eu posso comtudo fazer sair d'este cahos duas impressões bem distinctas: são as que me produziram o quadro de Valdés Leal, representando o cadaver de um bispo, que se acha na capella da Caridade, e o de Santo Antonio, de Murillo, existente no baptisterio da cathedral.

O primeiro é uma pintura toda realista. Imagine um cadaver em putrefacção, coberto de vermes, com os olhos e nariz quasi desfeitos, e a bocca privada de uma parte dos labios : eis a obra de Leal ; obra excellente, sem duvida, pela naturalidade, desenho e colorido, mas horrivel e repugnante pela sua realidade.

Os partidarios do genero Zola devem pensar de outro modo ; mas eu sou ainda do numero d'aquelles que não acham attractivo algum nas miserias humanas, e que entendem que a esthetica das bellas artes não consiste em reproduzir em toda a sua nudez as scenas mais repugnantes da natureza.

Talvez que o assumpto seja optimo sob o ponto de vista religioso, para exprimir a egualdade depois da morte e outros logares communs da theologia ; mas, com franqueza, não era necessario descer até á podridão. Um cadaver intacto e sem vermes ou um esqueleto produziriam o mesmo effeito, e seriam menos hediondos e menos mal cheirosos.

No quadro de Murillo acima da realidade ha um ideal soberbo. O sancto está absorto, enlevado, extatico, perante o mundo sobrenatural onde resplendece o Filho de Deus. A attitudo do corpo, a expressão do rosto, e sobretudo o olhar dão-lhe um aspecto seraphico, quasi divino. Parece que o sancto espirito illumina todo o seu ser, e o inebria de celestes prazeres.

Nunca vi pintura tão bella. Tinha lido algures que a escola de Hespanha peccava pela ausencia ou pouca elevação do ideal ; mas este quadro é um brilhante desmentido. Que ideal mais elevado do que a absorpção do espirito humano em Deus ? Que obra mais difficil do que exprimir pelo desenho e pelo colorido estas mysteriosas relações com o infinito ?

E o mais notavel para mim é que este ideal não prejudica de modo algum a realidade pura dos logares e das formas. O sancto é um homem como nós, com todas as suas côres naturaes, ajoelhado no meio de uma verdadeira cella. O rosto, as mãos e o pé são excellentes peças anatomicas ; o habito que elle veste apresenta todas as dobras com a mais escrupulosa exactidão.

Apenas uma circumstancia me desagrada nesta pintura : é a posição dos braços. O sancto tem-nos extendidos, como para receber nelles o Menino Jesus, que desce das nuvens ; o que, a meu ver, é uma verdadeira puerilidade. Mas esta circumstancia não é da essencia do quadro, e justifica-se pela epocha e paiz a que pertenceu o auctor.

Sevilha.

A planta do Alcaçar é simples: consiste em um systema de pateos, rodeados de porticos, e tendo contiguos alguns aposentos e salas.

Nos palacios romanos a disposição era muito semelhante: havia pateos internos com os nomes de *atrium* e *peristylum*, aposentos contiguos denominados *cubicula*, e tambem salas com os nomes de *alae*, *tablinum*, etc., conforme o uso a que eram destinadas: de que ainda hoje existem modelos notaveis nas casas descobertas em Pompeia.

Imitariam os arabes os romanos, ou foram estes que imitaram os orientaes? Não me parece facil resolver esta questão. A crer alguns, o systema pode ser oriundo da Persia; e se attendermos a certas passagens do Livro dos Reis, pôde até ter sido já usado por Salomão.

Seja, porém, como for, é certo que elle data de remotissimas eras; que os romanos já o empregavam alguns seculos antes de Mahomet; e que o fim que os antigos tiveram em vista, adoptando-o, foi dar luz e ar aos edificios e facilitar as communicações interiores.

E não foi sómente aos edificios civis que o applicaram. A Eu-

ropa usou-o tambem nos religiosos. Para prova ahi estão os conventos, onde apparecem *claustr*os com a mesma configuração, excepto quanto aos accessorios dos aposentos e salas.

Mas, apesar d'esta semelhança, que extranho contraste entre um pateo arabe e o pateo de um convento ! Este tem um aspecto severo e triste : é a imagem do sacrificio. Geralmente grandes e pesadas massas de alvenaria e de pedra lavrada formam as suas arcadas ; os grossos pilares e o envasamento assombram as galerias ; no pavimento d'estas estão gravadas inscrições sepulcraes ; das suas paredes nuas pendem ás vezes quadros representando sanctos ou martyrios ; e ao centro acha-se a cisterna ou uma fonte monumental.

No pateo arabe, pelo contrario, a construcção é ligeira, elegante, alegre e phantastica : tudo alli recorda a vida descuidosa, fatalista e cheia de gosos. Em lugar de grossos e sombrios pilares e de simples impostas, delgadas columnas e capiteis de marmore branco ; e sobre os abacos cubos e arcos pyramidaes e lobulados, revestidos de arabescos. Nada de estylobato ou envasamento continuo, nem mesmo de pedestaes isolados ; as columnas assentam as suas bases no proprio pavimento de marmore : dir-se-iam grupos de palmeiras erguendo-se do solo e enlaçando no ar a sua folhagem.

No Alcaçar o pateo das Donzellas apresenta esta forma graciosissima ; mas as columnas são emparelhadas ; as que correspondem aos maiores arcos sustentam cubos, emquanto que as outras sómente os arcos : não assim no pateo das Bonecas, onde as columnas são isoladas, com pilastras resaltadas sobre os capiteis, e os arcos parecem de pleno cimbrío e abranger mais de um hemyciclo.

Eu imagino quanto seria delicioso viver nestes logares. Sob um clima ardente, ao abrigo de galerias inundadas de luz, num ambiente fresco e aromatisado, sentindo a musica incessante das aguas na pequena pia de marmore, e olhando ora o bello azul do ceu através dos arcos rendados dos porticos, ora as linhas de

arabescos dos muros cobertos de ouro, azul e escarlate, o corpo ligeiramente vestido devia sentir todo o prazer da commodidade, e a alma todo o prazer do sonho. Não se carecia de procurar alli o auxilio do *haschisch*, das sedutoras houris e outros estimulantes usados pela voluptuosidade mahometana : bastaria simplesmente a obra para regosijo do homem.

E as salas ! Quando se olham pela primeira vez lembram os contos orientaes. Nos tectos scintillam estrellas ; das paredes pendem rendas de estuque com lentejoulas, rubis e lapislazuli ; e por baixo brilham as côres alternadas dos mosaicos. São habitações de fadas e de genios, taes como poderiam ter saído das magicas varinhas no tempo de Harun-al-Raschid.

Nos estreitos aposentos o mesmo luxo e a mesma phantasia. Os arabes tinham este fraco : amavam o brilho, como a commodidade, os prazeres da imaginação, como os do corpo ; e este amor da phantasia era tal, que transparece não só nas decorações dos seus edificios, mas na sua litteratura, e até nas sciencias e nos exercicios corporaes. Porisso eu não sou d'aquelles que pensam ser o aspecto phantastico d'esses ornatos sómente o resultado de uma prohibição religiosa de imitarem a natureza : creio que o facto prende tambem com a propria indole do povo arabe.

No meio d'esta extranha ostentação uma cousa surprehende a todos : é a pobreza dos materiaes. O marmore só entra geralmente nas columnas e pavimentos : tudo o mais é estuque, barro esmaltado e madeira. Os artistas agarenos não eram d'aquelles que favoreciam a mão d'obra com a riqueza da materia prima : todo o merito dos seus trabalhos está na belleza do traçado e na pureza da execução.

Serão porisso menos dignos de admiração, como alguns criticos os consideram ? George Sand dizia : « Sempre julguei que a arte consistia em fazer muito com pouco, e que a verdadeira grandeza não está nos materiaes que ella emprega, mas no effeito que produz » ; e este pensamento, que eu acho rigorosamente exacto, foi, por assim dizer, a alma da architectura dos arabes andaluzes,

e a causa d'esse singular encanto que hoje experimentamos ao contemplar as suas obras.

Confesso que achei este monumento muito superior a tudo quanto tinha imaginado pelas descripções e pelas photographias. E não admira: a harmonia do conjuncto, a belleza dos detalhes, o effeito das côres e a impressão de commodidade que alli se experimenta são circumstancias de tal ordem, que nem a palavra nem a photographia podem bem exprimir.

Sevilha.

O que nos interessa no Alcaçar não é só a arte: são também as tradições.

Recordam-se alli scenas exquisitas, tragedias espantosas e até anedotas picantes, que assignalaram tal pateo, aposento ou parte dos jardins, e que nos fazem pensar ora nos romances do terrivel Ponson, ora nos do espirituoso Paulo de Kock.

Assim o pateo das Donzellas tira o seu nome de uma lenda curiosa: diz-se que nelle recebiam os reis mouros o tributo annual de cem donzellas leonezas, que fora imposto aos christãos por Maurega; e mostra-se a um lado do recinto uma cavidade aberta na parede da galeria, que ainda tem o nome de *trono del tributo*.

Era alli, segundo explica a tradição, que se collocava o throno, onde aquelles monstros de luxuria recebiam o imposto da melhor febra indigena.

Esta lenda é com effeito geralmente acreditada pelo vulgo; e costumam até accrescental-a com o tragico acontecimento de terem sete donzellas, filhas de Simancaf, cortado as mãos para se livrarem de tal ignominia.

O que haverá em tudo isto de verdade? Nada, creio eu. O que a historia apenas conta como certo é que Maurega, occupando o

throno das Asturias com o auxilio de Abdu-r-rahman, conservou-se amigo dos arabes, e promoveu casamentos entre os dous povos; e foi talvez d'estes factos, muito mal recebidos pelos asturianos, que nasceu a lenda. Nem mesmo nessa epocha existia o Alcaçar, que só começou a ser construido pelo chefe almohade Yacub nos fins do terceiro quartel do seculo xii, quando as monarchias hespanholas eram já muito poderosas.

Depois da historia do tributo vêm as façanhas de Pedro o Cruel. Foi nas lages da sala dos Embaixadores que caiu o sangue do innocente D. Fradique, vilmente assassinado por ordem do tyranno, seu irmão; na entrada do quarto do monstro que se suspenderam as cabeças de quatro juizes accusados de prevaricação; numa certa camara secreta que teve logar o assassinato e roubo de Abu-Said e mais trinta e cinco companheiros; e assim por diante. Quando chegamos ao fim, parece-nos este edificio um matadouro humano.

Outros logares, porém, attenuam estas desagradaveis impressões. Falla-se nelles da celebre Maria Padilla, amante de Pedro o Cruel (ou mulher segundo alguns), da qual um velho romance diz: — que, vendo-lhe os olhos, ninguem deixaria de louvar o rei que por ella pozesse todo o reino em fogo. Tal era o poder dos seus encantos!

O mais notavel é a casa de banhos. Conta-se que a amante de D. Pedro alli se banhava, assistida pelo rei e pessoas da côrte; e que, havendo nessa epocha o singular costume de beberem os cavalheiros a agua em que as damas se banhavam, os da côrte de D. Pedro tambem bebiam a que servia aos banhos de Maria Padilla, achando-a talvez saborosa os devassos. Conta-se tambem que em certo dia, depois das abluções da favorita, procedendo-se á operação com as solemnidades do estylo, um maligno corteção não se prestou a ingerir o liquido; e que, sendo interrogado pelo rei sobre o motivo d'esta infracção ás leis da cavallaria, respondeu: — «É que, depois de ter provado o molho, receio ter vontade da perdiz».

Se é fabula, vá a responsabilidade a quem pertence. Eu li isto no Itinerario da Hespanha de La Vigne.

Mas não me admiro que aquelle costume existisse. A Edade Media teve tantas extravagancias ! Não era tambem costume beijarem os cavalleiros as damas, liberdade tão perigosa, que S. Bernardo se viu forçado a prohibil-a aos Templarios ? Não se fabricavam bolos de 8 metros, pães de 10 braças, e chouriços de 593 metros de comprido ? Durante aquella epocha exaggeraram-se todas as ideas e todas as cousas, e tudo se achava optimo. Das nuvens faziam-se monstros e Anti-Christos ; arriscava-se a pelle para tirar do poder dos mahometanos o cadaver de S. Marcos, mettido em carne de porco ; Carlos Magno era sancto por ter fundado tantos conventos quantos dias tem o anno ; faziam-se tribunaes d'amor para julgar delictos contra a galanteria ; havia correspondencia epistolar directamente com o outro mundo ; pagavam-se impostos para ter licença de comer ; os cabellos da mula de Pedro Eremita eram reliquias consideradas como sanctas ; etc., etc.

Porque não haviam, pois, os cavalleiros hespanhoes de exaggerar o galanteio a ponto de beberem a agua em que se lavavam as damas em geral e as amantes dos reis em particular ? Creio que, até podiam beber mais alguma cousa, sem que nós hoje tivessesemos o direito de nos rirmos d'elles, como nos não rimos de que os allemães comessem chouriços de 593 metros de comprimento.

Sevilha.

Na *Alameda de Hercules* existem monumentos que têm bastante valor na historia de Sevilha.

Ao fundo das aleas de arvores seculares, que se prolongam em todo o comprimento d'este passeio, duas estatuas se erguem sobre enormes columnas de granito: uma é a estatua de Hercules e a outra de Julio Cezar. Do lado opposto outras columnas monumentaes supportam dous leões que seguram as armas de Castella.

As duas primeiras, muito antigas, se attendermos ao estado de deterioração em que se acham as columnas, recordam a fundação de Sevilha pelos phenicios e o seu engrandecimento no tempo de Julio Cezar: as outras, que se attribuem ao meiado do seculo xiii, servem para commemorar a sua conquista por Fernando iii, de Castella.

Parece que são estes os brasões mais queridos da illustre cidade. Já na antiga *Porta da Carne*, segundo referem alguns, tinha gravada esta legenda:

«Condedit Alcides, renovavit Julius urbem

«Restituit Christo Fernandus tertius heros».

E se é verdade o que diz um escripto que tenho presente, havia tambem na *Porta de Jerez* uma outra inscripção, que dizia :

«*Hercules me edificó ;*

«*Julio Cezar me cercó*

«*De muros y torres altas ;*

«*Y el rey santo me ganó*

«*Con Garci Perez de Vargas*».

Na verdade Sevilha póde attribuir-se estas honras. Segundo as mais antigas tradições, Hercules, ou, antes, o povo phenicio, foi o seu fundador. Subindo o Guadalquivir com os seus navios, a fim de estender o commercio do Oriente pelo interior d'este riquissimo paiz, estabeleceu aqui uma colonia, talvez muito antes da fundação de Cordova. E a crença nestas tradições tem sido tal, que, segundo dizem, já o insigne Julio Cezar dera o nome de *Macarena* a uma das portas da cidade em honra de uma filha do deus tyrio.

Por outro lado tambem se conta que sob o dominio romano recebeu d'aquelle general grandes melhoramentos ; o que fez com que os habitantes mandassem gravar em sua honra numerosas inscripções, e adoptassem o nome de *Romula Julia* em lugar de *Hispalis*, pelo qual a cidade tinha sido até então commummente designada pelos romanos, e que lhe provinha talvez da latinisação do seu nome phenicio. Digo — talvez — porque a origem d'este nome é objecto de grandes divergencias. Ha tal que affirma ter sido já assim usado pelos carthaginezes : outros, como o nosso Mariz, adoptando a fabula do rei Hispalo, um dos successores de Tubal, neto de Noé, no primitivo reino da Hespanha, resolvem a questão ainda mais commodamente.

Emfim é sabido que Fernando III, o S. Luiz de Castella, monarcha valoroso, prudente e devoto, e um dos heroes da Peninsula, que mereceu a Clemente X a honra de ser elevado á categoria de sancto, addicionou a perola da Andaluzia á sua coroa no anno de 1248, depois de ter bloqueado o Guadalquivir com

uma frota; o que foi realmente um grande triumpho para o catholicismo.

Mas seja qual for a importancia d'estes factos, o que tambem parece innegavel é que nem o semideus phenicio, nem o heroe romano e nem o sancto hespanhol deram a Sevilha a prosperidade de que ella gosou durante o dominio dos arabes. Basta notar que no governo d'estes ultimos era um dos maiores centros industriaes que têm existido na Peninsula. Só para o fabrico dos tecidos de seda possuia 60:000 teares em actividade, e o numero dos seus habitantes elevava-se a 300:000, que depois da reconquista foram engrossar a população de Granada.

Em qualquer outra epocha, ainda que posterior ao reinado do *sancto*, nunca a industria dos tecidos attingiu aqui tão grande desenvolvimento, como me demonstram os dados estatisticos que tenho á vista. No tempo de Filippe II, em que todo o commercio da America pertencia a Sevilha, e que é considerado como um dos periodos da sua maior riqueza, apenas tinha 16:000 teares.

Os arabes sobretudo dotaram-na com obras excellentes, que muito concorreram sem duvida para darem razão ao proverbio

*«Quien no ha visto a Sevilla
«No ha visto maravilla».*

Citam-se, entre outras, numerosos baluartes, cáes, canalisações, palacios, jardins, mesquitas, as torres da Prata e do Ouro, uma solida ponte de barcos sobre o Guadalquivir, e a Giralda, no cimo da qual Yacub Almansor mandou collocar sobre columnas de ferro um enorme globo dourado.

De muitas d'estas obras, segundo leio em Contreras, ainda existiam vestigios nos fins do seculo XVI; mas hoje as mais importantes são a Giralda, o Alcaçar e a torre do Ouro.

Entretanto ellas bastam para nos mostrar quanto foi brilhante essa civilisação que durante mais de cinco seculos illustrou Sevilha.

Porisso eu quereria que, banindo-se os odios de raça e de religião, aquelle povo não fosse completamente esquecido quando se tracta de honrar a memoria dos que mais contribuíram para o engrandecimento d'esta cidade.

Sevilha.

Perdoe-me o bello sexo de Sevilha: eu vou proferir a seu respeito uma grande heresia.

A sua formosura é proverbial, quasi dogmatica: as georgianas entre os orientaes não são mais famosas. Mas eu não resisto á tentação de contar as minhas impressões, embora corra todos os riscos dos heresiarchas.

A fama que tem entre nós portuguezes e até na propria Hespanha torna-nos exigentes: nós imaginamos que vimos a uma especie de Olympo, onde encontraremos a cada passo nas ruas ou nos balcões verdadeiras Venus, ou pelo menos typos de uma belleza inteiramente fóra do commum.

Mas... (aqui vai a heresia) a realidade é muito diversa. Quantos dias decorrem sem que em dezenas de ruas e em milhares de balcões os nossos ideaes revistam formas palpaveis! Quantas vezes chegamos a pensar se o proprio typo da Manola sómente existirá no famoso quadro de Goia!

Eu tenho passeado centenares de vezes á noite a *calle de las Serpes*, onde a concorrência de ambos os sexos é espantosa: nenhuma surpresa, nenhum deslumbramento veio ainda destruir as minhas primeiras impressões. Apenas typos muito regulares,

uns menos correctos do que os outros, e todos tão brancos, que á luz do gaz têm uma apparencia espectral.

Na Fabrica de Tabacos, onde trabalham milhares de mulheres, o mesmo desengano; mas ao menos alli os rostos apresentam as suas côres naturaes.

Bem sei que não póde affirmar quem apenas aqui reside alguns dias que as Venus faltem absolutamente; mas em todo o caso ellas não são vulgares como a fama inculca.

Entretanto a realidade tem seus encantos. É ver as sevilhanas naquelles passeios nocturnos da *calle de las Sierpes*: os seus movimentos são cheios de vivacidade e graciosos, a linguagem fluente, rapida e insinuante, e o olhar brilhante e incisivo. A mantilha, que alguns dizem, não sei o motivo, ser a ultima expressão do *peplum* grego e do *pallium* romano, é posta por ellas com infinita graça; e sobretudo agitam o inseparavel leque de um modo tão attra-hente, que se lhes perdôa de bom grado o abuso do pó d'arroz.

Sevilha.

Nesta cidade ha objectos d'arte com que enriquecer um grande museu. Bastariam para tanto sómente aquelles que encerram a cathedral e o palacio de S. Telmo.

Na cathedral, alem das pinturas, existe um valor inestimavel em retabulos, altares, estatuas, tumulos, ornatos, joias, alfaias e paramentos sagrados. Dir-se-hia que todas as artes se esmeraram em adornar o grandioso templo com algumas das suas melhores obras.

D'estas obras umas distinguem-se sómente pela perfeição do trabalho, outras tambem pela riqueza da materia prima, e outras mais por esta riqueza do que pela execução. Avultam entre as primeiras o retabulo gothico da capella-mór, pertencente aos fins do seculo xv, e o tenebrario de Morel com magnificas estatuas de Christo e dos Apostolos; entre as segundas a grande custodia de prata, obra do seculo xvi, as duas custodias de ouro, uma das quaes é coberta de pedras preciosas (1300 segundo dizem), e as vestes sacerdotaes, tecidas d'ouro e guarnecidas de esmeraldas, rubis e outras pedras; e entre as ultimas o tumulo, altares e alfaias de prata laminada da capella real.

No palacio de S. Telmo muitos quadros de pintores notaveis,

como Velasquez e Murillo, primorosos contadores de madeira, moveis cobertos de nacar, outros de marmore com excellentes mosaicos, objectos encontrados nas excavações de Italica e mil outras cousas. Entre as de mais merito notam-se alguns quadros a matiz, representando scenas do D. Quichote. Como é sabido, ha neste genero de obras uma grande difficuldade em reproduzir com exactidão as cousas da natureza. Uma arvore, por exemplo, ou um animal, o rosto ou as mãos do homem e até as dobras das roupas ficam quasi sempre grosseiramente representados, não só por falta de uma natural distribuição do claro-escuro, mas pela inexactidão dos contornos. Porém as de S. Telmo attingem nestes pontos uma perfeição admiravel: parecem pinturas, e não bordados.

Estas e outras preciosidades artisticas honram indubitavelmente a Hespanha. Um povo que as adquirisse e colleccionasse, revelaria só por esse facto o sentimento da arte; mas aquelle que tambem as executa, reune a este sentimento, profundamente caracterisado, um talento e uma aptidão superiores.

Esta aptidão parece ter-se manifestado na Hespanha muito antes da Renascença. Apesar de que as artes mechanicas ainda no tempo de Filippe II eram tratadas como «*oficios viles y bajos*» boas auctoridades historicas affirmam que os hespanhoes, graças á influencia da civilisação arabe, começaram muito cedo a cultivar-as com notavel perfeição; que já nos seculos x e xi exportavam baixella d'ouro e prata, muito bem trabalhada, de que faziam uso principalmente as igrejas; que no seculo xv Sevilha tinha fabricas e officinas, donde saiam abundantes productos para França, Inglaterra e outros paizes; e que esta cultura se estendeu na Hespanha a todas as artes uteis e á architectura durante o prospero reinado de Fernando e Izabel.

Ainda hoje os sevilhanos mostram um notavel sentimento artistico na fabricação dos productos mais usuaes. Um leito ou uma porta de ferro, um objecto de louça ou um leque, um tecido ou um bordado, tanto importa para sairem das suas mãos excel-

lentamente trabalhados. A ceramica, sobretudo, está entre elles muito aperfeiçoada. Na grande fabrica da Cartuxa, alem dos objectos de gosto moderno, tão apurados como os que nós recebemos de França e de Inglaterra, fazem-se bellas imitações das louças arabes; o que me leva a repellir a asserção de M. du Sommerard, em que se baseia o dr. Le Bon, de que as fabricas da Hespanha não fazem senão grosseiros utensilios.

Oxalá que estas aptidões sejam convenientemente utilizadas e dirigidas, e que as circumstancias economicas favoreçam o seu desenvolvimento: se assim acontecer, penso que Sevilha póde readquirir num futuro proximo a prosperidade material que ella perdeu com a expulsão dos arabes.

Sevilha.

Deve ter conhecimento da cidade de Italica, uma das mais celebres na historia da Andaluzia.

Edificaram-na os romanos a cinco ou seis kilometros de Sevilha, juncto a umas pequenas collinas que dominam o valle do Guadalquivir; e foi Cornelio Scipião o seu fundador, ou pelo menos quem lhe deu o nome, designando-a para residencia das suas tropas, quando, expulsos os carthaginezes da Hespanha, se preparava para ir a Roma gosar as honras do triumpho.

Diz-se que tinha um clima excellente, magnificos edificios e uma população numerosa: o que devia sem duvida dar-lhe alguma importancia entre as colonias romanas.

Tambem se diz que juncto aos seus muros teve logar no anno 76 antes da era christã um acontecimento funesto para os povos da Lusitania: foi a celebre batalha entre Metello, general romano, e Hirtuleio, general de Sertorio, na qual Hirtuleio foi vencido e morto.

Homens illustres tiveram nella o seu berço. Contam-se entre elles Trajano, Adriano e Theodosio, imperadores romanos, Cecilio Taciano, proconsul geral do fisco no tempo do primeiro e depois

preceptor d'Adriano, e o poeta Silio Italico : o que justifica estes versos de Francisco de Rioja :

«Aqui nació aquel rayo de la guerra,
 «Gran padre de la patria, honor de España,
 «Pio, felice, triunfador Trajano,
 «Ante quien muda se postró la tierra,
 «Que ve del sol la cuna, y la que baña
 «El mar tambien vencido gaditano,
 «Aqui de Elio Adriano,
 «De Teodosio divino,
 «De Silio peregrino
 «Rodaron de marfil y oro las cunas».

Esta cidade desapareceu depois d'alguns seculos, mas não sei o motivo. Seria um tremor de terra? Alguma d'essas grandes catastrophes como as de Sagunto e Carthago, tão frequentes nas luctas guerreiras da antiguidade? Os eruditos dirão. O que, porém, parece certo é que já se achava em ruínas no tempo da dominação dos arabes, poisque estes empregaram muitos dos seus materiaes em Sevilha e noutras povoações.

Hoje nem ruínas se vêem das antigas habitações. O campo onde existiram, *Campi italici*, é revolvido pelo ferro da charrua ; e as collinas estão cobertas de oliveiras e de miseravel relva que os novilhos e as cabras devoram na mais perfeita tranquillidade ; o que fez soltar a Rioja estas sentidas phrases :

«Estos, Fabio, ay dolor ! que ves ahora
 «Campos de soledad, mustio collado
 «Fueron un tiempo Italica famosa !

Os restos mais importantes que têm apparecido acham-se espalhados por diversas partes, e até em alguns edificios de Sevilha. O Museu possui um tumulo de pedra, muitos capiteis, fustes,

vasos e estatuas mutiladas; e a Casa de Pilatos uma estatua de Pallas e outra de Ceres restauradas, e diversas columnas.

Mas existe ainda o Circo, attribuido por alguns a Trajano; o que apoia o dicto de Renan que o circo *«é sempre o resto melhor conservado de uma cidade antiga»*.

Este monumento é uma grande e solida construcção de alvenaria, apparentemente de forma elliptica, tendo ao centro a arena rodeada por um muro, e d'ahi para cima os degraus destinados aos espectadores. Parte d'estes degraus ainda está conservada; mas principalmente os superiores e o muro de percinpção foram inteiramente destruidos, e os seus restos acham-se espalhados em volta do recinto.

Alguns pedaços d'este muro têm um tão grande volume e acham-se por tal forma sobrepostos, que parecem indicar uma construcção muito elevada. Provavelmente a obra exterior tinha mais de um andar ou ordem de arcadas, á semelhança do Colyseu e das Arenas de Nîmes, cujos desenhos tenho visto em alguns livros.

Na sua maior extensão a arena é atravessada por dous muros parallelos, alargando-se no centro, para formarem um grande rectangulo. Recentes excavações têm demonstrado que entre elles havia um profundo fosso, onde parece que se exhibiam os combates das feras.

Por detrás do muro da arena e debaixo dos primeiros degraus corre em volta de todo o circo uma espaçosa galeria abobadada com tres saídas regularmente dispostas. Era a galeria dos gladiadores, isto é, o logar onde estes se preparavam para a lucta. Encontram-se alli o bocal de um aqueducto, talvez o mesmo que servia de inundar a arena para os combates navaes, e dous nichos que dizem terem contido estatuas de Cezar.

Na direcção d'aquellas saídas cruzam-se outras tres galerias subterraneas. Lá dentro ainda existem as cavas onde eram encerradas as feras destinadas aos espectaculos.

Eis a que se acha reduzido o grande edificio romano. Nada

mais resta de pé, nada, a não serem as recordações; e estas são pouco attrahentes.

Eu passei alli alguns momentos procurando reproduzir na mente um d'esses horriveis espectaculos que faziam parte da vida romana. Imaginei uma turba immensa a encher o recinto; e alguns desgraçados matando-se, ou sendo despedaçados pelos animaes ferozes, para saciarem os infames appetites de espectadores ainda mais ferozes. Lembrei-me que este povo de cannibaes, levantando-se sobre os degraus, com os punhos cerrados e dirigindo o pollegar para os luctadores, pronunciava no delirio de uma embriaguez sanguinaria o terrivel — *recipe ferrum* — contra os vencidos supplicantes e cobertos de feridas; e que dentro d'aquellas galerias se produziam as monstruosas scenas do *espoliarium*, onde a victima humana era acabada, despojada das armas e do fato, e onde appareciam ás vezes os epilepticos a beber o sangue dos muribundos!

E achei horrivel este povo, olhado na completa nudez dos seus instinctos! Pareceu-me não uma agglomeração de homens, mas um bando de tigres guerreando a especie humana!

Quando sahia, vi em uma especie de tenda pertencente aos guardas do monumento muitos ossos humanos, quasi todos fracturados, de mistura com fragmentos de vasos e de capiteis romanos e outros objectos. Disseram-me que estes ossos haviam sido encontrados nas excavações das galerias e da arena, e que eram para vender aos viajantes como *reuerdo*. Mas eu nada comprei. Para lembrança cortei uma papoula que crescia no logar outrora humedecido pelas lagrimas e sangue das victimas. Não quero conservar da famosa Italica senão este symbolo da maldade dos Tarquinius.

Sevilha.

As danças ! As danças ! Quem não tem ouvido fallar nas danças da Andaluzia ?

Já no tempo dos romanos o paiz era afamado neste genero de diversões. Cadiz fornecia os theatros de Roma de dançarinas, cujos movimentos graciosos e lubricos, executados aos sons de córos e de cymbalos e pandeiros, faziam as delicias dos nobres e dos plebeus. Valerio Marcial, hespanhol, oriundo de Bilbão, que viveu no reinado de Domiciano, refere-se a ellas nestes versos :

«Nec de Gadibus improbis puellae

«Vibrabunt sine fine prurientes,

«Lascivos, docili tremore lumbos.»

Juvenal, outro poeta da mesma epocha, tambem escreve :

«Forsitan expectes ut Gaditana canoro

«Incipiat prurire choro, plausuque probatae

«At terram tremula descendant clune puellae».

A arte não foi talvez cultivada durante o imperio dos godos.

Estes barbaros ou não lhe deram importancia, occupados como andaram com a salvação das suas almas, ou apenas conservaram as danças selvagens do seu paiz: tanto mais porque elles não tinham o gosto effeminado dos ultimos romanos, e nem a sua rudeza lhes permittia apreciar estes miudos atavios da civilisação que vieram encontrar na Peninsula.

Mas com o dominio dos arabes as cousas mudaram. Comquanto entre elles, como ainda hoje no Oriente, a dança só fosse propria das mulheres, era tida em tanto apreço, que até constituia uma especie de profissão.

D'aqui resultou provavelmente esse gosto pela dança que se generalizou entre os povos christãos da Andaluzia, e que fez com que as danças d'este paiz tomassem o character excepcional que as tornou celebres na Europa.

Na verdade algumas que ainda hoje se conhecem são propriamente arabes. O auctor do *Ultimo dos Abencerragens*, fazendo uma descripção magnifica da *zambra*, executada pela filha do duque de Santa Fé, attribue-lhe essa origem. Outros, que têm estudado mais profundamente a civilisação dos arabes na Peninsula, até affirmam que todas as que se usam em Sevilha são herança d'esse povo.

Seja, porém, como for, o que principalmente admiram os que as têm visto é não só a sua composição, mas a parte sentimental, primorosamente desempenhada pelas mulheres andaluzas. Chateaubriand, Dumas, d'Ostens e outros estão plenamente de accordo sobre este ponto.

Com effeito um pensamento amoroso liga todas as attitudes e até os mais insignificantes movimentos do corpo. A protagonista ama; e ora parece dissimular a sua paixão, fugindo receiosa, ora manifestal-a, demorando os passos e ostentando todos os requebros do galanteio. Depois eil-a que se approxima, executando movimentos ligeiros e graciosos, retira-se de novo, volta, e parece confessar-se vencida, balanceando o corpo com voluptuosidade, e dando ao olhar uma expressão provocante. Emfim a excitação

chega ao seu maior auge; a bailadeira torna-se louca ou embriagada como uma bacchante; parece consentir que lhe beijem a face e lhe cinjam o corpo, e cae numa posição de amorosa languidez.

Porisso se diz geralmente que estas danças são verdadeiros poemas, em que o tronco, os membros, os labios e os olhos exprimem por mil formas todos os pensamentos e todas as sensações.

É forçoso, porém, confessar que nas danças que se dão aqui em espectáculo no salão de mestre Faustino Rodrigues, além de um certo exaggero, o lado sentimental do poema não tem a primorosa execução que a fama annuncia. Tel-a-ha entre o povo, quando a dança é a espontanea manifestação de um sentimento qualquer; mas naquelle salão, onde se paga um tanto por cabeça, e onde os sentimentos são emprestados, nota-se uma frieza em todos os movimentos que as habeis discipulas de mestre Faustino não conseguem dissimular: e é talvez aquelle exaggero e esta frieza ou falta de incentivo moral e até de sentimento artistico que faz com que os hespanhoes illustrados digam que as danças preparadas em Sevilha para os estrangeiros são uma combinação de movimentos epilepticos.

Eu desejava ver um divertimento d'esta natureza entre o povo, para poder bem apreciar a differença; mas não o tenho encontrado. Quem pensar que taes espectaculos são muito frequentes, e que em Sevilha se improvisam todos os dias, engana-se. Eu vejo trabalhar e não dançar. No proprio bairro de Triana, onde abundam os *gitanos*, não se me deparou ainda uma dança; e todavia fui alli algumas vezes só para a procurar.

O mesmo facto já eu havia observado em Badajoz e em Cordova; o que me leva a concluir que certos escriptores estão illudidos quando affirmam que a dança é para o hespanhol uma necessidade e um desejo de todas as horas do dia e da noite, e que neste paiz se encontram por toda a parte semelhantes diversões.

Sevilha.

Castillija de la Cuesta é uma pequena povoação situada a seis kilometros de Sevilha.

Nada tem de notavel o burgo propriamente dicto: qualquer aldeia das nossas dá ideia do seu pobre aspecto.

Mas existe lá uma casa, impropriamente denominada palacio, que pertence ao rei de Hespanha; e nessa casa ha um quarto onde falleceu Fernando Cortez.

Isto basta, creio eu, para tornar o sitio interessante a qualquer pensador.

Cortez foi um grande vulto, um astro do seu tempo. Quando elle dizia ao ingrato Carlos v, que fingia não o conhecer — «Sou o conquistador do Mexico, o que vos deu mais provincias do que cidades vos legaram os vossos antepassados» — formulava pela sua propria bocca a synthese de uma das mais extraordinarias epopeias que viu o seculo xvi; e d'essa epopeia elle, Cortez, era o heroe.

Bem sei que não faltam argumentos para attenuar a importancia dos seus serviços. Diz-se que nem tudo o que concorreu para abrir á Europa o grande e riquissimo imperio dos aztécas foi devido a elle. O Yucatan fora descoberto em 1507 por Juan

Diaz de Solis; Alaminos, o piloto de Cortez, já havia dirigido para esta região a primeira expedição de Francisco Hernandez de Cordova, que déra em resultado a descoberta de Campeche na costa do oeste, e depois a de Juan de Grijalva, que descobrira todo o littoral até ao rio Panuco: e portanto a via estava aberta ao primeiro explorador ousado.

Por outro lado não se póde negar que Cortez partiu para a conquista com conhecimento da grande superioridade que os hespanhoes tinham sobre os indigenas e das immensas riquezas que estes possuiam, riquezas que eram o melhor incentivo para sustentar a coragem dos soldados; e essa superioridade manifestou-se logo nos primeiros successos. A artilheria, os mosque-tes, o aspecto das armaduras e os cavallos incutiram tal terror aos timidos naturaes, que atravessou as terras por elle denominadas *Sempoal* e *Sienchimalem* e chegou até ás de Tlascala sem a menor resistencia; e no primeiro combate que teve nesta região a victoria não lhe custou senão alguma fadiga e fome.

Depois esta superioridade tornou-se ainda maior com o auxilio dos proprios indigenas. Em Tlascala 700 indios entraram nas suas fileiras; quando chegou a Cholua levava já 5400; em Nauthla elevavam-se a 8:000 ou 10:000: e com estas forças penetrou na capital do Mexico sem grandes difficuldades.

Os escriptores registam ainda outros auxilios importantes: foram a tradição do paiz, segundo a qual do oriente havia de vir um estrangeiro dominal-o; a indiana D. Marina, que serviu de interprete e conselheira; e mais tarde o reforço das tropas de Narvaez.

Eu concedo ainda mais aos guerreiros de gabinete. Os adversarios de Cortez estavam muito mal armados, e não tinham disciplina militar. As suas armas offensivas consistiam em arcos e flechas com pontas de pedra ou de espinha de peixe, dardos da mesma especie, fundas e espadas de pau com gume de pedra; as defensivas couraças de algodão e escudos de junco: e contra esta gente, assim armada, que combatia em chusma, podiam

oppor-se com vantagem seis boccas de fogo, vomitando metralha, algumas espingardas, e boas laminas de Toledo, manejadas por braços exercitados no officio.

Mas sabia Cortez que teria todos os soccorros que depois recebeu? Podia elle confiar absolutamente nos auxiliares indigenas? Não eram numerosissimos os inimigos? O seu merito está no arrojo de se lançar no interior de um territorio, para elle inteiramente desconhecido, não confiando em mais do que nas suas proprias forças; em ter subjugado milhões de homens, elle que partiu de Vera Cruz com 315 soldados, segundo uns, ou 500, segundo outros; e emfim na resistencia heroica que oppoz á revolta do paiz, na sua milagrosa retirada por entre multidões compactas de inimigos, e nos combates contra os indios de Culua e de Izzucan, quando já não tinha artilheria e os hespanhoes estavam muito dizimados.

Não quero comtudo defender em Cortez a qualidade de conquistador. Detesto todos os conquistadores, como ladrões e assassinos. O que apenas defendo é o seu heroismo, a energia quasi sobrehumana que mostrou em todos os revezes, sem deixar de lastimar que estas brilhantes qualidades não fossem applicadas em favor de uma causa justa.

Por isso, depois de visitar o quarto onde o grande homem exhalou o ultimo alento, curvei-me reverente perante os seus retratos suspensos na sala contigua; olhei pela ultima vez a cruz e o calix, mudas testemunhas da sua gloria; e sahi acabrunhado com a ideia de que, sendo decorridos alguns seculos depois da conquista de Cortez, os modernos europeus, enfatuados com a sua civilização e proclamando a unidade da grande familia humana, não têm mais respeito pelos povos ignorantes ou fracos do que elle teve para com os mexicanos. Apenas são mais diplomatas, isto é, menos brutaes, sem deixarem de ser tão espoliadores, graças ao direito internacional modernamente inaugurado pelas grandes potencias da Europa, com a honrosa excepção da Italia.

Sevilha.

Os costumes andaluzes formam em geral o capítulo menos interessante das minhas observações. Até ao presente nada tenho visto que esteja fóra do commum ou do razoavel.

Em Sevilha, principalmente, o povo, tal como se apresenta na rua, nos cafés, no circo e na officina, parece-me tão cordato e tão policiado como qualquer outro dos mais policiados da Europa.

Não é, porém, assim que o consideram todos os estrangeiros que procuram a Andaluzia. Os homens do norte, por exemplo, julgam que os povos d'esta região conservam toda a sua antiga originalidade, e vêm attrahidos pela perspectiva de gosarem á custa d'este pseudo-barbarismo.

Quem espalhou semelhante ideia? Como se continúa a crer que os andaluzes se apresentam mui diversamente dos outros homens, hoje que não ha distancias, e que é enorme a concorrência annual de estrangeiros que de todas as partes do mundo vêm percorrer as principaes cidades d'esta provincia? Não sei; nem o sabe ao certo o meu excellente guia Santiago Levy, um arabe christianisado, que, continuamente em contacto com francezes e inglezes, acha o facto tão extraordinario como eu. Diz elle que talvez se explique pelos *Itinerarios*. Estes livros, que

não são precisamente como o Itinerario de Antonino, mas uns armazens de toda a especie de virtualhas para alimento dos espiritos timoratos, estão por virtude do seu character encyclopedico cheios de erros palmares: e tanto mais porque, uma vez feitos, e baseados em outros escriptos anteriores, não foram mais reformados em harmonia com os acontecimentos. Assim, continúa elle, os itinerarios fallam ainda da *Porta de Triana*, e tal porta já não existe; dizem que as casas d'esta cidade são pintadas exteriormente com todas as côres do arco Iris, e não é verdade; e em muitas outras particularidades acontece o mesmo. Não poucas vezes lhe tem succedido com os inglezes, que elle considera sem paixão os homens mais teimosos e mais insipidos do mundo, entrarem em algum edificio como a cathedral ou o Alcaçar, e affirmarem estes excentricos, com a maior seriedade, existir alli tal ou tal objecto que realmente lá não se encontra, fundando-se para tanto em que o diz o *livro*: e ninguem seria capaz de os convencer do contrario.

Conta tambem que uma grande parte d'estes estrangeiros passa por aqui tão rapidamente, que não vê o mais importante da cidade, nem procura indagar a razão dos factos: o que faz com que leve do paiz muitas noções falsas. Por exemplo: assistindo uma vez ás danças no salão de mestre Faustino Rodriguez, o estrangeiro parte no dia seguinte com a ideia de que na Andaluzia não se dança por outra fôrma, e que as damas andaluzas nestes divertimentos usam castanholas e mostram as pernas aos espectadores.

Penso que em parte o homem tem razão. Tenho sido testemunha d'estes erros singulares, e mais de uma vez presenciei a ligeireza com que alguns estrangeiros apreciavam cousas muito notaveis d'esta cidade.

Mas creio que no acontecimento intervem um outro factor. Os proprios hespanhoes o dizem, elles que embirram solemnemente com a originalidade que lhes attribuem. Ainda ha pouco tempo um jornal de Barcelona, lamentando que a exaggeração dos

typos e costumes populares da Andaluzia os apresente aos olhos dos estrangeiros como anachronismos ridiculos no meio da civilisação europeia, e os offereça como risiveis modelos para as descripções de costumes, dizia que este erro é explorado pelos proprios nacionaes em proveito de interesses particulares e mesquinhos, poisque elles, a troco de dinheiro, se prestam á farça grotesca de fornecerem falsos modelos; o que acontece principalmente em Sevilha, onde os estrangeiros encontram tudo minuciosamente preparado para os attrahir pela extravagancia e manter-lhes a illusão; e acrescenta o mesmo jornal: «Tão desconhecidos, tão originaes, tão novos são os pratos exclusivamente preparados para elles que nós mesmos os achamos estranhos».

Quando assim se falla não ha o direito de duvidar: os hespanhoes conhecem melhor do que nós o seu paiz.

Entretanto para nós estrangeiros esta exploração, fulminada pelo orgão da imprensa de Barcelona, não é a mais exquisita. Os estrangeiros têm olhos para verem que Sevilha apresenta o aspecto de qualquer outra cidade civilisada, e que os modelos que lhes preparam a troco de algumas pezetas não reproduzem os typos que geralmente se encontram. Mais exquisito é sem duvida fazer mercado de ossos humanos no circo de Italica, ossos talvez arrancados de algum cemiterio; vender a viajantes que nada entendem de archeologia (porque a archeologia é uma sciencia que exige habilitações) candieiros de metal amarello fabricados em Lisboa por obras d'arte romanas ou arabes; e fazer outras especulações d'esta natureza.

Não quero porisso votar estes especuladores ás furias. Tem-se entendido que a moral é restricta aos tempos e aos logares: e hoje o espirito mercantil invade tudo. Quando se negoceia com as almas e as carnes dos vivos, o que ha verdadeiramente monstruoso em negociar com os ossos dos mortos? Quando se falsificam as cousas necessarias á vida, procurando illudir todos os sentidos corporaes do consumidor, que ha de extraordinario

em falsificar aquellas de que não carecemos para viver, procurando illudir as faculdades do espirito?

O que quero é mostrar que, se na Andaluzia não ha os costumes originaes e extravagantes com que se explora o estrangeiro, ha cousas muito mais nocivas que os Catões nos não dizem.

Cadiz.

Entre Sevilha e Porto de Sancta Maria — collinas plantadas de oliveiras — campos immensos, aqui incultos e pantanosos, acolá cobertos de searas — povoações distantes — castellos em ruinas — quintaes de laranjeiras e de limoeiros — vinhas e prados naturaes. Nalguns logares a paizagem é monotona. Quando se tem passado Alcantarillas, a grande planicie que se descobre á direita da via apresenta um aspecto uniforme e severo. Mas noutros é risonha e attrahente. Muito antes de chegar a Lebrija avista-se á esquerda um grande lago de verdura ; nesse lago ilhas fluctuantes de flores, variando entre o branco, amarello, vermelho e roxo ; aqui e alli algum pequeno grupo mais isolado e de côres mais vivas, que brilham aos raios do sol como pedras preciosas ; mais alem uma arvore erguendo-se do meio da planicie e sacudindo brandamente o seu manto de folhagem, como se fôra a rainha intelligente d'este mundo vegetal ; e ao longe montes sombrios, formando uma larga cortina no fundo d'este immenso quadro.

Ao pé de Jerez a planicie parece um jardim. Imagine alguma cousa semelhante a uma vasta plantação de mangericos regularmente alinhados, no meio da qual se erguem algumas casinhas

brancas como neve : eis neste momento a famosa veiga que produz esses deliciosos vinhos, tão estimados em todo o mundo.

Saindo do Porto de Sancta Maria — a planície do Guadalete, sitio tristemente celebre na historia da Peninsula. Foi alli que em 711 ou 712 segundo alguns historiadores, cahiu a monarchia gothica, que havia sido fundada quasi tres seculos antes ; alli que deixou a vida Rodrigo, duque de Cordova, ultimo rei dos godos, depois de uma lucta obstinada de oito dias ; e que começou a erguer-se na Europa occidental esse poderio arabe que devia logo em seguida avassallar toda a Peninsula.

Alguns escriptores hespanhoes, desviando-se da torrente dos historiadores, no intuito de subtrahirem a Hespanha á vergonha de ter sido um exercito de 100:000 peninsulares derrotado em batalha campal por um punhado de bravos africanos e arabes (12:000), pretendem que esta batalha teve logar juncto ao rio Barbate ou de *Vejer* e á lagôa de Janda, em posição muitissimo vantajosa para os musulmanos e desfavoravel para os christãos. Mas nem o fim d'estes patriotas merece tamanho esforço contra as opiniões estabelecidas, porque nada ha de vergonhoso que os arabes, endurecidos nas guerras contra tantos povos diversos, e tendo conquistado em poucos annos um imperio immenso, destruíssem em alguns dias um exercito de gente enervada por uma longa paz exterior ou corrompida pela mais ignobil servidão ; nem os seus argumentos, baseados em alguns escriptos arabes, são, a meu ver, concludentes. O *Akhbar-madjmua*, quando diz : «O rei de Hespanha atacou o exercito de Tarik, que até então tinha permanecido entre Algesiras e o *lago* (o de Janda)» ; exprime apenas, que antes do encontro dos dous exercitos, o de Tarik tinha occupado aquelle logar ; mas não repelle a ideia de que em seguida aos primeiros assomos da refrega a batalha se tivesse extendido até ás margens do Guadalete, pela fuga ou retirada dos godos, sobretudo succedendo-se os combates durante uns poucos de dias consecutivos. A passagem de *Isa-ben-Muhammad*, citada por *Aben-Adharis*, não destroe, antes confirma esta hypo-

these, porque narra o seguinte : «Chegou Rodrigo ao *monte* onde estava Tarik, e tiveram tão renhida peleja que todos os musulmanos julgaram morrer : mudou Deus a sorte das armas, e *foram postos os godos em fuga, alcançando Tarik a Rodrigo no Guad-al-Tin*».

Eu tinha por mais de uma vez procurado a explicação d'este singular acontecimento que entregara tão rapidamente a Hespanha nas mãos das tribus do Yemen e do Hedjaz. Lera a tragica lenda de Cava, filha do conde Julião, violentada pelo infeliz Rodrigo e vingada pelo pae ; a historia das intrigas urdidas para estabelecer no throno os filhos de Witiza, o supposto Nero da Hespanha, e da traição de Oppas, nascida de um vil ressentimento ; e nada d'isto havia satisfeito o meu espirito. Julgava que a Hespanha não podia perder-se, como a cidade de Troia, por causa de uma mulher, e que em um facto tão transcendente não devia ter uma influencia decisiva o apoio, aliás muito problematico, d'aquelles dous homens ; tanto mais porque a propria Sevilha, onde Oppas exercia a sua auctoridade, e muitas cidades da Andaluzia, provincia de que se diz ser então governador o conde Julião, protestaram por meio da resistencia contra a invasão arabe : e concluia que a verdade historica deveria encontrar-se em causas geraes e de maior vulto.

A monarchia gothica, pensava eu, tocava então o termo fatal da sua decadencia, ao passo que o kalifado Beni-Umeyya do Oriente chegava pela mesma epocha ao apogeu da sua gloria ; os arabes acabavam de subjugar a Africa, e, entusiasmados com os successos, sentiam-se bastante fortes para proseguirem na conquista do mundo ; conheciam o bello paiz da Andaluzia, e haviam já tentado apoderar-se de alguns pontos do littoral ; e d'aqui inferia que a invasão era uma consequencia quasi necessaria do espirito fanatico e conquistador dos arabes, então poderosos, da proximidade em que se achavam estabelecidos, e da manifesta fraqueza dos godos ; e que a batalha do Guadalete, tendo empenhada a flor das tropas d'estes ultimos, devia decidir da sorte da Hespanha. De feito a historia diz que a população

hespanhola havia perdido completamente o habito das armas, e estava incapaz de resistir aos progressos do inimigo depois d'aquelle revez.

Mas se causas especiaes houve que concorreram activamente para a rapidez da conquista, devem talvez contar-se em primeiro logar o auxilio dos judeus, que viviam cruelmente opprimidos desde Chintila, e dos escravos, a quem a lei do Islam promettia uma sorte mais feliz, assim como o procedimento generoso e tolerante dos invasores para com as cidades que iam submettendo.

Avistando o theatro da lucta, estas reflexões occorreram de novo ao meu espirito; mas então eu juntava-lhes uma outra nascida do rapido exame do paiz: e era que, por falta de defezas naturaes, a Andaluzia estava por este lado aberta aos invasores, o que devia necessariamente accelerar a sua perda.

O aspecto d'estes logares é hoje desolado e triste. Apenas uma vegetação sombria e miseravel rasteja o solo enegrecido, como se a natureza tivesse horror de vestir-se de galas na terra inundada pelo sangue dos homens. Quando eu alli passava, o dia aproximava-se do seu termo; e os ultimos raios do sol atravessavam aquelle vasto cemiterio sem encontrarem uma habitação, uma arvore, ou um ser humano. Nem um só vivente destacava as suas formas no raso da planicie: tudo parecia solitario e silencioso. Apenas algumas vezes se ouvia o piar monotono e planigente do alcyon que, occulto entre os juncaes, fugia á aproximação da locomotiva.

Do outro lado, porém, o espectaculo era magnifico. As aguas azuladas da famosa bahia de Cadiz extendiam-se tão longe quanto a vista podia alcançar; lá adiante no rumo do sudoeste, emergindo da liquida planicie, a cidade, cujas formas apresentavam um aspecto phantastico; ao fundo um ceu côr de sangue, desmaiando para a parte superior do horizonte; por cima uma faixa côr de ouro; e em seguida outra côr de esmeralda, que por gradações successivas ia terminar no mais puro azul.

Mas este bello panorama foi-se desvanecendo pouco a pouco ; e em breve eu passava o *Santi Petri* e entrava na ilha de Leon sem poder distinguir mais do que o barulho das vagas que a alguns passos de distancia quebravam nas praias.

Cadiz.

Depois de haverem fundado Carteia na bahia de Gibraltar, os phenicios, segundo referem as tradições, exploraram o littoral hespanhol entre o Estreito e o Ana, hoje Guadiana, e pretenderam estabelecer por estas paragens algumas colonias. Tendo encontrado grandes obstaculos, sem duvida por causa da resistencia dos turdulos, tribu de turdetanos que alli havia fixado os seus lares, dirigiram-se a dous ilhéos proximos da costa e em um d'elles, a que foi dado o nome de Erythrêa, lançaram os fundamentos de uma cidade.

Este primeiro estabelecimento, porém, não lhes agradou: ou fosse muito estreito o espaço que occupavam, ou se achasse a ilha pouco acima do nivel do mar, elles passaram para a outra ilha, onde então se fixaram definitivamente, lançando os fundamentos de uma nova cidade, que recebeu o nome de *Gaddir* ou *Gades*, talvez como recordação de *Gader* ou *Geder* phenicia de que falla o livro de Jozua.

Esta cidade, depois denominada [Cadiz por corrupção, tornou-se uma segunda Tyro em poder dos seus industriosos fundadores. Crescendo consideravelmente, foi em breve o ponto de escala de todo o commercio que se fazia por intermedio das colo-

nias espalhadas pelo interior do paiz, e uma especie de capital em relação a ellas.

Conta-se que tinha um magnifico templo consagrado a Hercules, onde o nosso Mariz tem a ingenuidade de collocar a sepultura do deus; e que nelle existiam grandes columnas de bronze, que alguns escriptores antigos suppozeram serem as proprias Columnas de Hercules da mythologia, e um notavel busto de Alexandre, que os gaditanos alli haviam erigido em testemunho de reconhecimento, por aquelle conquistador lhes ter acolhido favoravelmente uma embaixada quando cercava Tyro. Diz-se mais que foi este busto que fez chorar Cezar quando aqui veio no anno 69 antes de Christo, por se lembrar o heroe romano do pouco que fizera até á idade em que Alexandre já se havia tornado celebre entre os guerreiros mais habeis do seu tempo.

Em poder dos carthaginezes Cadiz tornou-se uma das suas principaes praças maritimas, sobretudo para a navegação áquem do Estreito. A historia refere que nos seus estaleiros se construíram as duas frótas de Hanon e Himilcon, e que estes partiram d'aqui, o primeiro a explorar a costa occidental da Africa até ao cabo Bojador, e o segundo o occidente e norte da Europa até á Jutlandia; expedições que, feitas alguns seculos antes da era christã, quando ainda não existiam os auxiliares de que hoje dispõe a navegação, a não serem o leme, que fôra talvez inventado pelos etruscos, o remo e algunsapparelhos rudimentares, nos causam um verdadeiro e legitimo assombro.

Conta-se tambem que, reinando Ptolemeu Lathyro no Egypto, partiu d'esta cidade a celebre e mallograda expedição de Eudoxo de Cysico, destinada a fazer a navegação em redor da Africa, empresa que já antes haviam tentado alguns marinheiros gaditanos, como parece indicar o facto de terem sido encontrados pelo mesmo Eudoxo os fragmentos de um navio de Gades nas costas da Ethiopia.

Todas estas viagens têm sido muito diversamente narradas.

Plinio, por exemplo, ao passo que confirma o facto de no golpho

da Arabia terem sido encontrados fragmentos naufragos de navios hespanhoes, diz que Hanon navegou de Cadiz até aos limites da Arabia; e, fundando-se em Cornelius Nepos, faz partir Eudoxo d'aquelle golpho e aportar a Cadiz. O mesmo escriptor relata que muito antes da expedição de Eudoxo houve um marinheiro que fez o trajecto da Hespanha para a Ethiopia, segundo o testemunho de Caelius Antipater.

Entre nós tambem o auctor das *Varias Antiguidades de Portugal*, invocando a auctoridade de Plinio, faz partir Hanon de *Cales* e chegar até ao fim da Arabia, e Eudoxo do estreito da Arabia e aportar a *Cales*; e cioso das glorias nacionaes, cansa-se a demonstrar que estas viagens de circumnavegação são falsas, e que os portuguezes foram os primeiros que passaram á Asia pelo cabo da Boa Esperança.

Mas a verdade historica, segundo as averiguações de Romey, Cantu e outros, é que todas partiram d'esta cidade; e comquanto não tenham effectuado a navegação em redor de todo o continente negro, não é menos glorioso para Cadiz ter sido o centro d'essas grandes empresas.

Emfim foi por esta cidade que os carthaginezes se introduziram na Peninsula; que no anno 238 antes de Christo Amilcar Barca entrou com um exercito para terminar a conquista da Hespanha meridional, e extorquir dos peninsulares os meios de indemnisar Carthago dos damnos soffridos com a primeira guerra punica; e que afinal saíram aquelles turbulentos dominadores, quando expirava o terceiro seculo antes de Christo, acossados pelos romanos, e expulsos pelos proprios gaditanos e pelas tropas do traidor Massinissa.

Sob o dominio romano Cadiz, essencialmente commerciante, deve ter decaido do seu antigo esplendor, porque tal parece ter sido a sorte de todas as cidades do littoral andaluz. Entretanto os seus habitantes conservaram por muito tempo as tradicionaes aptidões para a arte naval, e continuaram a ajuntar immensas riquezas, como demonstram os factos de Varrão, general de

Pompeu, ter mandado aqui construir e equipar uma frota, e haver extorquido ao povo importantes sommas, incluindo o thesouro que existia no templo de Hercules, e que já fôra desfalcado pelo general carthaginez Magon. Este thesouro era de tal valia, que Cezar, tendo-o arrebatado a Varrão e restituído aos gaditanos, o roubou mais tarde para si; e isto apesar d'aquella ternura que elle sentia por estes fieis alliados dos romanos, e que fizera com que lhes concedesse o direito de cidadãos romanos.

Tambem é certo que no reinado de Othão cresceu algum tanto em poderio. Foi-lhe concedida a jurisdicção sobre toda a Africa septemtrional, que tomou o nome de *Hispania Tingitana*; facto a que alguns historiadores attribuem grande importancia.

E não se deve esquecer que forneceu ao imperio homens illustres. Sirvam de exemplo Lucio Cornelio Balbo, que foi consul e o unico estrangeiro que até Plinio obtivera o carro triumphal e o direito quiritario, e Columella, auctor da obra *De re rustica*.

Aqui tem, pois, uma das cidades mais notaveis do mundo antigo. Não foi, como a Thebas grega, erguida pelos sons harmoniosos da lyra de um semideus; nem, como Roma, fundada por salteadores; nem, como Carthago, por uma rainha fugitiva; nem, como Gelnhausen, por um monarcha amoroso. Não se engrandeceu com roubos á mão armada, com os despojos de nações aniquiladas, com o sangue e lagrimas dos homens. Deveu a sua existencia a uma colonia de pacificos mercadores, e engrandeceu-se pela industria, pelo trabalho util, pelo genio intelligente e ousado de seus habitantes.

Cadiz.

Que destino tiveram a ilha de Erythrêa e o famoso templo de Hercules? Eis o que todos perguntam, mas a que é muito difficil responder. O mundo tem soffrido tantas transformações, umas por acção da propria natureza, outras por facto do homem, e a historia é tão pobre de documentos sobre a antiguidade, que certas questões, como esta, ameaçam ficar eternamente insolueis.

Entretanto alguns auctores, não sei com que fundamento, mencionam como existentes nesta cidade as ruinas do templo; e outros, como Urcullu, affirmam que taes ruinas e os edificios da primitiva colonia estão no fundo do mar, sobre o antigo ilhéu de S. Pedro, sendo ainda visiveis nas marés baixas, quando não ha agitação nas aguas.

A crer estes ultimos, esse ilhéu seria a propria Erythrêa, submergida por alguma revolução geologica semelhante á que supprimiu o istmo que provavelmente ligava Calpe e Abyla, ou talvez em consequencia d'esta mesma revolução, pelo desnivelamento do Mediterraneo; e o templo teria pertencido não a Gades, mas ao primeiro estabelecimento phenicio.

Emfim tambem ha quem sustente que a elevação do fundo do

mar reuniu os dous ilhéos ; e ainda outros pensam que o templo foi construido na parte oriental da ilha onde assenta a moderna Cadiz.

No meio d'estas divergencias mais ou menos hypotheticas apenas apparece um facto que julgo incontestavel : e é que ainda não ha muitos annos existia, de facto, proximo d'esta cidade o ilhéo de S. Pedro, já quasi submergido, e que se viam alli no seio das aguas ruinas de um templo e de outros edificios. Assim o affirma Romey, que se inclina tambem a que estes edificios pertenciam á primeira colonia phenicia.

Semelhante facto concorda perfeitamente com a seguinte passagem de Plinio : «Do lado (de Cadiz) que olha a Hespanha, a 100 passos aproximadamente, ha uma ilha alongada e larga de 3:000 passos, onde se achava a primeira cidade de Gades : ella é chamada por Ephoro e Philistides *Erythia*, por Timeu e Sileno *Aphrodisias*, pelos indigenas *ilha de Juno*». O mesmo escriptor, porém, diz-nos que o templo de Hercules estava na propria ilha de Cadiz, e não na de Juno ; e foi alli que Cezar na verdade o visitou.

Infelizmente parece que taes ruinas nunca foram objecto de um estudo minucioso, o que deixa, a meu ver, algum tanto duvidosa a exactidão das tradições.

Hoje seria muito difficil qualquer averiguação sobre este assumpto. Não se descobre já o ilhéo no rumo indicado pelos escriptores, isto é, a leste d'esta cidade ; e fui informado de que se acha ha muito tempo inteiramente coberto pelo mar, e a uma consideravel profundidade, e que as ruinas só se distinguem imperfeitamente quando as aguas estão tranquillias, o que raramente succede.

Se não fora este obstaculo, eu iria vel-as. Nada me era mais interessante para mim do que esses venerandos restos de uma obra incontestavelmente grande, erguida ha mais de 35 seculos, quando os povos da Peninsula ainda viviam no estado selvagem, não tendo talvez outras habitações alem das cavernas ou miseraveis cabanas.

Cadiz.

Contam-se maravilhas do que os inglezes fizeram nas ilhas de Sancta Helena e de Hong-Kong. Sobre os estereis rochedos da primeira fundaram uma importante cidade, com seus passeios e arvoredos, e plantaram hortas e pomares, transportando através do oceano os materiaes de construcção, as terras, os animaes e as plantas. Na segunda romperam as massas de granito, nivelaram-nas em grande extensão, edificaram sobre ellas a cidade Victoria, e abriram um vasto porto á navegação do mar da China.

Cadiz offerece um exemplo semelhante do muito que podem o genio e a força do homem. Onde hoje existe esta bella cidade, com elegantes edificios, extensas ruas, um jardim botanico, a formosa Alameda de Apodaca e a praça ajardinada de Mina, não havia outr'ora mais do que um rochedo esteril e desigual, isolado no meio do mar. O proprio isthmo que a liga a S. Fernando foi na maior parte obra dos homens, que o construíram por meio de grandes aterros lançados sobre o parcel.

Graças a tantos esforços, começados muitos seculos antes da nossa era, quando os inglezes ainda eram uns pobres selvagens

esquecidos no meio das brumas do seu paiz, estes logares offercem um dos mais bellos espectaculos que meus olhos têm contemplado. Do seio do mar parecem emergir as grossas muralhas, batidas aqui e alli pelas vagas. Ellas têm o aspecto de um grande e robusto vaso, varado sobre os rochedos desde epochas seculares, e a que os vendavaes têm alterado as côres e roído a pregadura. Dentro abriga-se tudo o que pôde constituir uma grande povoação. São edificios, ruas, praças e arvoredos, no meio da superficie unida e immensa do oceano; os ruidos diversos de uma população consideravel no meio do barulho unisono das vagas; a agitação da vida com todas as suas alegrias, misérias e soffrimentos no meio da serenidade majestosa do infinito. É a vida humana, sob todas as suas phases, e em pleno mar, no seio d'esse mysterioso e terrivel elemento que participa da unidade e da grandeza de Deus.

Eu subia, para melhor abraçar este espectaculo, ao alto da Torre de Vigia. O sol dardejava raios de fogo que faziam empalidecer o azul do firmamento: a atmosphaera parecia abrazada como o ambiente de uma fornalha. Sob este sol e este ceu brilhavam os terrados de uma cidade mourisca, os muros brancos, as cornijas dos mais altos edificios, os campanarios, e as côres alternadas de milhares de telhados.

Para o lado do oeste o mar sem limites; mas um mar fundido de esmeraldas, que se temperava ao longe no mais bello azul. Na extremidade do horizonte uma faixa cinzenta de vapores, onde se confundiam o ceu e o mar; e algumas velas brancas, como azas de aves marinhas.

Do outro lado as aguas da bahia, repousando como um lago, no leito que lhes traçam as terras longinquas e o isthmo. Nenhum movimento de grandes embarcações nesta grande superficie: viam-se apenas algumas fundeadas a sueste com a mastreação nua, como grupos de arvores desfolhadas.

Ao longe, entre o noroeste, leste e sul, alvejavam no escuro da terra os edificios de algumas povoações: eram Rota, Porto

de Sancta Maria, Porto Real, Carraca e S. Fernando, que formam a côrte d'esta velha rainha dos mares.

Do lado do sul extendia-se o isthmo, em alguns pontos tão estreito que parecia não ter vinte passos. Por fóra, juncto á praia, uma faixa branca, que se elevava aqui e alli em dobras sobrepostas como os degraus de um immenso amphitheatro. De quando em quando as vagas, encontrando-se, formavam momentaneamente no centro da resaca pequenas pyramides que reben-tavam pelo vertice em floccos de espuma. Ao fundo a costa extendia-se tão longe quanto a vista podia abranger. Como é sabido, ella vai a algumas milhas d'esta cidade unir-se ao cabo Trafalgar, tão tristemente celebre na historia da França e d'este paiz.

Creio que nunca poderei esquecer este magnifico panorama. A vastidão do horizonte, as bellezas da perspectiva, a variedade das côres, o movimento, e sobretudo os sentimentos que o seu majestoso conjuncto desperta, ficarão para sempre gravados na minha alma.

Cadiz.

Esta cidade é pobre de monumentos. Aquillo que nos mostram com este nome quasi não vale a pena ser mencionado. A cathedral *velha*, por exemplo, pôde comparar-se a uma igreja das nossas villas, se abstrahirmos do retabulo da capella-mór e da capella de marmore que se acha á esquerda. As proprias estatuas são de mau gosto. O sacristão, que é, como todos os sacristães, um homem versado em grande variedade de assumptos, teimou commigo que uma d'ellas, a de S. Pedro, é uma das obras primas de Montañez; mas eu teimo que é apenas uma obra, e que esta não pôde ser do mesmo cinzel que o S. Domingos do Museu de Sevilha.

A cathedral nova é uma pedreira de marmores, ou antes um tumulo monumental onde jazem as sagradas imagens. Não se entra nella sem pensar se tudo nos cairá em cima e nos fará em cisco: tão pesada é a sua architectura. A combinação das côres e dos materiaes é exquisita: columnas brancas, bases vermelhas raiadas de branco, pedestaes das mesmas côres com embutidos de marmore preto; ou então, como acontece na capella-mór, columnas de marmore branco estriadas, capiteis e bases de bronze, pedestaes de marmore vermelho, branco, cinzento, e

emfim de quasi todas as côres em que se decompõe o espectro solar.

A capella de Sancta Catharina só tem importancia pelos quadros. O da Visão da sancta, de Murillo, é o melhor, e foi tambem o mais funesto para o artista, porque se diz que, quando o pintava, deu uma queda de que lhe resultou a morte.

Este quadro, que figura em alguns livros com o nome de *Casamento de Sancta Catharina*, não está isolado. Tem por cima a imagem do Padre Eterno, do lado direito as de S. Francisco d'Assiz e do Anjo Gabriel, e á esquerda as de S. José e de S. Miguel, todas pintadas pelo mesmo auctor com essa suavidade de côres e profundo conhecimento do claro-escuro que distinguem as suas obras.

São comtudo tambem dignos de attenção os seus outros quadros de S. Francisco e da Conceição, pendentes a um lado da capella, e sobretudo uma pintura de S. Lourenço, de Zurbaran, que apresenta admiravel expressão.

Eis o que ha para ver. Tudo isto e a propria cidade visita-se em um dia, e ainda fica a noite livre para ir ao *Theatro Circo*, unico aberto nesta occasião.

Recommendo-lhe este theatro, se aqui vier. Um barracão de madeira com 3:000 pessoas dentro; estas 3:000 pessoas auxiliando com os seus 6:000 pulmões a obra das luzes, dos cachimbos, dos cigarros e dos charutos sem numero, e fazendo assim subir a temperatura a trinta graus de Réaumur; um berreiro talvez igual ao que ouviu Flaminio nos jogos isthmicos annunciando a liberdade aos gregos, e que, como esse, seria capaz de fazer cair dos ares os corvos atordoados, se corvos por alli passassem; uma fumarada compacta que faz parecer o palco uma fornalha onde se divertem algumas figuras quasi imperceptiveis dos ultimos logares; e emfim um cheiro exquisito, espalhado por toda esta atmosphaera de fogo, onde os corpos, entalados, distillam como alambiques litros e litros de suor: — eis a bodega.

Quem gostar de impressões fortes e variadas, escusa de ir

mais longe : tem-n'as alli para satisfazer todos os sentidos corporaes. Sobretudo o cheiro! Caso um dia alli vá em noite de zarzuela, em que se não abrem os ventiladores, para não *fugirem as vozes*, tenha o cuidado de levar algum desinfectante, que lhe prestará valiosissimo serviço.

Malaga.

Em alguns momentos perde-se de vista a illustre successora de Tyro e de Carthago, o mar e a formosa bahia; deixa-se o valle do Guadalquivir, os seus vastos campos e os seus prados de flores; e entra-se pelo ramal de Utrera numa região ora plana ora accidentada, cheia de quebradas, valles, pequenas planicies e abundante vegetação.

Nada de monotonico neste novo pedaço da Andaluzia. Terrenos verdejantes, que ora se elevam ora se deprimem, como grandes vagas solidificadas; outeiros plantados de oliveiras, cujas cupolas cinzentas cobrem extensas searas; valles tapetados de sombria verdura, onde brilham flores de purpura; picos de rocha, erguendo-se no cimo dos montes e traçando caprichosos recortes no azul infinito; ruinas de velhas fortificações, destacando-se de entre os edificios dos grandes povoados; e sobre tudo isto um sol quasi tropical, cujos raios descem ao mais profundo dos valles, illuminando todos os objectos e fazendo sobresair todas as côres: eis o espectaculo que se apresenta ao viajante.

Passa-se por Ossuna, antiga Urso, depois conhecida pelo nome de Ursaon ou Versaon, que recorda as heroicas proezas de Viriato e o ultimo esforço da Betica contra as armas victoriosas de Cezar;

e admira-se quanto a industria humana tem transformado estes logares onde Cezar não encontrou no circuito de oito milhas agua nem arvores.

Depois de Bobadilla outro espectaculo: territorio montanhoso e selvagem, formado de grandes massas de rocha, algumas cortadas a pique, e de gargantas e desfiladeiros onde corre o Guadalhorce. Os tunneis succedem-se em numero de quinze, alguns sustentados pelo proprio granito do seio da montanha, formando um percurso subterraneo de 6:411 metros aproximadamente. É um caminho que inspira serios receios. Quando se olham com attenção as enormes trincheiras quasi perpendiculares sobre a linha, a altura dos viaductos e das pontes, os profundos desfiladeiros, as passagens subterraneas e o precipicio que se abre dentro de uma d'ellas, occorre-nos o pensamento de que todas aquellas massas vão deslocar-se, e, perdendo o equilibrio, esmagar-nos com o seu peso descommunal ou arrastar-nos ao fundo dos despenhadeiros.

Mas proximo de Alora tudo muda de novo, e d'esta vez a mudança é a mais agradavel das surpresas. Imagine um valle de muitas milhas, todo plantado de lorangeiras, limoeiros, romanzeiras e outras arvores de fructo; por entre este esplendido arvoredo um rio, ou antes um grande regato, cujas limpidas aguas deixam ver o fundo de areia; de longe em longe algumas casas, cercadas de hortas e de canteiros de flores, como grandes kioskes no meio d'este vasto jardim; e tudo isto envolvido por uma atmospherica calma e saturada de aromas: tal é o quadro que nos acompanha durante algum tempo.

Não sei como se chama este magnifico e poetico valle; e todavia eu careço de um nome para o designar, como uma das mais apraziveis lembranças que levo d'este paiz. Dar-lh'o-hei? Porque não? Não têm os inglezes uma nomenclatura geographica puramente sua? Pois eu farei aqui outro tanto; mas sem abusar. Pondo de parte os nomes celebres e pomposos de Daphne e Azzahrat, que poderia invocar com mais razão do que os inglezes

invocam outros para designarem certos pontos do globo, contento-me com o do rio que banha estes logares encantados; e assim chamar-lhe-hei simplesmente *Valle do Guadalhorce*.

É exquisito? Embora: não é para uso da poesia, mas da minha humilde prosa.

Malaga.

Imagine um tracto de costa maritima formando um grande reconcavo voltado para os lados do sul e leste ; no meio da curva um molhe avançando sobre o mar ; a alguns passos para o norte d'este molhe um monte bastante elevado, tendo no cimo um castello, na encosta algumas torres e muralhas em ruinas, e em seguida uma grande agglomeração de edificios, que, descendo dos pendores do norte, oeste e sul, se extendem pela planicie e prolongam com o mar : eis a situação de Malaga.

Atravessa a parte plana da cidade o mais exiguo e sordido dos regatos — o Guadalmedina ; pelo lado do oeste fica-lhe contigua uma veiga fertilissima ; e ao sul extende-se o Mediterraneo, cujas pequenas ondas de prata vêm quebrar sobre a praia de Sancto André, a pequena distancia das casas.

Nada tem de formosa a cidade propriamente dicta. As ruas são em grande parte estreitas e tortuosas ; algumas muito humidas e sujas, por onde vagueiam em plena liberdade os perus, os patos e as gallinhas ; outras regulares, mais espaçosas e limpas, mas quasi desertas. O canal onde corre o Guadalmedina apresenta um fio de liquido nojento, serpeando por entre barracas de um miseravel mercado. O porto tem um fundo de vasa negra como

o chão de uma forja, e as suas aguas são chiqueirosas como se saíssem dos esgotos da cidade.

Tudo isto impressiona tristemente o viajante, sobretudo aquelle a quem não passaram despercebidos os luxuosos palacios de Sevilha, os seus bellos jardins, a animação das suas ruas e o aspecto pitoresco do Guadalquivir, assim como o esmerado asseio das ruas de Cadiz.

Em compensação tem a seu favor a excellencia do clima e as bellezas do Mediterraneo. Eu quizera que lhes sentisse os effeitos numa d'estas manhãs de primavera. Que deleite se experimenta! Tempo calmo, temperatura morna, atmospheria de rara transparencia. Em condições semelhantes devem ter vivido os nossos primeiros paes no Eden biblico: um ceu sem nuvens, um clima sem frio nem calor demasiado, um ar leve, inspirando-se sem esforço, e deixando ver nitidamente todos os objectos.

Ao mesmo tempo um horizonte formosissimo: tudo azul, tudo; mas de um azul puro, terno e melancolico, como ás vezes apresenta o ceu da nossa terra nos primeiros dias de outubro.

Pequena agitação; — rumor brando e suave. Lá fôra as aguas apenas tremem, sopradas pela brisa do noroeste: juncto á praia revolvem-se docemente, soltando eternos soluços.

Depois, do lado do oriente, começa a erguer-se o sol, e os seus raios atravessam o espaço infinito. Uma franja d'ouro desenrola-se sobre a liquida e tremula superficie, enquanto ligeira pallidez cobre as aguas proximas.

É magnifico este espectaculo: grandeza do horizonte, doçura do ambiente, serenidade dos elementos, harmonia das côres e dos sons, tudo cala no intimo d'alma; e o espectador attento chega a comprehender que os antigos tiveram razão quando povoaram este mar de deuses e de beldades; quando collocaram no seio das suas aguas amorosas nymphas, tritões protectores dos navegantes, sereias que cantavam as vagas melodias d'esta natureza privilegiada.

Malaga.

As mais remotas tradições dizem que *Malaca*, hoje Malaga, foi fundada por uma colonia de phenicios.

O seu territorio pertencia provavelmente aos povos conhecidos pelo nome de Bastulos ou Bastetanos, talvez os proprios Mastienos de Hecateo de Milesio, e que depois foram chamados Bastulos *Poenos*, pela sua fusão com os colonos.

Segundo referem as mesmas tradições, tornou-se muito notavel pelo seu commercio. Cita-se especialmente o do peixe salgado, estabelecido em uma pequena ilha, que hoje não existe.

Todas as vicissitudes pelas quaes passou geralmente a Andaluza fizeram-se sentir nesta cidade. Malaga, originariamente phenicia, foi successivamente lybi-phenicia ou carthagineza, romana, vandolica, gothica e arabe, participando das grandezas e miserias de todas estas dominações. Porisso, a não serem alguns factos particulares de menor importancia, a sua historia é a de todo o meio dia da Peninsula.

O periodo da sua maior prosperidade parece ter sido aquelle em que fez parte do reino de Granada. O viajante arabe Ibn-Batutah, fallando d'ella no meiado do seculo xiv, diz que os seus habitantes eram muito industriosos e fabricavam uma celebre

porcellana d'ouro que se exportava para os mais remotos paizes ; e Prescott, a quem se deve um estudo profundo da mesma epocha, descreve-nos as suas grandezas e opulencia nestes termos : «A antiga cidade de Malaga, que já nos seculos xii e xiii fôra a capital de um estado independente, não cedia em importancia senão á propria Granada. Os seus ferteis arrabaldes forneciam á exportação abundancia de productos de toda a especie, e o seu commodo porto sobre o Mediterraneo relacionava-a com os diversos paizes por este banhados, e até com as regiões mais afastadas da India. Graças a estas vantagens, os habitantes tinham chegado a um alto grau de opulencia, que se manifestava nos embelezamentos da cidade, cujos edificios, de formas ligeiras, entremeiados, no gosto oriental, de jardins odoriferos e de repuxantes aguas, encantavam a vista neste ardente clima».

Hoje poucos vestigios ha d'essas passadas civilisações. Apenas se mencionam uma torre do castello de Gibralfaro, attribuida por uns aos phenicios e por outros aos gregos ; as torres e muralhas ruinosas da Alcaçova, obra que alguns julgam anterior ao dominio arabe, mas que apresenta o typo das construcções arabes, proveniente talvez de restaurações feitas por aquelle povo ; alguns restos de antigos edificios ; e emfim as ruas estreitas e irregulares, exemplo d'esse systema de arruamentos que se tem julgado proprio dos arabes, mas que se encontra egualmente em diversas cidades da Italia que elles nunca dominaram.

Malaga.

Eis um uso muito interessante pela sua antiguidade — o do calçado de corda de canhamo e de esparto.

Como sabe, já o *Romancero do Cid* falla d'elle. Quando o Campeador intimou Affonso vi para se purificar pelo juramento da suspeita de assassinato de seu irmão Sancho, disse-lhe :

«Que villões te matem, Affonso ! villões, e não cavalleiros ; que asturios de Oviedo te matem, e não castelhanos ;

«Que tragam *calçado de corda*, e não borzequins laçados ; etc.»

No tempo do dominio romano já o uso d'este calçado de esparto era geral na provincia de Carthagená. Plinio diz-nos que os habitantes teciam a planta não só para se calçarem, mas para vestuario dos pastores.

E na celebre *Cueva de los Murciélagos*, proximo de Albuñol, foram ha annos descobertos muitos esqueletos humanos, attribuidos aos primitivos habitantes d'esta região, que conservavam sandalias de esparto, muito semelhantes ás que ainda hoje usa a gente pobre em certas localidades, e de que tenho visto aqui alguns exemplares.

Assim o troglodyta das *Alpujarras* ha talvez mais de quatro

mil annos já calçava do mesmo modo que muitos dos actuaes habitantes d'este paiz.

A duração d'este uso é facil de explicar: dizem os hespanhoes que não ha calçado mais barato e que ao mesmo tempo offereça tanta commodidade, principalmente aos habitantes das montanhas.

Se não fora isto, a moda, que anda pelas montanhas como pelas planicies, já o teria supprimido.

Malaga.

Pelas dez horas da noite eu parava no meio de uma rua a que ouvira chamar — *de las siete revoltas*. Deante de mim abria-se uma porta, dando para um pateo, e alguém perguntava-me se pretendia entrar.

Approximei-me. Lá de dentro vinham uns sons confusos, estranha mistura de cantos, toques, pancadas no soalho, palmas, gritos e gargalhadas, e ao mesmo tempo uns vapores quentes, cheirando fortemente a tabaco.

Nem um raio de luz saía do edificio: dir-se-hia que alli se passavam scenas reprovadas pelas leis.

Hesitei por momentos; mas afinal a curiosidade venceu: e eu fui seguindo quasi ás apalpadelas por dentro de um corredor.

Entretanto o barulho cessava.

Introduziram-me numa sala ao rez do chão, comprida, baixa e mal illuminada, guarnecida de mesas e de cadeiras, onde se achavam reunidos muitos individuos grosseiramente trajados, parecendo pela maior parte marujos e operarios, alguns muito mal encarados.

Toda esta gente fallava; quasi toda bebia e fumava; alguma praguejava ou dizia obscenidades.

Ao fundo uma especie de palco ; e neste algumas pessoas dos dous sexos sentadas em linha. Era um grupo de dançarinas e de tocadores.

Tomei logar a uma mesa ; pedi cerveja, que me trouxeram em uma infusa de barro, e esperei.

Neste tempo alguns maltrapilhos, com ares arrogantes, foram sentar-se a meu lado, enquanto outros personagens com o mesmo aspecto iam occupando os restantes logares. Em poucos minutos a casa estava cheia e o ar parecia apodrecido.

Emfim os violões soaram ; uma *gitana* do grupo foi occupar o meio do palco ; e o *jaleo* começou.

Tem lido o que ha escripto sobre as bailadeiras da India ; recorda-se de que ellas são escolhidas dentre as mais elegantes e formosas mulheres ; que trajam costumes ricos e provocadores ; e que a sua dança é flexivel e graciosa, exprimindo quasi sempre, por movimentos bem combinados, a paixão do amor. Pois o *jaleo* é uma dança semelhante, muito usada entre os *gitanos* ; e os *gitanos*, segundo as mais respeitaveis opiniões, são oriundos da India : o que pôde muito bem levar-nos a suppor, quando virmos uma *gitana* bonita e elegantemente vestida dançar o *jaleo*, que assistimos á dança de uma Devedassi.

Infelizmente a gitana da *rua das sete revoltas* nada tinha de bonita nem de bem vestida, e o logar onde exhibia os seus talentos não era um pagode, mas uma especie de taberna com ares de café.

Em compensação a sua dança representava um ataque de luxuria, que faria inveja a todas as Devedassis do mundo. Se visse que torrentes de volupia saíam d'aquelle pequeno corpo, e como iam communicar-se aos espectadores ! Todos os seus movimentos, regularmente compassados, eram como um longo sacrificio a uma das mais celebres divindades do paganism. Umaz vezes exprimiam um grande enthusiasmo ; outras o mais completo abandono. Em qualquer dos casos as formas sobresaíam sempre, como parte principal do poema. Nada de

conveniencias nem de constrangimento, como no salão de Sevilha : a bailarina exprimia-se livremente, e os assistentes tambem. Quando a expressão dos olhos e dos labios, a inclinação da cabeça, o arqueamento do tronco e a saliencia dos quadris indicavam uma scena mais licenciosa, a assemblea rompia em freneticos applausos, urrava, e dirigia á bailarina as mais amaveis expressões : parecia doida. Era o delirio da sensualidade ! Deus me perdoe, se erro.

Não quiz ver mais. Aproveitando um d'estes momentos febris, julguei prudente dirigir-me para a porta.

Quando passava proximo do tablado os applausos e os urros eram mais intensos ; a bailarina terminava ; e algumas moedas de cobre caíam a seus pés.

Aqui tem o que é um *Café cantante*, ou antes um *Café urrante*, uma especialidade de Malaga.

Granada.

A partir de Bobadilla campos tapetados de verdura; ao longe, para o lado do norte, uma cadeia de montanhas; a leste um vastissimo horizonte.

É uma paizagem como as dos campos do Guadalquivir: a mesma disposição; o mesmo aspecto de grandeza; o mesmo colorido.

As searas succedem-se sem interrupção. Tão longe quanto a vista alcança a superficie que apresenta esta grande massa vegetal parece unida e plana. Dir-se-hia um pedaço do Mediterraneo que deixámos em Malaga, se o Mediterraneo não reflectisse o esplendido azul d'este ceu meridional.

Passa-se ao lado da velha Antequera, muito conhecida na historia, e ainda hoje pelos seus monumentos megalithicos e romanos. Á esquerda fica a magnifica Vega, coberta de frondosos arvores.

Mais adeante o rochedo conhecido pelo nome de *Peña de los enamorados*. Conta Mariana que um mancebo christão e uma donzella arabe de Granada, amando-se reciprocamente, fugiram da cidade; e que sendo perseguidos pelo pae da fugitiva e seus sequazes, e alcançados neste rochedo, vendo que lhes era im-

possivel evitar a vingança dos mouros, abraçaram-se em despedida e precipitaram-se do cimo da penha; facto de que proveio o nome do logar. Conta tambem a historia que foi neste sitio que veio acampar em 1482 Fernando o Catholico com os restos do seu exercito batido pelo valoroso Ali Atar deante dos muros de Loja.

Para alem da *Penha* encontra-se um territorio montuoso. É uma serie de collinas, serras, valles e desfiladeiros em grande parte incultos, aridos e desertos. O seu aspecto infunde tristeza: grandes massas de rocha; um solo quasi nú; algumas arvores de sombria folhagem; insignificantes culturas.

Só nas proximidades de Loja a paizagem começa a animar-se. A linha ferrea costeia alli alguns valles bem cultivados, cobertos de arvoredos e providos de abundantes aguas.

Loja, engastada entre montanhas, a famosa *flor entre espinhos*, que se banha nas aguas do decantado Genil, é uma pobrissima cidade. As suas ruas são irregulares e mal calçadas; os edificios parecem ruinas. A mendicidade alli deve ser grande: ás vezes ella assalta o trem com um impeto verdadeiramente furioso em busca de um pedaço de pão ou de alguns centimos.

Em seguida a esta cidade o valle do Genil e a veiga de Granada. Imagine um valle muito apertado, que vai alargando até formar uma vasta planicie; nesta alguns arvoredos, vinhas e immensas searas; em redor uma cintura de montanhas: taes são estes famosos logares.

Creio que está aqui a parte mais bella da Andaluzia. Pelo menos as primeiras impressões tendem a dar-lhe a preeminencia. Mas por enquanto não posso affirmar que seja essa a realidade.

Granada.

Corria o primeiro quartel do seculo XIII, terrivel e ameaçador para os musulmanos que occupavam o sul da Hespanha. Os berberes, sempre turbulentos, haviam alcançado pelo seu numero uma grande preponderancia sobre as outras tribus, e d'aqui resultara introduzir-se a discordia e a anarchia nas relações dos diversos povos e até das diversas cidades. As luctas intestinas succediam-se quasi sem interrupção; e os monarchas da Hespanha christã viam com prazer dilacerarem-se os restos do antigo e poderoso imperio dos kalifas.

Nem a religião nem o perigo commum tinham já força bastante para conter as ambições, os odios e os interesses desenfreados dos caudilhos: o sangue musulmano era derramado sem o menor escrupulo, como se fora de infieis, por estas terras tão ferteis e tão formosas.

Tudo fazia presagiar uma dissolução proxima; e os arabes, cujos antepassados haviam feito a conquista e que representavam o elemento civilizador do paiz, olhavam com espanto a tremenda catastrophe que se desenhava no bello horizonte da sua patria.

Eben Hud tentara, é verdade, um supremo esforço para estabelecer a cohesão entre os elementos divergentes, restaurando o poder dos ultimos invasores — os Almohades, e chegara a reunir sob o seu dominio Cordova, Sevilha, Algesiras, Granada e outras cidades; mas a reacção para a unidade não tinha vingado, porque os walis de quasi todas as povoações readquiriram logo a sua independencia.

Assim o mal parecia sem remedio.

Aconteceu, porém, haver na Hespanha durante estes ultimos acontecimentos uma familia chamada Al-Ahmar, que gosava de grande credito, e que contava entre os seus ascendentes um amigo do Propheta. D'essa familia fazia parte um homem illustrado, decidido e ambicioso, com o nome de Ibn-Al-Ahmar, que, vendo com inveja os feitos de Hud, concebeu o projecto de imital-o e ao mesmo tempo arrebatat-lhe o poderio que havia alcançado. Convocando neste intuito alguns parentes, amigos e auxiliares, tentou com elles fortuna, e com effeito conseguiu em pouco tempo fazer reconhecer a sua auctoridade em muitas cidades do Andaluz.

Passava-se isto, segundo alguns, em 1232. No anno de 1235 era já senhor de um pequeno reino, e a capital d'esse reino era Granada.

Então tudo mudou. Como era natural, depois de tantos annos de luctas e de calamidades, milhares e milhares de musulmanos correram de todos os lados a buscar tranquillidade sob a protecção d'este novo baluarte do islamismo; e a monarchia arabe tornou-se ainda uma vez poderosa e capaz de resistir aos esforços dos christãos.

Granada prosperou com uma rapidez prodigiosa. O seu recinto e fortificações foram consideravelmente augmentados; multiplicaram-se os edificios; e todas as industrias receberam dos arabes os mais energicos impulsos. As manufacturas, principalmente a da seda, as explorações mineiras, o commercio e a agricultura attingiram desde logo um notavel desenvolvimento; e era o pro-

prio sultão que alimentava esta febre de riquezas e de bem estar, premiando os melhores productos agricolas e industriaes.

Assim transformada num grande fóco de actividade e de progresso Granada enriqueceu, embellezou-se, tornou-se uma brilhante capital. As aguas do Darro e do Genil foram cuidadosamente distribuidas pela cidade e pela veiga; construíram-se aqueductos, fontes e banhos publicos; fundaram-se mesquitas e ricos bazares, jardins de recreio e estabelecimentos de caridade; e os palacios ergueram-se na Alhambra e nas collinas fronteiras.

Entretanto a população crescia sempre: musulmanos arabes ou berberes, judeus, christãos hespanhoses ou genovezes, a despeito da prohibição dos papas, vinham fixar-se em Granada, attrahidos pela fama das suas prosperidades, e aqui commerciam livremente. No tempo de Mohammad II já o povo era muito numeroso; as maiores illustrações da Hespanha musulmana estavam aqui reunidas; a instrucção derramava-se largamente por todas as camadas sociaes; e as artes engrandeciam os palacios dos opulentos e o famoso Alcaçar da Alhambra, emquanto «a collina vizinha era adornada de repuxantes aguas, de bosques de loureiros, e de kioskes d'onde a vista se extendia pela vasta planicie cercada pelo cinto torreado das muralhas».

Os reinados que se seguiram não foram menos fecundos. Uma grande tolerancia, que estavam longe de imitar os monarchas da christandade, fez augmentar o numero dos estrangeiros. «Os portos musulmanos, diz Prescott, estavam cheios de estrangeiros, vindos da Europa, da Africa e do Levante, de modo que Granada, segundo as expressões de um historiador, *tornou-se o ponto de reunião de todas as nações*». O commercio extendeu-se pelas cidades do littoral até á Africa, Italia e Oriente, onde os estofos granadinos se tornaram muito estimados. As margens do Genil e do Darro foram guarneccidas de bosques, palacios e banhos; construiu-se o Generalife, cercado de jardins deliciosos; fizeram-se passeios bordados de arvoredos; emquanto o interior da cidade recebia dos particulares outros embellezamentos.

A architectura e a arte decorativa produziam então obras admiraveis. Eram casas com torrinhãs de madeira ou de mármore esculpido e cornijas de metal «que scintillavam como estrellas através da sombria folhagem das laranjeiras»; soberbos palacios onde se prodigalisavam os marmores, os mosaicos e os mais finos arabescos de estuque; torres que ostentavam interiormente nas paredes e nos tectos o mais refinado luxo de ornamentação. Diz-se que o Pateo dos Leões e as salas contiguas marcam o periodo mais brilhante d'este engrandecimento artistico.

A par d'isto fundaram-se escholas ou academias e bibliothecas, e as sciencias e letras foram cultivadas com ardor. Granada chegou a possuir sessenta d'estas academias. Os proprios monarchas protegiam os sabios. Mohammad v cercou-se dos melhores escriptores, e teve por vizir o poeta e historiador Ben-Algatif. Aqui viveu tambem por muito tempo o celebre Ebn-Khaldun, cujo cargo juncto do sultão Cantu tenta ridicularisar.

As industrias acompanharam este grande movimento, sobretudo a ceramica, o trabalho dos metaes, da madeira e dos couros e os tecidos. Exploravam-se minas de ouro; havia milhares de fabricas de seda dentro da cidade; e no littoral oitenta engenhos de assucar.

E a côrte granadina era a mais esplendorosa d'aquella epocha. A riqueza, o luxo e a galanteria attrahiam os principes e os grandes de Castella e de França; davam-se constantemente festas, torneios e jogos publicos; e mais de uma vez se viu quebrarem lanças os christãos pelas formosas agarenas.

Durante este glorioso periodo Granada, que os arabes comparavam a — *um vaso esmaltado, brilhante de jacinthos e de esmeraldas* — chegou a ter tres leguas de circumferencia, 1:030 torres nas suas muralhas, 70:000 casas e 400:000 habitantes, e a reunir sob o seu dominio trinta cidades, comprehendendo a opulenta Malaga, oitenta aldeias e numerosos casaes.

A Vega, coberta de vinhedos e de arvores fructíferas, tornou-se um magnifico e vasto jardim. A historia diz que ella recom-

6
pensava o agricultor com o setuplo do preço do seu trabalho. O escriptor já mencionado, Prescott, descreve-a nestes termos: «Os arabes esgotaram, para cultivar a Vega, todos os recursos da sua sabia agricultura: elles distribuiram em mil canaes, afim de a regarem com mais perfeição, as aguas do Genil que a atravessava. Os fructos e as colheitas succediam-se alli todo o anno; transplantaram-se com bom resultado as producções das latitudes mais oppostas, e o linho do norte crescia rapidamente á sombra das vinhas e das oliveiras».

Por isso os arabes chamavam a estes logares — *o paraizo* — e os christãos podiam dizer que eram *o melhor paiz do mundo*.

Granada.

Neste mundo os paraísos não têm o dom da eternidade: todos acabam. O proprio Eden dos nossos primeiros paes desapareceu como um sonho, de que não ficaram vestígios senão na memoria dos homens.

Os arabes foram victimas d'esta lei cruel. Decorridos dous seculos e meio depois da creação do *Paraíso de Granada* tiveram de se resignar a perdê-lo. E perderam-no para sempre. O passado não volta mais: tal parece ser o destino das coisas humanas.

Esta terrivel desgraça teve, como a do Genesis, por causa proxima, um enorme peccado: foi a impiedade dos arabes. E se os anjos do ceu não receberam a missão de reconquistar para os dominios da luz estes logares manchados pela barbaria dos impios, deve-se pelo menos o glorioso commettimento a dous semi-deuses da terra — *os reis catholicos*. Foram elles que pozeram em movimento os exercitos da cruz, bem decididos a alcançarem o martyrio sob os alfanges agarenos, ou o magnifico e cubiçado jardim pela força das suas armas: e Deus quiz recompensal-os, dando-lhes a victoria, e não o martyrio.

Mas — cousa singular — o paraíso não se perdeu só para os

arabes : perdeu-se tambem para os christãos, para aquelles que o conquistaram ! Todos esses esplendores que haviam sido o encanto dos *barbaros* e a admiração dos *civilisados* dissiparam-se como fumo sob o dominio dos hespanhoes.

O facto é cruel, muito cruel para a catholica Hespanha ; mas os factos, como bem diz o piedoso Cantu, *são a linguagem eterna de Deus* : é forçoso respeitá-os como a propria verdade. Quando os hespanhoes se arrojavam á conquista, começaram por devastar os campos mais ferteis e mais formosos d'este paiz. Arrazaram as searas, destruíram as vinhas, e os frondosos arvoredos foram cortados. Parecia que as almas dos Vandalos haviam incarnado nestes duros guerreiros da cruz. «Nunca, diz um historiador, as devastações tinham sido praticadas em tão larga escala. Desde o segundo anno da guerra, a obra da destruição fora especialmente confiada a trinta mil forrageadores, que arrasavam as herdades, os armazens, os moinhos, muito numerosos num paiz regado por tantas pequenas correntes d'agua, arrancavam as vinhas e destruíam as plantações de oliveiras, lorangeiras, amendoeiras, amoreiras e de arvores de tantas especies, que cresciam em abundancia nestas regiões favorecidas». Assim desapareceu a rica e luxuriante vegetação que guarnecia a deliciosa Vega de Granada.

Depois, quando se apoderaram d'esta cidade, ultima fortaleza dos arabes, os ferozes conquistadores assentaram o seu dominio nas seguintes bases : a deslealdade, a intolerancia, a perseguição, a violencia brutal, o assassinato e a espoliação. A despeito do tractado concluido com o ultimo rei granadino, tractado que a razão, a justiça, a humanidade e o proprio interesse exigiam que se cumprisse, os vencidos foram forçados a acceitarem o catholicismo ; prohibiram-lhes os seus usos e costumes, a lingua e até algumas das suas mais ricas industrias ; lançaram-lhes pesados tributos em dinheiro e serviços ; e inventaram mil pretextos para os opprimirem e dizimarem pela Inquisição e pelos tribunaes seculares.

A escravidão foi horrivel, e o exterminio operado com toda a regularidade. Matavam-se os varões, e roubavam-se-lhes os bens, as mulheres e os filhos ! Como se isto não bastasse, decretou-se o exterminio em massa. Os hespanhoes quizeram de um só golpe livrar *a vinha de Christo* d'aquelles infelizes. Provocando neste intuito diversas revoltas, fizeram nelles uma espantosa carnificina, que recorda as monstruosidades dos tartaros e as dos cruzados na Syria. Por ultimo os que escaparam de tantas calamidades foram expulsos do reino ; e só então terminou a medonha orgia.

As consequencias de um tal systema foram desastrosas. Quando se chegou ao final da sua execução, as propriedades estavam abandonadas, as terras sem cultura, as industrias completamente arruinadas, e Granada reduzida a extrema pobreza. E o mal não se limitou a Granada, porque os industriôsos mouros estavam espalhados por diversas cidades da Hespanha christã. «Para o meiado do seculo xviii, diz Adam, a maior parte das mais ricas terras de Hespanha estava absolutamente sem cultura, e dous milhões de individuos definhavam na miseria». Havia até um proverbio que dizia : — «a calhandra, para atravessar Castella, tem de levar comsigo alimento».

Tão grande foi a catastrophe, que até ao segundo quartel d'este seculo Granada e seu territorio continuaram a permanecer no mesmo estado de abandono e de miseria. O nosso Faria escreve que «está tão dessemelhante d'aquelle tempo (dominio dos mouros) como se não fora o mesmo torrão de terra». Adam serve-se d'estes termos : «O viajante que examina o estado actual de Granada tem difficuldade em crer na sua antiga prosperidade. Em lugar das planicies cultivadas, das risonhas plantações, das florestas majestosas, a vista só descobre com tristeza um vasto deserto». E o geographo Urcellu, muito mais moderno, ainda affirma que «por todas as partes se vêem signaes de decadencia e esplendida pobreza». Só um genio poetico como o de Chateaubriand poudé achar nestes logares as bellezas de vegetação que elles haviam perdido nos fins do seculo xy.

Para cumulo de miseria os magnificos trabalhos que os arabes haviam executado dentro da cidade foram barbaramente tratados. Palacios e mesquitas, ricos de marmores e de mosaicos e coloridos de azul e ouro, soffreram os horrores da devastação. Uns foram transformados em conventos e igrejas, outros para habitações dos particulares, e muitos completamente destruidos, vendendo-se os materiaes; e em quasi todos os que subsistiram os ornamentos das paredes foram mutilados ou cobertos de espessas camadas de cal. Nos principios do seculo xvii, segundo Contre-ras, a Sala dos Embaixadores e o Pateo dos Myrthos do Alcaçar Real da Alhambra estavam convertidos em armazens de munições, e os vizinhos pediam todo o edificio para nelle estabelecerem os seus teares; em 1729 os aposentos mais altos do palacio eram applicados á creação de pombas; nos fins do seculo xviii e principios do actual o mesmo palacio era habitado por gente pobre que alli vivia de renda, e os tanques serviam de lavadouro publico; e até em 1833 os porticos do referido Pateo estavam servindo de taberna! Quando isto succedia com o primeiro monumento de Granada, não era muito que todos os outros fossem despedaçados.

Ainda hoje Granada, procurando rehabilitar-se, apresenta por toda a parte signaes de ruina. Afóra alguns monumentos arabes e christãos e as ruas e casas modernas, tudo o mais tem um aspecto de miseria e de tristeza que nos impressiona profundamente. Bairros desertos e ruinosos, ruas mal calçadas e sujas, edificios sem arte, gente pobrementemente trajada, eis o que geralmente se encontra. Dizem que não tem presentemente 10:000 casas, e que o numero dos seus habitantes pouco excede a 60:000. Ainda assim nenhum estrangeiro dirá, passeando estas ruas, que existe aqui uma tal população.

O que apenas se admira na cidade é a posição. Comparam-na a uma romã aberta, por estar assente em tres collinas, e dizem alguns que d'esta circumstancia lhe proveio o nome. O Darro, antigo Dauro por causa da sua riqueza aurifera, atravessa-a

entre a collina do Albaycin e as da Alhambra e Torres Verme-
lhas. O Genil banha-a pelo lado do sul. Para alem d'estas collinas,
ao nascente o magnifico espectaculo das neves eternas, e ao
norte, poente e sul a Vega, tendo alguns jardins e arvoredos nas
vizinhanças da cidade, e no resto immensas searas até ao cinto
formado pela Serra Nevada e pelas de Alhama, Loga, Parapanda,
Elvira e Colomera. Ajunte a isto um ceu e um clima deliciosos ;
um ceu sobretudo que no dizer do velho Alexandre Dumas «não
é como os outros ceus : ha um vapor no ar que peneira as côres,
e que adoça o tom do horizonte, a tal ponto que os olhos pare-
cem descansar sobre um oceano de veludo».

E aqui tem o que é a Granada christã do luminoso seculo xix.

Granada.

Ao cimo da *cuesta de los Goméres*, rua celebre pela tribu africana d'este nome que a habitou, encontra-se aberta na muralha, que se ergue em frente, uma porta monumental, obra de Carlos v, conhecida pelo nome de *Puerta de las granadas*.

O viajante que se aproxima, e estende a vista pelo enorme massiço de verdura que se eleva a uma altura prodigiosa por cima da muralha e se prolonga para a direita até ao alto da collina onde assentam as *Torres Bermejas*, experimenta uma certa anciedade, um estranho movimento de ideas e de sensações, como succede quando se espera um importante acontecimento, ou se está prestes a ver alguma cousa extraordinaria, que a fama, com as suas mil linguas, como a representa o poeta de Mantua, tornou para sempre celebre em todos os cantos da terra.

— É que tem deante de si os bosques e jardins da decantada Alhambra, a perola do Andaluz, o templo mais illustre da civilização oriental na Peninsula, o astro radiante, em torno do qual os filhos do deserto se uniram outr'ora para salvarem os restos do imperio islamita da Hespanha.

— E que deante d'elle vão em breve apparecer os mais bellos monumentos d'essas epochas memoraveis, em que a Andaluzia era como um paiz das *Mil e uma noites*, onde os sonhos chimericos e as realidades brilhantes, as scenas heroicas e os mais requintados deleites davam á vida um cunho de seducção a que o espirito difficilmente resiste.

Se passar alem, se entrar naquelles arvoredos deliciosos, que mal deixam penetrar o sol, e onde as brisas, tangendo na folhagem, formam a mais doce harmonia com o canto das aguas que derivam pelo seio do valle, julgar-se-ha por momentos transportado a algum d'esses jardins phantasticos do *Jennath* musulmano, regados pelas aguas de purissimas fontes, onde passeiam as houris de grandes olhos negros e seio de alabastro.

Tomando depois para a esquerda o caminho que o genio do immortal Chateaubriand consagrou aos amores sublimes do ultimo dos Abencerragens e de Branca de Bivar, umas velhas construcções lhe surgem como por encanto no cimo da collina: são as muralhas e torres da residencia de Boabdil. Estes muros, extranho agglomerado de pedras, talvez oriundas de ruinas romanas e gothicas, tijolos e argamaças de cal e terra pedregosa, que se extendem muito longe de poente a nascente, apresentam-lhe um aspecto phantastico, aerio, indefinivel. Aprumados sobre o rapido declive da encosta, numa altura que chega a produzir a vertigem, e coroados de torres que se erguem para o infinito, parecem uma d'essas visões mysteriosas que o arabe nos seus sonhos de ventura imaginou realisar sobre a terra. O typo monolithico, um dos seus idéaes, predomina por toda a parte; e o visitante não deixa de admirar por alguns instantes as singulares aspirações d'esta raça heroica que pretendia dar ás suas obras proporções que o trabalho do homem não póde attingir.

Se entrar em seguida pela *Puerta del juicio*, elegante construcção attribuida ao melhor periodo da arte mourisca na Hespanha, e onde os symbolos e as inscripções ainda hoje submettem a rudes provas a paciencia dos sabios, atravessar a torre do mesmo

nome e seguir pela estreita rua que fica por detrás, achar-se-ha desde logo no interior da famosa cidadella.

Então, percorrendo o espaçoso recinto, detendo-se diante de cada monumento e de cada ruína, e invocando o passado, as mais tristes reflexões lhe occorrem ao espirito. Dentro d'estes muros existiu outr'ora uma cidade que reunia todos os esplendores da civilisação oriental. Tinha magnificos palacios, harens povoados de formosas mulheres, soberbas mesquitas, deliciosos jardins, e tudo o que a phantasia pôde inventar para regosijo do homem : e viviam aqui os semideuses *nazaritas*, rodeados de uma sociedade luxuosa e elegante e de todo esse cortejo de escravidão e de voluptuosidade que sempre acompanha os thronos dos monarchas do Islam. Innumeraveis guerreiros velavam então do alto d'estas ameias pelo repouso dos filhos da volupia ; e os povos contemplavam com assombro do fundo do valle e das encostas as muralhas do grande monumento erigido ás suas crenças, onde se guardava em adoração o direito de vida e de morte.

Hoje tudo é desolado e triste : o anjo Asrael abateu as suas negras azas sobre o colosso. As muralhas e as torres estão desertas, e cahem em pedaços, roídas pela carie do tempo ou abaladas pela mão do homem ; os palacios e os jardins dos nobres Abencerragens já não existem — o solo está coberto dos seus destroços : quasi tudo desapareceu como uma legião de sombras após o dominio do Koran.

Assim passam todas as cousas humanas. As instituições seguem as phases da vida dos povos : nascem, elevam-se com elles ao maior grau de esplendor, e depois, quando a fortuna abate os obreiros, desfazem-se em pó. É a historia de todos os tempos.

Debalde tentarias evitar esta lei fatal, ó Boabdil, grande principe dos muslimes ! A tua hora tinha soado. Um nobre poeta da tua raça tinha cantado ás brisas ardentes do deserto : — « a sorte toca uma vez a cada mortal... só um relampago ou ligeiro resplendor é o homem ; arde, luz, e deixa cinzas » ; — e tu per-tencias ao mundo dos desgraçados mortaes. Era, pois, forçoso

que partisses, abandonando os esplendores da tua cidade á furia iconoclasta dos crueis inimigos da tua religião.

Mas, apesar de tão grande infortunio, gloria-te lá no teu ceu de prazeres. A Providencia, essa entidade que dirige tanto os destinos dos musulmanos como os dos christãos, não quiz que a destruição fosse completa, e quebrou a furia dos impios. Preciosas reliquias attestam ás gerações que se succedem toda a tua grandeza e o extraordinario brilho d'essa civilisação que não soubeste salvar do precipicio: e o viajante ainda hoje vem de longes terras, sequioso de emoções, haurir nestes logares as mais ardentes imagens de tão glorioso passado.

Granada.

Nada escapa á critica moderna. O Alcaçar da Alhambra, cujas bellezas foram cantadas por grandes genios como Chateaubriand e Victor Hugo, e exaltadas por eminentes artistas, philosophos e historiadores, a ponto de ser considerado como uma das maiores maravilhas que a architectura tem produzido, conta hoje mais de um adversario que põe em duvida os seus esplendores, ou que os nega formalmente.

Ainda ha pouco tempo li um escripto do francez Eugène Gellion-Danglar, que, dizendo haver estudado por muito tempo a civilisação e arte semiticas no Egypto, e ter reconhecido que tudo nellas é vago, frio, inanimado, monotono e arbitrario, vê por este prisma singular o palacio dos reis granadinos. Digo — *vé* — referindo-me simplesmente aos olhos do espirito; porque elle, que censura que todos fallem na Alhambra sem a terem visto com os olhos do corpo, commette precisamente a mesma falta. A prova mais evidente d'esta leviandade está em dizer que a *Puerta del juicio* dá entrada para um pateo com pavimento de marmore branco, rodeado de porticos, e tendo no meio um tanque entre aleas de lorangeiras; quando é certo que ella apenas dá ingresso

..

na *Torre judiciaria*, e d'ahi para uma rua que termina na grande *Plaza de los Aljibes*, antigamente denominada *del Pablar*, onde nada ha que se pareça com semelhante pateo.

Seja, porém, qual for a auctoridade d'este e outros criticos, ignorante como sou dos segredos da arte, e não consultando mais do que as minhas proprias impressões, acho a Alhambra uma obra extraordinaria, magnifica, deslumbrante.

Não é porque ella apresente exteriormente, como certos edificios da Renascença, grandes e complicadas decorações. Por este lado não podia ser mais pobre: as superficies das suas paredes são inteiramente lisas. Mas interiormente tudo muda como por encanto. Quando se percorrem os seus aposentos, um mundo completamente novo se abre ao visitante, mundo cheio de maravilhas, de phantasticas visões e de mysteriosos attractivos. Dir-se-hia uma d'essas mansões deliciosas de que fallam os contos e narrativas do Oriente. Quem tiver lido as descripções dos palacios das *Mil e uma noites*, ou a *Viagem no Oriente* de Lamartine, sobretudo na parte em que este falla das casas de Damasco, encontra na Alhambra uma disposição e um systema decorativo muito semelhantes: taes são os seus pateos, as suas galerias, os seus arabescos, os seus tanques, as suas fontes de marmore repuxando crystallinas aguas, as suas voluptuosas camaras quasi ao nivel do solo. Assim o sonho toma aqui, como ainda hoje na Syria e na Arabia, uma forma real e palpavel; e os poetas não podem ser arguidos de inventarem encantos para engrandecerem o palacio dos Alhamares.

Não se vêem na verdade dentro d'este palacio as columnas de capiteis e bases de ouro, os leões de metaes preciosos, as portas de sandalo e de alões, os thronos de ambar suspensos por columnas de ebano, as tapeçarias de Meka e das Indias, os leitos cobertos de perolas, as luzes de diamantes e mil outras coisas que decoram os palacios das fadas e dos genios; mas as formas architecturaes são tão originaes e elegantes, os pateos e camaras tão commodamente dispostos, os labores dos muros e tectos tão

alheios ás coisas da natureza, e comtudo tão delicados e graciosos, que bastam para darem ao famoso Alcaçar o cunho de belleza e de sumptuosidade, de phantasia e de mystico enlevo que caracteriza aquellas creações da imaginação oriental.

É no Pateo dos Myrthos, antigo *Mezuar* dos arabes, obra attribuida a Mohammad v, que se começa a sentir o extranho effeito d'estes esplendores da arte. Apenas entrados neste grande recinto, parece que deixamos o mundo em que vivemos. Nada do que existe nos nossos habitos, costumes e modo de pensar alli nos fere a vista: tudo é novo, mas de uma originalidade bem accentuada, vigorosa, attrahente.

Póde ser que a arte classica tenha muito que oppor a este desvio das fórmas que ella considera regulares. Mas para mim, que não sou artista nem classico, a configuração do pateo, as duas galerias das extremidades, cujos arcos parecem ter a curvatura do arco romano, e vão apoiar-se em cubos sustentados por ligeiras columnas de marmore branco, os muros decorados inferiormente de mosaicos, os arabescos e inscripções, o estylo e ornato das portas e aposentos lateraes, as fontes de marmore, o grande tanque central e as aleas de espessos myrtos que se conservam do tempo dos arabes, formam um conjuncto admiravel pela simplicidade graciososa do plano, delicadeza das formas e perfeição dos detalhes. E é de notar que este pateo perdeu uma grande parte das suas antigas decorações. Diz-se que o pavimento de fóra das galerias era coberto de laminas vidradas de azul e branco, que os mosaicos guarneciam todo o envasamento dos muros, as portas e aposentos eram mais numerosos e ricamente adornados, os telhados em forma de cupulas e cobertos de telhas esmaltadas, e que as aguas repuxavam de entre os myrtos para o tanque.

Quem poder reconstruir na sua imaginação todos estes esplendores do passado e lembrar-se de que naquelle tranquillo e secreto recinto, perfumado pelas flores das laranjeiras e pelas rosas de Damasco, os representantes do Propheta, repousando sobre almo-

fadas e tapetes de finos tecidos e rodeados de todas as commodidades e prazeres da vida, passavam o tempo ouvindo as poesias melodiosas e langorosos cantares das suas escravas, ou olhando o ceu onde lhes luzia o mais rico e luxurioso dos paraísos, terá realisado logo alli, sem o auxilio de encantamentos ou das musas, um brilhante quadro das *Noites orientaes*.

Passando á Sala dos Embaixadores, o espectaculo é ainda mais attrahente. O Vestibulo da Barca, os arcos da entrada e os nichos ricamente ornados, o traçado geral do edificio, as decorações de mosaicos e complicados arabescos, os balcões, os tectos de figuras polygonaes dispostas em forma de estrellas, as brilhantes côres, tudo emfim nos encanta pela sua estranha magnificencia. Dir-se-ia que nos achamos em um templo erigido á propria Arte, tendo por tecto uma porção do firmamento onde as constellações são regularmente dispostas. E o mais notavel para mim é que todos esses miudos detalhes, em que predomina a linha geometrica, nada perdem da sua belleza por estarem applicados a tão vasto recinto: antes pelo contrario, conservando toda a sua nitidez, dão-lhe um aspecto verdadeiramente grandioso.

Eu não sei se são verdadeiras todas as tradições que correm ácerca d'esta sala. Diz-se que Mohammad III viu alli a onda revolucionaria arrebatá-lhe um dos seus validos, perdendo em seguida a corôa; que nella vivem com as honras de sultana a celebre escrava Zoraya, amante de Abul-Hacen; e que depois teve logar o conselho que decidiu a entrega de Granada aos christãos, e onde o lendario Musa lançou em rosto a Boabdil a sua traição. Seja, porém, como fôr, a falta de valor historico não se sente em presença do valor artistico.

Mas nem o Pateo dos Myrthos nem a Sala dos Embaixadores encerram o que ha de mais primoroso na Alhambra. Onde a nossa surpresa parece tocar os limites, onde experimentamos as mais profundas impressões é na parte do palacio destinada ao Harem. É alli que se acha o famoso Pateo dos Leões, a joia mais rica da Alhambra, o exemplar mais precioso da architectura

dos arabes. Quando entramos neste pateo, sentimos uma especie de deslumbramento. A imaginação do homem nunca traçou obra mais phantastica e ao mesmo tempo tão formosa. São galerias de arcos diversos na forma e nas decorações, mas harmonicos no conjuncto; numerosas columnas de marmore branco, umas isoladas, outras emparelhadas, onde aquelles arcos vão apoiar-se, offerecendo perspectivas admiraveis; porticos elegantes, verdadeiros kioskes de fadas, avançando dos lados de leste e oeste fóra das galerias; muros cobertos de rendas de estuque, que alguns comparam aos exquisitos bordados que as mulheres orientaes executam pacientemente na reclusão do Harem; tectos de brilhantes côres e abobadas de estalactites esculpidas com uma precisão surprehendente; fontes e canaes de marmore; cupulas esmaltadas; elevados belvedéres onde outr'ora assomavam as formosas odaliscas; e mil outros detalhes que difficilmente reteriamos na memoria.

Só um genio muito superior podia ter ideado semelhante construção. Sujeitar tantas fôrmas diversas a uma unidade harmoniosa; conservar o deleite da variedade nos detalhes sem prejudicar a belleza do conjuncto; imprimir-lhe o cunho de força e de grandeza sem que os materiaes sobrecarreguem o edificio e sem elevar este a uma altura consideravel; seduzir emfim a imaginação sem sair fóra das linhas geometricas: é talvez uma das invenções mais maravilhosas que tem produzido o espirito humano.

Se percorrermos em seguida as salas dos Abencerragens, da Justiça e das Duas Irmãs e o *Mirador* de Lindaraxa, o encanto nunca se quebrará. Por toda a parte a mesma elegancia nas fôrmas, o mesmo luxo nas decorações, a mesma originalidade na combinação dos traçados.

Na Sala dos Abencerragens, antiga Sala do Sangue, julgamos ver uma habitação de houris. A architectura e as decorações parecem obra de magicos artificios; a tranquillidade do retiro, a luz quasi crepuscular que o esclarece e a vista das alcovas late-

raes e da fonte de marmore, cujas aguas deslisam a descoberto para o Pateo dos Leões, lembram os mysteriosos deleites do paraizo mahometano. Era nestas alcovas que as formosas filhas de Agar, recostadas sobre leitos de riquissimos brocados, se entregavam aos amorosos devaneios da sua calida imaginação; alli que ellas consumiam a vida em eternos sonhos, contemplando as estrellas e os interminaveis labores d'aquelle orbe luzente, vendo correr as aguas da fonte como renques de perolas no paraizo do Propheta, e ouvindo no incessante murmurio d'essas fugitivas companheiras, que se afastavam para o seu ignoto destino, como que um canto entoado aos seus amores. Ellas parecem animar ainda hoje o phantastico recinto, ellas, que foram reduzidas a um vil pó, de que só Deus sabe o destino. Quando o viajante permanece por algum tempo absorto na muda contemplação d'este primor d'arte, e a viração desloca a poeira do pavimento e dos muros, parece sentir o roçar das suas vestes ou o respirar tranquillo dos seus peitos amorosos. E quando porventura se retira, levando na mente a imagem de tudo o que a sua alma apaixonada alli phantasiou, julga ouvir alguma voz desconhecida que geme na penumbra d'estes logares encantados.

Os outros compartimentos já pouco nos surpreendem; mas continuamos em face do sublime, suspensos entre o sonho e a realidade, extaticos, commovidos, como quando saímos da Sala dos Abencerragens.

A Sala das Duas Irmãs e o *Mirador* sobretudo são duas maravilhas, tanto pela belleza das suas fôrmas como pelo esplendor das decorações. Felizes os que podêrem ler-lhes as inscrições muraes! Elles ouvirão uma especie de cantico, que sôa através dos seculos, nessa lingua flexivel e harmoniosa que fez dos arabes um povo de poetas, e que deve exprimir nos mais suaves acordes as bellezas d'estes logares e os sentimentos que elles inspiram.

Eu tive de contentar-me com uma traducção. Mas apesar d'isto

senti uma das mais vivas impressões lendo-as nestes logares. Com razão dizia Lalande : «Aprecio sempre a leitura dos historiadores e dos poetas ; mas nunca poderia lel-os com tanto prazer como trilhando a terra que elles trilharam, passeando as collinas que elles descrevem, vendo correr os rios que cantaram».

A do *Mirador* contem, entre outros, os seguintes trechos :

«O fresco ambiente espalha aqui com profusão o seu halito : o vento é saudavel e languida a bragem.

«Reuno tantas bellezas e em tão elevado grau, que de mim quereriam tomal-as as estrellas em sua alta esphera.

«.....

«Um orbe de crystal ostenta aqui as suas maravilhas. A belleza acha-se espalhada em toda a sua superficie, que não pôde ser mais opulenta.

«Estão dispostas as côres e a luz de tal modo que, se queres, poderás consideral-as como cousas differentes ou semelhantes».

A da Sala diz :

«Quantos logares apraziveis se offerecem á vista ! O espirito do homem benigno verá nelles realisadas as suas illusões.

«Aqui procuram com frequencia refugio durante a noite as cinco pleiades, e o ar nocivo amanhece suave e deleitoso.

«.....

«Quantos arcos se elevam na abobada sobre columnas que apparecem banhadas pela luz !

«Julgarás que são planetas, girando em suas orbitas, e que obscurecem os fulgores da nascente aurora.

«As columnas encerram toda a especie de maravilhas. Vôa a fama da sua belleza, que se tornou proverbial.

«E ha marmore luzente que espalha o seu resplendor e esclarece o que se achava envolto nas trevas.

«Quando brilha aos raios do sol, julgarás que são perolas apesar da sua grandeza».

«.....

Devemos lembrar-nos de que estes deliciosos aposentos eram

habitados por formosuras peregrinas, e que o anjo Israfil assistia ás suas amorosas contemplações. Os sentimentos eram alli tão intensos, que duas bellas captivas succumbiram victimas de crueis ciumes.

Granada.

A Alhambra não tem sómente o merito da sua extraordinaria belleza : é tambem a expressão fiel dos costumes e da civilisação do povo que a construiu. A vida do arabe, as suas crenças, as suas leis religiosas, as suas aspirações, tudo emfim se manifesta no esplendoroso Alcaçar com uma exactidão de que a historia e o exemplo dos povos, ainda hoje submettidos á lei do Islam, não nos permitem duvidar.

D'ahi esse extranho contraste que a Alhambra apresenta no meio dos povos do occidente da Europa. Dir-se-hia um pedaço do velho Oriente, grave e immovel, com as suas instituições seculares, os seus costumes tranquillos e estaveis, no meio de uma sociedade buliçosa, inconstante, cheia de necessidades facticias, e sempre occupada em transformar as condições physicas e moraes da sua existencia.

Ainda antes de entrar no encantado palacio o visitante é surprehendido por este reflexo do mundo oriental. A face exterior dos muros, a que a falta de janellas dá o aspecto de uma fortaleza, recorda-lhe logo á primeira vista o mysterioso viver dos arabes e aquelle preceito do Alkorão, que diz : «O interior da tua habitação é um *sanctuario* (*sura* 49.º, § 4.º). Recorda-lhe tambem

essa instituição antiquissima no Oriente — a polygamia — que foi sem duvida uma das causas, senão a unica, da prescrição do Propheta.

Na verdade é sabido que já antes de Mahomet a polygamia se achava profundamente arraigada nos costumes orientaes, e que elle a sanccionou, reduzindo todavia a quatro o numero das mulheres (*sura* 4.º, § 3.º); numero a que elle proprio se não limitou, lembrando-se talvez de que poderia não encontrar no paraíso da eternidade as *hur al oyun* que annunciava aos crentes.

Esta instituição tinha, segundo dizem, a sua razão de ser no temperamento dos orientaes, que, vivendo sob um ceu de fogo, não podiam diffundir todo o seu amor no coração de uma só mulher.

Ora, como esse temperamento não era privilegio dos homens, mas attributo tambem das mulheres, surgia naturalmente o receio de que se dêsse o facto inverso da polygamia, isto é, a polyan-dria, de que o proprio Mahomet teve um prudente aviso em sua mulher Aischa.

Era, portanto, necessario fazer da casa de habitação uma especie de *sanctus sanctorum*, um logar fortificado, onde as mulheres vivessem reclusas e cuidadosamente vigiadas: e Mahomet só invocou para esse fim a auctoridade da religião.

No interior da Alhambra o visitante vai encontrar a confirmação d'este asserto. O palacio do Harem não é outra cousa senão esse santuario, onde os ciosos sultões guardavam as suas numerosas esposas, e isto apesar da grande liberdade que geralmente as mulheres arabes gosavam em Granada.

Mas ao passo que se encontra no interior do Alcaçar a explicação do seu aspecto exterior, descobre-se tambem neste ultimo uma das causas da sua fôrma interior. Em habitações sem janellas, collocadas sob a influencia de um clima ardente como o da Arabia ou da Africa, e destinadas a esconderem os tranquillos prazeres de uma raça voluptuosa, era natural deixar interiormente grandes espaços abertos á luz e á ventilação, e construir

vastas salas ao nível do solo, com grandes portas, pavimentos de pedra, fontes e elevadas cupulas, e todo esse luxo de commodidades que tanto devia agradar aos sentidos. Foi isto, de feito, o que a architectura oriental poz em pratica nos diversos paizes regidos pela lei do Propheta; e quando as hostes agarenas invadiram o solo da Peninsula, implantaram aqui o mesmo systema de construcção.

A Alhambra é talvez o mais bello modelo que produziu este estylo architectonico. Os seus pateos, galerias, portas e salas são vastos e bem ventilados, as suas fontes numerosas, e os aposentos perfeitamente accommodados ás necessidades do corpo.

O Harem, a Casa dos Banhos, as fontes e o edificio da antiga mesquita lembram ainda outros costumes e instituições. Mahomet dissera — «as vossas mulheres são o vosso campo; cultivae-as emquanto vos agradar» (Alkorão, *sura* 2.^o). Observando este preceito, desposara dezeseis mulheres, tivera onze concubinas, e estendera a sensualidade até á outra vida, declarando que o mais infimo dos fieis teria na Eternidade setenta e duas *houris* sempre jovens e immaculadas: ao que os seus commentadores accrescentaram que o menor prazer reservado aos crentes só poderia ser supportado neste mundo por quem tivesse a força de cem homens. Com o apoio de semelhante doutrina e do exemplo do lubrico propheta os musulmanos mais opulentos passavam uma grande parte da existencia como verdadeiros sybaritas, entre as suas mulheres e nos prazeres que lhes proporcionava o banho. E estes ultimos, segundo o que leio numa brochura de Contreras, não formavam o capitulo menos luxurioso dos habitos dos reis granadinos. Na Casa dos Banhos ha uma sala, que deve ter sido sumptuosa, chamada Sala das Camas, que era exclusivamente destinada para o sultão se despir e gosar de repouso depois de se banhar, emquanto as odaliscas occupavam as tribunas, recitando poesias e tocando instrumentos; ao lado havia corredores e quartos mysteriosos; e eram sempre mulheres que alli serviam os felizes monarchas,

despindo-os, lavando-os, vestindo-os e apresentando-lhes manjares exquisitos.

Mas o banho não era simplesmente uma fonte de prazeres : era também um acto de asseio. Os arabes tinham por habito e por necessidade um particular cuidado na limpeza do corpo ; o que justifica a existencia de grande numero de estabelecimentos de banhos em Cordova, Granada e outras cidades que elles dominaram. A propria religião lh'o prescrevia nestas palavras : «O asseio é a chave da oração» (Alkorão, *sura* 37.^o).

A oração absorvia também uma parte da sua vida. Mahomet tinha ordenado cinco rezas diarias — antes de romper o sol, ao meio dia, antes e depois do pôr do sol e na primeira vespera da noite (Alkorão, *sura* 20.^o) ; e este preceito era cumprido fielmente tanto pelos reis como pelos vassallos, quer nas mesquitas publicas, quer nas particulares.

E antes de orarem praticavam a ablução. O piedoso Propheta disse : «Quando vos dispozerdes para orar, purificaes primeiro a cara e as mãos até ao cotovello, depois a face até ás orelhas, e os pés até ao artelho» (Alkorão, *sura* 37.^o). Porisso nos pateos de todas as mesquitas, como ainda hoje se nota nos da mesquita de Cordova e da cathedral de Sevilha e no Pateo da Mesquita da Alhambra, havia fontes destinadas a esse uso.

Para o mesmo fim servia, segundo dizem, a Fonte dos Leões, da qual a grande pia tinha o nome de *mar*. Mas por uma singular contradicção as esculpturas de doze d'aquelles animaes, embora desfiguradas, que alli se acham, não se conformam com a prohibição religiosa, que os arabes tinham, de representar as cousas da natureza. Qual a causa d'esta anomalia ? Não sei ; mas, se me é licito aventurar uma ideia em semelhante assumpto, não estará alli uma tradição israelita ? Eis o que diz o Primeiro livro dos Reis no capitulo 7.^o, versiculo 25.^o, descrevendo o *mar* do templo de Salomão, que servia ás abluções dos sacerdotes : — «E estava sobre *doze* bois, tres que attentavam para o norte, tres que attentavam para o occidente, tres que attentavam para

o sul, e tres que attentavam para o oriente: e o *mar* em cima estava sobre elles: e todas as suas trazeiras eram *para a banda de dentro*». Os arabes têm de commum com os israelitas tantas instituições e tantos usos que semelhante supposição não parece muito fóra de proposito.

As crenças religiosas e politicas e a poesia dos arabes manifestam-se nas numerosas inscrições. Por toda a parte, a crer os traductores, se acha proclamada a unidade de Deus, base principal da religião de Mahomet, e estão esculpidos diversos *suras* do Alkorão. Nalguns sitios apparecem d'essas servis adulações que são proprias dos governos absolutos. Consistem principalmente em louvar a magnificencia, poderio, nobreza, valentia, liberalidade e clemencia dos sultões, comparando-os ora ao astro do dia, ora ao da noite, ou invocando a sua ascendencia entre os amigos do Propheta. Noutros as poesias são do genero d'aquellas de que já fallei, exaltando certas obras do Alcaçar, como um quarto, uma sala, uma fonte, um jardim e ás vezes um pequeno nicho ou um vaso; poesias que na verdade fallam pouco á intelligencia e ao coração.

Emfim a phantasia e o esplendor das decorações mostram-nos o arabe faustoso e dado aos prazeres da imaginação, caracteres que são nelle os mais salientes.

Quanto ao estado das suas artes e industrias, basta attender aos traçados do Alcaçar, ás suas combinações geometricas, á dureza dos seus cimentos e estuques, á perfeição do trabalho dos tectos, frisos, cupulas, paredes e arcos, aos mosaicos de azulejo, ao brilho das antigas côres, e examinar o vaso e outros objectos moveis que alli se conservam, para conhecer quanto a civilisação dos arabes estava longe de merecer o nome de barbara que lhe têm dado alguns escriptores.

Granada.

Depois de ver o Alcaçar quasi se não sentem desejos de visitar os outros monumentos arabes de Granada: tão grande é a seducção que em nós produz aquelle magico edificio.

E todavia logo alli, na propria Alhambra, ha alguns que podem interessar o artista, o poeta e o historiador. Taes são, por exemplo, as torres das Infantas e da Cativa, duas joias de architectura e da arte decorativa dos arabes; a porta *del Vino*, que dava ingresso para a antiga povoação da Alhambra Alta; a Alcaçova, monumento curioso da architectura militar d'aquelle povo e ao mesmo tempo um dos logares mais encantadores de Granada; e a pequena mesquita que existe nas proximidades da torre das Damas.

As duas primeiras torres, sobretudo, são dignas da Alhambra. O que lá dentro se encontra é apenas uma continuação dos esplendores do Alcaçar: tão simples e graciosos são os traçados, e tão grande é o luxo dos ornamentos. Póde dizer-se que ellas encerram dous verdadeiros alcaçares, cuja visita seria capaz de compensar os incommodos de uma viagem a Granada, ainda que o Alcaçar Real não existisse.

Mais longe, ao nordeste da Alhambra, mas em posição muito

mais elevada, ergue-se o Generalife, palacio de recreio dos reis granadinos. A barbara devastação chegou até alli, não deixando do antigo edificio senão alguns restos quasi informes; mas os seus bellos jardins são ainda uma das maiores notabilidades de Granada e, talvez, d'este paiz. Imagine alguns côrtes praticados horizontalmente na encosta de uma rapida e elevada collina; nas planuras d'estes côrtes moutas de arbustos e de flores, e numerosas arvores, umas no pleno desenvolvimento das suas fôrmas naturaes, outras recortadas em columnas, arcos e cupulas, applicação das fôrmas architecturaes muito usada pelos arabes; por entre esta magnifica vegetação um braço do Darro, entreendo deliciosa frescura; e em frente a Alhambra, a cidade, a Vega e as montanhas longinquas. Assim situados a tão grande altura, fazem lembrar alguma cousa semelhante aos jardins suspensos da antiga Babylonia: e talvez que estes não offerecessem perspectiva tão formosa como a que alli tinham os monarchas musulmanos no periodo das maiores prosperidades de Granada.

Foi nestes jardins do Generalife que me mostraram o famoso Cypreste da Sultana, muda testemunha dos amores de Aben Hamet e da sultana Alfaïma, que são o assumpto das lendas mais romanescas do Granada. Eu contemplei por alguns momentos este gigante do reino vegetal, coevo de tantas gerações e civilisações diversas, como se fosse um ser que tivesse visto as grandezas e as miserias do passado; e, sem o menor respeito pelas suas cans, ousei arrancar-lhe alguns filamentos da casca, que guardei na minha carteira; não me lembrando que as almas de Alfaïma e do feliz Abencerragem poderiam habitar o seu grosseiro tronco, e dizer-me, como se eu tivesse herdado a furia do Cid, algumas palavras dolorosas como as que Tasso fez sair do cypreste de Clorinda:

*«Perché il misero tronco a cui m'affisse
 «Il mio duro destino, anco mi guasti?
 «Dopo la morte gli avversarj tuoi,
 «Crudel, né lor sepolcri offender vuoi?»*

Subindo á *Silla del Moro*, no alto da collina, o panorama é esplendido. Descobre-se o Generalife, a Alhambra, a cidade, a Vega, as montanhas e sobretudo a Serra Nevada, que parece ficar-nos a curta distancia. D'alli é que eu avistei o Padul, esse celebre monte onde o desgraçado Abdallah, abandonando Granada, chorou a sua perda, e onde Aischa, a mesma que antes de elle entregar a cidade lhe dissera no cimo da torre de Comareh : — «Vê o que entregas, e recorda-te que todos os teus antepassados morreram reis de Granada, e que o reino acaba em ti» — lhe dirigiu esta memoravel e pungente censura : «*Prantea agora como uma mulher um reino que não soubeste defender como homem*».

Na cidade propriamente dicta tambem não faltam monumentos interessantes da mesma origem, nem logares celebrados pelas tradições. Entre elles a porta da Casa do Carvão, que apresenta um bello arco de ferradura ; os restos de um palacio ruinoso do Albaycin, onde se encontram muros guarnecidos de arabescos de estuque ; a espada attribuida a Abdallah ou Boabdil, como lhe chamam os hespanhoes, existente na Casa dos Tiros ; um bazar arabe restaurado ; e a praça de Bibarrambla, famosa pelas justas e torneios no tempo dos mouros.

Estes são os que tenho visto ; mas ha tantos outros, que é forçoso abandonal-os á paciente investigação dos sabios, a quem mais directamente pôdem interessar.

Granada.

Emquanto a civilisação dos arabes dominava em Granada, e produzia magnificas obras, como as da Alhambra, a architectura romana conservava-se na mais completa obscuridade. Nenhum monumento importante, que eu conheça, assignala a sua cultura nessa epocha ; e todos os escriptores que tenho lido parecem reconhecer que ella realmente não existia.

Este facto póde explicar-se pelo concurso de tres factores : a extrema decadencia a que chegara a civilisação romana sob o imperio dos godos ; o brilhantismo da civilisação oriental, que seduzira inteiramente os vencidos a ponto de a arte arabe, como diz Lefèvre, reinar por toda a parte da Peninsula ao sul das Asturias ; e certas restricções que os arabes se viram obrigados a impôr á propaganda christã, as quaes impediram o levantamento de novos templos.

Mas depois que a civilisação arabe cessou de predominar, pela queda do reino granadino, a architectura gothica e a greco-romana foram aqui cultivadas como no resto da Europa, e deram as suas fórmas a diversos monumentos. Taes são, por exemplo, as igrejas de S. Jeronymo e de Sancta Izabel, a cathedral, a Capella Real,

o palacio de Carlos v, a fonte do Marquez de Mondejar e a casa do tribunal.

De todos estes edificios o mais importante, sem duvida, é a cathedral, cuja construcção foi em grande parte dirigida pelo celebre artista Diego de Siloe. Templo vasto, elevado e de fôrmas aparentemente proporcionadas, pôde talvez considerar-se como um dos melhores da Andaluzia. As suas cinco naves são sustentadas por grossos pilares formados por grupos de quatro columnas corinthias: aos lados tem capellas ricas de marmores e retabulos e de quadros dos afamados Alonso Cano, Bocanegra, João de Sevilha, José Rivera e outros. A capella-mór sobretudo é uma peça magnifica. De fôrma quasi circular, alta e bem lançada, tem ainda a vantagem de conter excellentes decorações, entre as quaes avultam as estatuas dos Apostolos e diversas pinturas de Cano, representando a vida da Virgem. O trascoro, porém, é que só me parece notavel pela abundancia de marmores preciosos: o quadro de Sancto Antonio em mosaico, que alli existe, fica a perder de vista quando se compara com as obras do mesmo genero que possuimos em Lisboa na capella de S. João Baptista.

Basta esta grandiosa cathedral para nos dar idéa do desenvolvimento que tiveram as artes em Granada nos seculos xvi e seguintes; desenvolvimento que contrasta de um modo singular com a rapida decadencia que soffriam as suas industrias.

Entre os restantes monumentos da mesma epocha é digna de menção a Cartuxa. Ha alli obras ricas e de muito trabalho, taes como as portas do côro e da sacristia com delicados embutidos de marfim, nacar, pão rosa, prata e ebano, o altar da capella da esquerda e o santuario, feitos de magnificos marmores, e todos os ornamentos da sacristia.

Estes monumentos estão regularmente conservados, ao contrario do que succede com a maior parte dos de origem arabe. O respeito pelos primeiros e a aversão pelos segundos parecem ter sido as principaes causas d'este facto. É preciso ignorar a historia para desconhecer quanto pôdem os odios de raça e de religião,

esses odios selvagens e brutaes que fizeram com que a Hespanha christã sanctificasse a destruição, o assassinato e o roubo contra um povo vencido e humilhado, e condemnasse como uma impiedade a arte d'esse povo e como crimes as suas maiores virtudes. Mas a ignorancia tambem teve a sua parte na devastação. Até ás primeiras decadas d'este seculo o povo de Granada não comprehendia o merecimento de semelhantes obras, como demonstra o desprezo com que ainda nessa epocha era tractada a Alhambra.

Granada.

Partindo da Praça Nova na direcção de leste, pelo caminho denominado *Carrera del Darro*, encontra-se a pequena distancia, do lado esquerdo, uma ladeira ingreme e de mau aspecto, que dá accesso a um dos bairros da cidade.

Subindo por esta ladeira, depara-se-nos uma collina coberta de cactos, tendo espalhadas pelas encostas muitas casinhas de sordida apparencia, ruas alinhadas ao acaso ou antes sem alinhamento, quasi todas faltas de calçada, sujas, infectas, com esse cunho de tristeza que imprime a miseria, e bordadas em alguns logares por cavernas abertas nos recortes do terreno.

É o famoso Albaycin de Granada.

Diz-se que no tempo dos arabes foi rico e florescente. Tinha palacios, jardins, mesquitas, fontes e banhos publicos; e uma população opulenta alli ostentava todo o brilho dos costumes orientaes.

Hoje não passa de uma pobrissima aldeia, quasi um esgoto de Granada. Habita alli a miseria sob todas as suas formas — a fome, a nudez, a immundicia e a degradação.

É uma povoação de párias.

Não são, porém, em grande parte, d'esses párias que produz

a civilisação do occidente, e cuja existencia se discute na eterna questão do pauperismo.

Tambem não se assemelham aos párias da India, condemnados á escravidão e á miseria por uma lei deshumana, nem aos leprosos de Samarkand, isolados por uma necessidade imperiosa, e nem aos *cagots*, esses párias da sociedade christã que appareceram no seculo x em alguns paizes da Europa, e que foram cruelmente tractados pelas leis.

São uns seres especiaes, singularissimos, que formam uma raça distincta da grande familia europeia, e que soffrem a miseria e o isolamento por virtude do seu proprio character, das suas tradições, dos seus habitos e da repugnancia que sentem pela civilisação que os rodeia.

São os *gitanos* !

Todos os conhecem ao menos pela fama. As suas tribus acham-se espalhadas por toda a Europa, Asia e Africa septentrional, recebendo em Portugal o nome de *ciganos*, em França *bohémiens*, em Italia *zingari*, na Hollanda *heidenen*, na Allemanha *ziguener*, na Inglaterra *gypsies*, na Escossia *caird* e na Turquia *tchingenés*.

Nunca se soube ao certo a sua origem. Consideraram-n'os successivamente descendentes de Cain, de Chus, filho de Cham, dos chaldeus, dos cananeus repellidos por Josué, dos habitantes de Singara na Mesopotamia expulsos por Julião o *Apostata*, dos Zichas da Palus-Moeotis, dos hunos de Attila, dos avaros, dos sarracenos ou dos povos da antiga provincia africana da Zengitania. Alguns creram que seriam os representantes dos Sigynnos, colonia de Medos, que Herodoto colloca na margem direita do Ister e confins do territorio occupado pelos Venetos sobre as costas do Adriatico. Outros pretenderam que vieram do Caucaso, fundando-se em Strabão, que menciona os Sigynnos nessa região ; e esta parece ter sido a opinião de Pio II. Outros ainda os consideraram oriundos da Persia, comquanto os proprios persas lhes attribuem diversa origem, designando-os pelo nome de *siah hindou*, indios negros. Finalmente a opinião que teve mais voga

na Edade Media foi a de que vieram do Baixo Egypto. Isto explica a razão por que na Hungria se chamaram *Pharaoh nepek*, povo de Pharaó, e em Hespanha *gitanos*, palavra que eu supponho ser derivada do nome *Egypto* e da terminação *tan*, de origem punica, tão peculiar aos nomes proprios dos logares e povos da antiga Andaluzia.

Hoje, porém, acredita-se geralmente serem originarios da India. Diz-se que as margens do Sindo foram a sua patria, não só porque elles proprios se chamam *Sinte*, mas por se encontrarem naquella região alguns povos, como os Bazigurs, que têm o mesmo typo e a mesma lingua.

O motivo que os trouxe á Europa é outro enygma. Alguns affirmam que eram párias, e emigraram voluntariamente; e outros que fugiram do dominio mogol estabelecido na India por Tamerlão. Elles proprios não sabem tanto da sua origem e das causas da emigração, como os sabios que as têm estudado; ou, se têm a este respeito alguma tradição, não a dizem. Perguntando eu em Sevilha a pessoa, que os conhece de perto, qual a origem que elles se attribuem, respondeu-me que nunca o poude saber; mas que se collocam tão alto, quando lhes fallam nisto, que parece quererem persuadir que descendem de alguma divindade.

O que é certo é que foram notados na Europa em principios do seculo xv. A Moldavia e a Valachia conhecem-n'os desde 1417; Paris desde 14 d'Abril de 1427.

É tambem certo que se apresentaram de tal modo, que pareciam não ter outra religião nem outro fim senão espoliarem os povos por onde passavam: talvez com um prejuizo semelhante ao dos beduinos, que, julgando-se desherdados na pessoa de seu progenitor Ismael, roubam os viajantes e as povoações com a maior naturalidade, como se praticassem uma acção meritoria. Porisso foram perseguidos por toda a parte como animaes damnhinhos. Os crimes de furto, roubo e burla, principalmente commettidos nos gados, e a magia, que exerciam lendo a sina e

curando animaes, factos que ainda hoje constituem em muitas partes o seu unico modo de viver, foram as causas mais importantes d'essa perseguição. Em Portugal já as Ordenações Filipinas no livro 5.º, titulo 69.º, prohibiam que entrassem no reino sob pena de prisão e açoutes com baraço e pregão; e o alvará de 7 de janeiro de 1606, suscitando a observancia d'esta lei, ordenou que não lhes dessem cartas de visinhança, nem se favescessem por qualquer forma, accrescentando á pena estabelecida a de degredo para as galés por tres annos, apparecendo no reino pela primeira vez, por seis na segunda, e por dez na terceira. Mas presentemente não existe semelhante perseguição: elles estão sujeitos á lei commum.

Os caracteres physicos mais salientes d'esta raça são o rosto oval, a tez bronzeadá, os cabellos e olhos pretos, a que é necessario accrescentar uma vista penetrante, um porte altivo e linguagem insinuante. Pelo menos assim me têm parecido todos aquelles que tenho visto.

Quanto aos caracteres moraes diz-se que são intelligentes, mas ignorantes, pouco inclinados ao trabalho, faltos de economia, geralmente perfidos, viciosos, e, como disse, dados ao roubo; o que lhes valeu da parte dos arabes o nome de *charami*, ladrões. Vivem estreitamente ligados entre si, entretendo com os extranhos sómente relações superficiaes e momentaneas, alheios a todo o movimento social, e guardando por toda a parte os usos e costumes e a lingua que lhes são proprios. Porisso o seu viver intimo pouco se conhece. Sabe-se apenas que quasi sempre casam entre os da sua raça; que as mulheres guardam rigorosa fidelidade aos maridos, o que principalmente tem sido experimentado pelos inglezes; que as suas tribus têm chefes electivos; e outras circumstancias semelhantes. Alguns escriptores consideram-nos nomadas; mas esta não é, a meu ver, uma feição caracteristica. Se ha bandos errantes, em Sevilha, por exemplo, tambem os ha sedentarios, segundo me informaram.

É no sitio do Albaycin denominado — *las Cuevas* — cavernas

contemporaneas dos arabes e talvez dos godos, onde os ciganos habitam ha seculos como verdadeiros troglodytas, que melhor pôde conhecer-se o estado d'este povo. Elles vivem alli numa especie de isolamento e profundamente desprezados, ao que parece, pelos hespanhoes. Estes consideram-nos como vilissima canalha, attribuindo-lhes os mais horrorosos vicios. Um amigo d'aqui affirmou-me que ainda ha poucos annos descobriram que elles iam de noite ao cemiterio desenterrar os cadaveres e despojal-os das roupas que depois vendiam; o que na verdade se harmonisa pouco com a idea tão generalisada de que elles têm horror aos mortos. Mas a mim pareceram-me apenas uma raça espuria e desgraçada. Nunca vi espectaculo de maior miseria do que o d'aquellas covas abertas no saibro, estreitas, pouco elevadas, immundas, onde fluctuam miasmas de toda a especie, sem sombra de leito ou de cadeira, e tendo apenas alguns pobrissimos utensilios arrumados aos cantos. Alli dormem conjuntamente paes e filhos, ás vezes cinco ou seis pessoas, sendo ainda obrigadas a darem logar aos cães, aos burros ou aos porcos! Os animaes ferozes são indubitavelmente muito mais felizes.

Quando o estrangeiro se aproxima, uma multidão de creanças esfomeadas, macilentas, sujas e esfarrapadas corre ao seu encontro. As infelizes pedem esmola, gritam, gesticulam, e saltam como um bando de gafanhotos. Passados os primeiros momentos d'este assalto, surgem á entrada das cavernas os vultos esquelidos das pessoas adultas, que fazem côro com os assaltantes; e estes improvisam um baile.

Nada ha que possa comparar-se ao que então se passa deante de nós. Mesmo para quem viu as danças do Café-Cantante de Malaga o espectaculo é novo, extraordinario, espantoso. A dança é executada ao ar livre, no meio de um caminho desigual, cheio de pedras e de immundicias. Alguns dos pequenos bailarinos são disformes e amarellados; outros verdadeiramente bonitos e bem proporcionados. Todos elles, porém, procuram tornar-se graciosos de um modo repugnante: na sua dança imitam os mo-

vimentos licenciosos das pessoas adultas, e chegam a ser obscenos nos gestos e nas palavras.

Quando o bailado começa, movem os pés, as ancas e os braços, segundo um certo rythmo marcado pela voz e pelo bater das mãos. Estes movimentos tornam-se depois mais rapidos ; os rostos parecem animar-se ; os cabellos fluctuam em desalinho ; os farrapos agitam-se para todos os lados, deixando ver a magreza dos membros ; e os pobresitos — elles tambem ! figuram chegar ao auge de uma excitação quasi incomprehensivel.

Isto em creanças de ambos os sexos, que parecem ter dez e doze annos, causa-nos as mais tristes impressões. Todavia não falta quem lhe dê apreço. O espectaculo repete-se com frequencia não só no Albaycin, mas ás portas dos hoteis da Alhambra, onde os estrangeiros o pagam como curiosidade nacional !

Granada.

Ide numa noite de maio passear a collina da Alhambra : percorrei o soberbo arvoredado dos Jardins, o vasto recinto da antiga côrte dos Alhamares, e, se vos for permittido, os adarves da Alcaçova até ao cimo da lendaria torre de *Giafar*. Afianço-vos que, seja qual for o vosso temperamento e o vosso gosto em materia de impressões, sonhareis acordado durante algumas horas. Homem do Norte, mas simples burguez, sentireis, pelo menos, algum prazer na suavidade d'aquelle majestoso arvoredado, e isto vos levará ao sonho das commodidades da vida meridional; poeta, contemplando o sombrio aspecto da vegetação, onde ás vezes se infiltram alguns pallidos raios das estrellas, e ouvindo os vagos rumores da natureza, podereis caminhar com o pensamento até aos velhos bosques sagrados do vosso paiz, onde habitavam os espiritos luminosos e alados que faziam a côrte da amorosa Freya. Se tiverdes um temperamento calido, impregnado de uma boa dose de *orientalismo*, podereis distinguir nessas melodias da creação o mundo de seres sobrenaturaes, Deus, anjos, genios, fadas e houris, que os fundadores da Alhambra viam através dos infinitos horizontes da sua brilhante phantasia por entre a deliciosa vegetação do paraíso. Mero antiquario, in-

differente á poesia, reconstruireis no vosso espirito essas velhas fortificações, esses viaductos subterraneos e essas ossadas, cujos restos são abraçados pelas raizes dos choupos, e imaginareis uma longa dissertação de archeologia. Amador de elegias, ouvireis no susurro triste das mais altas folhas um concerto de gemidos soltos por aquelles a quem a natureza devora os ultimos despojos. Emfim, se fordes do mais puro realismo, e tiverdes lido muitas anedotas de Hespanha, sonhareis, pelo menos, com alguma navalhada no mais escuro do arvoredó, e, instinctivamente amedrontado, apressareis o passo, ou fareis ensaios mentaes de coragem.

Mais adeante apenas poderá mudar o objecto das vossas phantasias. Quer pisando a poeira dos antigos palacios, no meio de grandes ruinas que se erguem como testemunhas immoveis e silenciosas do passado, quer contemplando as fôrmas confusas da cidade adormecida, onde as luzes destacam aqui e além alguns estranhos quadros, a imaginação vencerá todas as repugnancias da vossa indole. Poeta ou prosador, romantico ou realista, septentrional ou do meiodia, ainda que o mais humilde dos pensadores, esse pó que range tristemente sob os vossos pés, essas ruinas tenebrosas, que são a imagem da desolação e da morte, essa cidade que repousa envolta em farrapos de purpura, despertarão no silencio da noite todas as vossas recordações; e vós passareis muitas horas traçando na escuridão esses estranhos esplendores da cidade arabe dos seculos xiv e xv, cuja existencia parece um sonho brilhante dos historiadores.

Eu, que não sei a classe de pensadores a que pertenco, desde o primeiro dia me senti vivamente attrahido para aquelles famosos logares. Apenas as sombras, subindo do valle do Genil, envolviam os cimos das collinas, ia procurar alli um tranquillo refugio aos meus pensamentos; e a estas horas de meditação devo mais de uma das humildes apreciações escriptas nas minhas cartas precedentes.

Devaneios, tambem os tive. Umas vezes detinha-me por muito

tempo nalguma das aleas do espesso arvoredor : olhava os troncos, que iam perder-se na escuridão, e a elevada abobada de folhagem ; escutava os rumores das aguas e das folhas agitadas pela viração ; aspirava com prazer os perfumes das hervas e das flores ; e pensava que esta poderosa vegetação, ostentando todas as suas galas ao lado dos tumulos esquecidos dos monarchas agarenos, estes eternos hymnos e estes suaves perfumes que subiam até ás torres dismanteladas da residencia dos Alhamares eram como um amargo sorriso da natureza dirigido ás grandezas e ás vaidades humanas. Elle parecia dizer : — «O Islam teve o seu dia. A aurora raiou para elle pura e immaculada ; a aragem da fortuna trouxe até aqui as suas leis ; e o sol dourou o seu vasto imperio, deixando o resto do mundo na escuridade. Nesta collina brilharam as suas grandezas ; reis afortunados ergueram lá em cima palacios magnificos onde gosaram de todas as delicias do poder e da opulencia ; e os seus esplendores soaram ao longe por todos os pontos da terra. Mas a aurora passou ; passou a aragem benefica e o resplendor do sol ; e sobreveio a noite. Então tudo foi envolto nas trevas ; tudo se confundiu, tudo desapareceu ; e hoje nem da poeira d'aquelles afortunados se sabe o destino. Emquanto que eu vejo succeder eternamente as primaveras ; a aurora visita-me todos os dias ; e o sol doura a minha formosura até á consummação dos seculos. Sou eternamente moça ; todos os annos visto os meus mais bellos adornos, então estes canticos e espalho estes perfumes para agradar ao Creador ». E estes pensamentos faziam lembrar-me as palavras de Firduey : «Depois de vós succeder-se-ha muitas vezes a estação das rosas ; a primavera renovar-se-ha, muitas nuvens passarão e numerosas flores hão de desabrochar ; e o teu corpo se decomporá, confundindo-se com o negro pó ».

Noutras noites ia sentar-me na *Torre de los siete suelos*. O tempo era delicioso. No ceu brilhavam innumeradas estrellas : a atmospheria tranquillã, morna e impregnada de perfumes produzia nos sentidos esse desfallecimento que alguns comparam á

embriaguez. Através da meia obscuridade distinguam-se no interior do recinto as fôrmas confusas de algumas edificações e o chão raso onde outr'ora existiu uma cidade opulenta: do lado de fóra os hoteis cheios de viajantes, cujas vozes alegres contrastavam com o silencio da cidadella; e logo em seguida o sombrio arvoredado dos jardins da Alhambra. Eu ficava horas e horas olhando ora para a vasta necropole onde estão sepultadas tantas magnificencias do passado, ora para as habitações onde o movimento e a vida se manifestavam por continuos ruidos; e pensava muitas vezes no singular destino que reunia nestes logares homens de nações tão distantes juncto ás tristes ruínas de um povo tão barbara e vilmente perseguido e tão calumniado na sua desgraça. Ás vezes da extremidade do arvoredado soavam as vibrações de um instrumento de corda. Uma d'essas musicas suaves, cheias de vivacidade e de tristeza, que são proprias d'este ceu, d'este clima e d'esta natureza favorecida, fendia o ar como um concerto de suspiros. Julgava ter o rythmo e a melodia das musicas arabes de que tantas vezes ouvira fallar, e que os sabios ainda hoje distinguem nas musicas populares da Andaluzia. Então não posso bem exprimir tudo o que sentia; mas parecia-me que as almas dos Abencerragens vinham assim pela calada da noite cantar os seus amores e as suas desventuras ás formosas mouras que, segundo as lendas, ainda hoje habitam os escuros e mysteriosos subterraneos da torre em que me achava: e o meu espirito, abalado por estes pensamentos, voava através de um mundo de sonhos e de chimeras, como se partilhasse a sorte das sombras que a musica evocava.

Depois os sons cessavam; o silencio tornava-se profundo; e eu descia para o hotel repetindo: O Islam tambem teve a sua noite; e essa é a mais triste das noites. Ella dura ainda: durará talvez eternamente, não deixando ver nestes logares senão pallidos espectros do passado.

Jaen.

Entre Granada e Jaen o extenso territorio atravessado pela estrada é geralmente montanhoso, inculto e deserto. Avistam-se apenas de longe em longe pequenas culturas, raros grupos de arvores de grande porte e algumas casas. Campillo é em todo este trajecto o unico logar que mereça o nome de povoação.

Aqui é que poderiam applicar-se algumas das asserções que eu repelli na minha primeira carta de Sevilha ; mas precisamente nesta parte do Andaluz é que alguns viajantes viram uma vegetação *africana* !

Este genero de vegetação, hoje raro no meio dia da Hespanha, talvez até seja incompativel com a natureza e posição de uma grande parte dos terrenos. O solo apresenta ruim aspecto, tem rapidos declives, e é falto de agua e queimado por um sol quasi tropical.

Devem, porém, exceptuar-se as immediações das duas cidades. Alli sim, ha vegetação que, sem ser africana, póde considerar-se das melhores da Andaluzia. As vinhas, os pomares, os olivae e as grandes searas fazem d'estes logares verdadeiros jardins.

O que mais impressiona, entretanto, é o despovoado do paiz. Não encontrar em mais de 80 kilometros senão uma aldeia faz pensar que a Hespanha está ainda sob o dominio dos romanos ou que soffre as devastações dos barbaros do norte.

Jaen.

Esta cidade era a antiga *Oringis* que Lucio Scipião conquistou aos carthaginezes, e que depois teve successivamente os nomes de *Aurgi*, *Flavium Aurgitanum* ou *Auringis Flavia* e *Giena*.

O que ella foi durante o dominio romano não sei: apenas a vejo figurar em uma das primeiras proezas guerreiras de Sertorio e em outros acontecimentos semelhantes. Tambem a não encontro mencionada por Plinio, comquanto este falle de outras povoações proximas, como *Ossigis* e *Urgao*, hoje Mengibar e Arjona. Comtudo pôde ser que ella tivesse então o nome de *Oningis*, citado por aquelle escriptor.

Ignoro igualmente qual fosse a sua importancia no tempo dos godos; mas, segundo todas as probabilidades, não passaria de um insignificante povoado.

Só depois que caiu a monarchia gothica é que ella se ergue na historia como uma das mais ricas e poderosas cidades do Andaluz. Os arabes chamavam-lhe *Geen*, que os eruditos traduzem por *abundancia*. O seu territorio fornecia-lhe grandes elementos de prosperidade, não só em productos agricolas, mas em mineraes. Prescott refere que Bowles encontrou nelle 5:000 excavações mineiras, e que nos principios do seculo xii tinha 600

aldeias onde florescia a industria da seda. Porisso ella poude resistir durante oito mezes ao exercito aguerrido de S. Fernando.

Hoje não apresenta indicios de riqueza, nem de actividade. Apesar da fertilidade do solo, as suas ruas estão desertas, os edificios parecem geralmente pobres, e a população dorme. É o espectaculo de Cordova, ou ainda mais triste do que o da antiga côrte dos kalifas.

Isto explica sufficientemente o facto de numa soffrivel hospedaria o estrangeiro pagar duas ou tres pesetas para ter o direito de lavar a cara.

Em compensação os *jaetanos* possuem duas cousas preciosas, que parecem bastar á sua felicidade: são os *garbanzos* e a celebre reliquia que S. Euphrasio trouxe da cidade eterna montado no diabo.

Madrid.

Em Jaen terminaram as minhas observações sobre a Andaluzia. Já era tempo. Deve estar enfadado de historias, de cathedraes, de palacios e de ruinas. A civilisação dos arabes, extincta ha alguns seculos, ter-lhe-ha parecido um sonho insipido: o estado actual da Andaluzia uma realidade indifferente á força de ser repetida.

Mas eu não podia fallar-lhe de outros assumptos. Hoje uma digressão por aquella provincia não tem incidentes que interessem. O caminho de ferro transporta-nos do principio ao fim da viagem encerrados dentro de um commodo wagon; e os itinerarios previnem tudo mais. Partindo da patria, já sabemos as mais pequenas minuciosidades da nossa digressão: que havemos de percorrer tantos kilometros de tal a tal lugar, em tantas horas, passando por taes sitios, e com a certeza de que, chegando, não morreremos de fome nem de aborrecimento, porque ha certos hoteis com commodidades para todos os preços, onde se comem taes alimentos, e estes e aquelles logares e monumentos celebres, onde se vêem taes objectos, etc. D'este modo as surpresas acabaram: todas as sensações são esperadas, e até se calcula ante-

cipadamente o grau de intensidade com que devem produzir-se no espirito do viajante.

Muitos dirão mal do systema. Será para elles mais pitoresco percorrer a Andaluzia como Alexandre Dumas em 1846, montado em uma boa mula, pernoitando em ruins albergues, cosinhando os proprios alimentos, travando relações com salteadores ou com a justiça, e praticando outras aventuras, sem ter a certeza do que será feito de cada um no dia seguinte. Mas já estamos tão habituados aos commodos physicos e moraes que nos offerecem o caminho de ferro, o restaurante e o itinerario, que os preferimos a todas as emoções do antigo systema, ainda ás que pôdem sentir-se em face de um mau encontro.

Verdade é que mesmo sobre os assumptos que tenho tractado os livros nada nos deixam dizer que interesse pela novidade. Já depois de escriptas as precedentes cartas tive d'isso algumas provas, vendo que outros expendiam ideas que eu havia adquirido pela minha observação pessoal, e que julgava serem escriptas pela primeira vez.

Não nego que tambem encontrei outras inteiramente oppostas. Li, por exemplo, não sem algum espanto, que a pobre Granada é uma bella cidade que os arabes apenas acabaram de deixar, tendo ainda as mesmas ruas, as mesmas casas, e até as mesmas fechaduras nas portas; que a sua população conserva a selvageria da Edade Media, nutrindo um odio singularmente feroz contra o estrangeiro; que todos os arcos da Alhambra são ogivaes; etc. Mas nem affirmando que os factos protestam contra semelhantes apreciações tenho o merito de dar-lhe uma novidade, porque outros já o disseram antes de eu visitar o paiz.

Ainda assim achei preferivel fallar-lhe de cousas que têm algum valor historico, scientifico, artistico ou meramente social, embora muito usadas pela litteratura de todos os paizes, do que em quaesquer outras. Ao menos com aquellas o espirito sempre lucra; o que não pôde dizer-se das outras.

Bem sei que, seguindo este caminho, não faltarão erros nas

15.000

Arbitrar pro visionales

166

minhas apreciações. Os assumptos são graves e variados, e exigem uma vasta erudição, que eu não tenho. Mas quantos têm errado, fallando dos homens e das cousas d'este paiz! Os mais eruditos se illudiram: Adam, Cantu, Romey ou Le Bon, tanto importa para nos darem o exemplo.

Porisso, se os criticos decidirem que eu fui um visionario que passou pelas famosas terras do Andaluz, terei ao menos a consolação de que na minha humildade partilho a sorte de muitos homens illustres.

- AN
- SEU
- PO
- VI
- BN
- OF

FIM

